

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

CONCEPÇÕES SOBRE BELEZA DE JOVENS COM CEGUEIRA CONGÊNITA

Everton Luiz de Oliveira

São Carlos/SP

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

CONCEPÇÕES SOBRE BELEZA DE JOVENS COM CEGUEIRA CONGÊNITA

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Especial, sob a orientação da Prof^a Dra Fátima Elisabeth Denari.

São Carlos/SP

2012

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

O48cb

Oliveira, Everton Luiz de.

Concepções sobre beleza de jovens com cegueira congênita / Everton Luiz de Oliveira. -- São Carlos : UFSCar, 2012.

172 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2012.

1. Educação especial. 2. Cegueira. 3. Beleza física. 4. Representação social. 5. Corpo. I. Título.

CDD: 371.9 (20^a)



Banca Examinadora de Defesa de Dissertação de **Everton Luiz de Oliveira**.

Profa. Dra. Profa. Dra. Fátima Elisabeth Denari
(UFSCar)

Ass. 

Prof. Dr. Jorge Leite Junior(UFSCar)

Ass. 

Profa. Dra. Tárzia Regina da Silveira Dias
(Centro Universitário Moura Lacerda)

Ass. 

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, José e Sara, que foram de suma importância em todas as fases percorridas até a elaboração final deste estudo. Peço desculpas pela ausência em diversos momentos de nosso convívio familiar, amoroso e afetivo.

Às minhas irmãs, Michele e Angela, cada qual com sua medida e personalidade, sempre acreditaram nas minhas buscas. Agradeço por respeitarem meus limites e devaneios ao longo de todo esse tempo de convivência.

Ao meu primo Jeferson, cuja infância e vida foram ceifadas tão abruptamente, nestes percursos para os quais não há o que conjecturar. Queria que você estivesse aqui comigo meu pequeno.

Ao meu sobrinho maravilhoso, querido Daniel. Criança de poucos anos de idade, que transformou a minha rotina e de toda a família. A cada batida na porta do tio, a cada frase “Tio, sou eu” ou “Não pode entrar, o tio tá estudando”, a cada carinho e sorriso, renovava as minhas energias, trazia a pausa necessária às leituras, pesquisas e estudos.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Fátima Elisabeth Denari, pela acolhida, incentivo e confiança depositada desde nossos primeiros contatos. Agradeço não apenas pela aprendizagem e conhecimentos, mas, acima de tudo, pela gentileza, competência e amparo durante o processo de elaboração/desenvolvimento/conclusão deste estudo. Agradeço também por ter conversado comigo na ocasião do III CBEE e, de lá para cá, me orientado.

À minha namorada Cinthia, pelo conforto e repouso afetivo e emocional, pela amizade, pelos conselhos, bem como por compreender a minha ausência em alguns momentos. Obrigado pelo amor e carinho com o qual tem nutrido nossa relação.

Ao professor e amigo Brancatti, por ter acompanhado minhas batalhas e alimentado minhas esperanças para permanecer no meio acadêmico.

À professora Maria Júlia Canazza Dall'Acqua, por ter colaborado com meu Trabalho de Conclusão de Curso e, posteriormente, por ter me recebido em seu grupo de estudos.

Ao professor Jorge e à professora Tércia, que durante o exame de qualificação teceram criteriosos apontamentos, sugestões e análises. A participação de vocês foi decisiva para que as linhas críticas e reflexivas que sustentam este estudo pudessem ser construídas.

Ao meu cunhado Miquéias, por quem tenho muito carinho.

Aos professores e funcionários do PPGEs, com quem estive todo este tempo: Piedade, Mey, Juliana, Enicéia, Eliane e Alexandre.

Aos participantes deste estudo, com quem aprendi a imensidão dos sentidos e sensações.

Aos alunos e amigos do PPGEs, com os quais dividi angústias, risos, piadas, rotinas, cansaço, trabalho e estudo: Franco, Gustavo, Eliane, Wânia, Carol, Regiane Piedade, Ulysses, Wanderley, Gerusa, Josi, Amanda, Igor, André, Aline, Bruna, Vivi, Thais, Keila, Lucélia, Regiane, Beth e outros que fogem à memória.

*“Quem é belo, é belo aos olhos – e basta.
Mas que é bom, é subitamente belo.”
(Safo)*

RESUMO

Em uma sociedade regida pelo consumo, o desejo pela beleza encontrou coro; em tal interregno histórico, tornou-se produto nas prateleiras do mercado do corpo e do *fitness*, beleza forjada à custa de sacrifícios físicos e psicológicos, projetada no e pelo consumo de bens, serviços e produtos, não é só privilégio biológico e/ou genético, é também econômico. Essa preocupação exacerbada com a beleza corporal é evidenciada na maior parte das aulas de Educação Física, já que durante essas aulas existe uma maior “exibição” da imagem corporal. Ao observar que as pessoas com cegueira congênita apresentam processos de aprendizagem e de simbolização diferentes daqueles empreendidos por pessoas que gozam da sensação visual, despertou-se para a inquietação de que, em um mundo regido essencialmente pelas formas visuais e imagéticas, as pessoas com cegueira poderiam ou não apresentar conceitos sobre beleza, negando ou coadunando com os padrões/modelos de beleza historicamente aceitos e validados. Desta forma, este estudo, de caráter qualitativo e de cunho descritivo, destinou-se a investigar e compreender as representações sociais de beleza a partir da concepção de pessoas com cegueira congênita; e ainda, explicar, discutir e refletir as implicações destas representações no convívio e entendimento do outro e do mundo no qual habita, a partir da voz dos próprios adolescentes. Para obtenção dos dados optou-se por entrevista semiestruturada, as quais foram gravadas e transcritas na íntegra, permitindo que todo o conteúdo fosse analisado qualitativamente por meio da análise de conteúdo. Após um mapeamento junto a duas Diretorias Regionais de Ensino da região central do Estado de São Paulo, foram selecionados três jovens com cegueira congênita matriculados no ensino médio. Os resultados apontam para a maneira generalizante e sublimada com que a beleza é apreendida, internalizada e reconhecida nas práticas cotidianas pelas pessoas com cegueira. Bondade, gentileza, afeição, serenidade, respeito, cortesia, ternura e outras características morais, sociais e éticas, materializam-se na e pela beleza; ou seja, a beleza seria sinônimo de bondade e/ou daquilo que é bom. Para as pessoas com cegueira, a percepção da voz não permite apenas reconhecer as pessoas e suas intenções, mas possibilitaria também atribuir beleza às pessoas. Outros elementos como vestuário, perfume e práticas de higiene também foram, em menor intensidade, referenciados como importantes constituintes na representação da beleza humana. Pode-se identificar uma dissociação entre a beleza e o corpo, de modo que o recente (mas não tão recente assim) fenômeno de culto ao corpo, que coloca as pessoas diante de uma cobrança inesgotável para que tenham um corpo escultural, vigoroso, jovem, “malhado”, tonificado, higienizado e simétrico, parece não permear as intenções, sentidos, ideias, comportamentos e perspectivas das pessoas com cegueira. Por fim, a linguagem (seja aquela utilizada para descrever alguém ou para descrever a si próprio, auxiliando na representação das pessoas com cegueira) aparece como importante aliada na construção de símbolos, significados e representações de beleza, especialmente, em situações onde a exploração tátil não é possível ou permitida, a exemplo do corpo de outrem.

Palavras chave: pessoas com cegueira; beleza; educação especial; representação social.

ABSTRACT

In a society governed by consumption, the desire for beauty is linked to the concepts of contemporary history; this concept has been transformed into a variety of beauty products for fitness and body available on store shelves, designed to help achieve these standards of beauty; people experience pressure to fit into the social ideals of beauty and they are affected both physically and psychologically; the promotion of these ideologies remains a powerful predictor of consumption patterns of individuals with respect to goods, services and products; the perception of beauty is not only determined by the outcome of genetic or biological processes but is also the privileged access to these resources. This exacerbated concern about physical beauty is evidenced in most physical activities, as they allow for a clear perception of body shape. Given that the learning processes in congenitally blind people are different from those who have visual sensations, there was a concern about that, in a world governed essentially by visual shapes and formulated conceptions, people with blindness could show concepts about beauty, rejecting or accepting the standards / models of beauty historically accepted and validated. Thus, this qualitative and descriptive study was aimed at investigating and understanding the social definition of beauty from the perceptions of people with congenital blindness; and, moreover, this article explains, discusses and examines the effects of these perceptions and evaluations of the other person in terms of physical attributes among individuals related to the social environment, from the own voices of these teenagers. A structured interview was adopted to gather data, which were recorded and transcribed in full and allowed for the qualitative analysis of the entire contents through content analysis. A study was carried out in cooperation with two Regional Boards of Education in the central region of the State of São Paulo and three teenagers with congenital blindness enrolled in high school were selected. The results pointed out the generalized and sublimated way that beauty is seized, internalized and recognized by blind people through the day-to-day practices. Goodness, kindness, gentleness, serenity, respect, courtesy, tenderness, and other moral, social and ethical characteristics were materialized in the beauty, suggesting a positive correlation between beauty and goodness and / or what is good. Voice perception is especially important for blind individuals in allowing them to recognize other people and their aims, and also enable them to evaluate their beauty. Other personal items such as clothing, perfume and personal hygiene practices were also regarded, to a lesser degree, as important items and components to help define beauty. One can find that there is a dissociation between beauty and body, so that the recent (but not so new) phenomenon of the cult of the body, when people make efforts to get in shape and achieve a vigorous, young, toned, symmetrical body, seems not to permeate the senses about ideas, behaviors and perspectives of people with blindness. Finally, language plays important roles in defining body as the image that an individual has of his or her body and other people's bodies, and is likewise used to create symbols, meanings and definitions of beauty, especially in situations where tactile exploration is not possible or allowed, as is the case of another person's body.

Keywords: people with blindness; beauty; special education; social representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Identificação dos participantes	107
Quadro 2 – Organização e esquematização das categorias	112

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OBJETIVO GERAL.....	19
2.1 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	19
3 VISITANDO A LITERATURA.....	19
3.1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA E METODOLÓGICA.....	19
3.2 A BELEZA FÍSICA: O PERCURSO HISTÓRICO E SUAS NUANCES.....	33
3.3 A BELEZA REFLETIDA NO E PELO CORPO.....	68
3.4 A PESSOA COM CEGUEIRA E A BELEZA: O PODER DAS IMAGENS NA REPRESENTAÇÃO SOCIAL E OS CAMINHOS POSSÍVEIS.....	91
3.4.1 A cegueira	92
3.4.2 O poder das imagens na construção das representações sociais.....	95
3.4.3 Caminhos possíveis para o casamento entre a beleza e a cegueira.....	100
4 MÉTODO.....	104
4.1 PARTICIPANTES.....	106
4.2 LOCAL.....	108
4.3 MATERIAIS E INSTRUMENTOS.....	109
5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	109
6 APRESENTANDO E ANALISANDO OS DADOS.....	110
7 RESULTADOS.....	111
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
REFERÊNCIAS.....	159
APÊNDICES.....	170
APÊNDICE A.....	171

APRESENTAÇÃO

Realizar incursões ao passado (não tão distante assim) vivido por mim enquanto ser biológico/social/cultural é sempre um exercício prazeroso e que exige uma sensibilidade apurada para poder desvendar inúmeros acontecimentos/fatos/situações que, independentemente de perceber ou não a sua relevância, contribuíram decididamente para o meu desenvolvimento psíquico, cognitivo, comportamental, social, político e profissional.

Iniciei minha trajetória numa escola de ensino primário na zona rural cujo nome não me lembro, apenas sei que levava o nome de um dos abastados imigrantes proprietários daquela usina de produção de açúcar e álcool, onde estava instalada a escola e a colônia que residi com minha família até os oito anos de idade.

Quando mudamos – minha família e eu - para a cidade, fui matriculado em uma escola da rede estadual de ensino e lá me fiz sujeito social e pensante, permanecendo neste espaço de aprendizagem até concluir o ensino médio. O período que passei na educação básica foi envolto por inúmeras e incontáveis experiências, aprendizagens e percalços, compreendendo desde muito cedo que aquilo que insistiam em rotular como segundo lar, este a quem teimava em chamar de escola, não era assim tão paradisíaco e acolhedor.

Ao olhar para trás percebo o quanto essa trajetória como menino baiano, cara de pinto, pirulito, ciclope, testa de amolar machado e outros pseudônimos adquiridos durante a vida escolar fincaram os tijolos sobre os quais construí minha andança e personalidade. Logo, fui levado a compreender que tanto na vida escolar quanto em espaços outros, ser belo ou feio definiria papéis, comportamentos e hábitos sociais, relacionais e afetivos. É importante ressaltar que naquele tempo a escola não conhecia o *bullying*, ou melhor, este não era um fenômeno amplamente estudado e discutido por profissionais, educadores, gestores e pais; portanto, os esforços para diminuir os conflitos, a aversão e animosidade nos relacionamentos interpessoais, ficavam estacionados apenas na relação professor-aluno, naturalizando-se os insultos, agressões e violências protagonizadas no seio da relação aluno-aluno e que nasciam a partir do comportamento e atitude do outro, frente à aparência e forma física.

Obviamente, naquela época não pensava criticamente sobre as mazelas e vicissitudes traduzidas nos e pelos relacionamentos socioafetivos, cobrando dos sujeitos

uma aparência física, corporal e estética reificadas, contudo, podia sentir os reflexos e urgências deste cenário. Com exceção das situações em que o indivíduo tinha um bom rendimento e desempenho acadêmico, a única forma de ser valorizado e reconhecido pelo coletivo escolar (o que não significava ser uma figura benquista e aceita) era possuir uma beleza digna de prestígio e ostentação. Na verdade, entre os alunos, ser belo era uma garantia de que não seria ofendido, esculachado ou desmoralizado.

A pedagogia da minha escola e dos queridos educadores que lá lecionaram, de Freire não tinha nada, ou melhor, havia apenas algumas obras deixadas de canto numa biblioteca úmida e escura, quase tão fria e triste quanto os olhares daqueles que eram açoitados física e verbalmente no cotidiano de práticas didático-pedagógicas como as dos nossos professores de Educação Física. Professores estes que tomavam para si nossos físicos e esqueciam-se da Educação (será que chegaram a tê-la?). A educação como veículo para emancipação crítica e autocrítica, modelo para uma formação humana e sensível, promotora do pensar/refletir/agir sobre o mundo e diante dos sujeitos e das problematizações que os rodeiam, parece ter sido banida ou, na melhor das hipóteses, esquecida por estes (meus) professores de Educação Física.

Desta feita, aqueles infames apelidos e estigmas fabricados no contato com o outro encontravam eco nas aulas de Educação Física, principalmente quando uma condição física e desempenho técnico/corpóreo incompatível com aqueles corpos frágeis, dóceis e imaturos era requerida. Então, aqueles que não gozavam de qualidades e/ou virtudes físicas, gestuais e motoras, eram segregados voluntária ou involuntariamente das aulas ou protagonizavam papéis como o de “café-com-leite”, “coitado”, “preguiçoso”, “descoordenado” ou “burro” e, outras, figuravam como “aluno-do-atestado”.

A maneira sorrateira como a figura do professor de Educação Física era construída e fixada no imaginário coletivo escolar sempre me intrigou, por ser digna de um misticismo de causar inveja a qualquer fenômeno sobrenatural alocado na história dos diversos povos e culturas. Figura sempre venerada, gozava de status e de reconhecimento indiscutível dentro do espaço escolar, quando na verdade não passavam de profissionais preconceituosos, preguiçosos, autoritários, agressivos, persuasivos, descomprometidos, sarcásticos, incompreensíveis, insensíveis, desumanos e limitados, pedagógica e intelectualmente.

Isto posto, ao acessar o curso de Educação Física pretendia fazer com que meus antigos professores servissem de “contra-modelo” e estava certo de que as buscas

seriam por espaços e ensinamentos que me distanciariam (de alguma forma) destes professores plasmados pela educação higienista e militar.

Quando ingressei no ensino superior no curso de Educação Física da UNESP/Presidente Prudente, tive a oportunidade de participar de estudos/pesquisas/extensões universitárias na área de Educação Especial.

Como Bolsista de Extensão (PROEX) participei do Programa de Atividade Física Adaptada, consistindo na realização de atividades físicas dentro das escolas da rede pública estadual, especificamente aquelas com salas especiais para alunos com paralisia cerebral. Neste período de graduação também integrei o Projeto Basquetebol Sobre Rodas, que tinha por objetivo desenvolver os aspectos esportivos, físicos, afetivos e sociais de pessoas com deficiências físicas, oportunizando a participação em competições e eventos esportivos dentro deste esporte.

Durante o ano de 2005 realizei meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos de Presidente Prudente – SP, cujo objetivo foi o de desenvolver as capacidades visuais responsáveis pela discriminação das cores em crianças com baixa visão. Esta pesquisa possibilitou uma significativa aproximação do universo dos deficientes visuais com cegueira e baixa visão, favorecendo uma melhor compreensão das relações sociais, conceitos, valores e crenças que permeiam a vida destas pessoas.

Naquele momento, mesmo não tendo desenvolvido a pesquisa com pessoas com cegueira congênita, a imersão no cotidiano das vivências, práticas e estudos ligados ao universo destas pessoas, identifiquei-me com temas pouco explorados, a exemplo das relações socioafetivas e as representações simbólicas sobre corpo e a beleza.

Meu posicionamento sempre esteve envolto por práticas e construções preconceituosas e depreciadoras que foram se (trans)formando histórica e socialmente, a cada caminhada no contato com a diferença, influência decisiva nas minhas práticas profissionais, acadêmico-científicas e pessoais.

De lá para cá, efetivei-me, no ano de 2006, como professor da rede pública estadual de ensino, assumindo um cargo na cidade de Guarulhos, região da Grande São Paulo, onde pude acessar espaços sociais/culturais/educacionais que mostraram como a realidade educacional inclusiva ainda caminha a passos curtos, ladeada por uma inclusão social que engatinha.

De volta ao interior no ano de 2008, removido para uma escola no município de Gavião Peixoto, pude, novamente, estreitar-me com o campo acadêmico e científico.

Matriculei-me como aluno especial na disciplina de Teoria Crítica e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP/Araraquara, que contribuiu para o amadurecimento de minhas intenções de pesquisa para o Mestrado.

A minha história como sujeito social que ao longo do período escolar foi cobrado e julgado por uma beleza que nunca me visitou, além das vivências e experiências com aulas de Educação Física que vigiaram/adestraram meu corpo e vilipendiaram minha beleza e aparência estética, e, posteriormente, no exercício como profissional desta referida área que pensa o corpo, que observa as práticas sobre o corpo, que encorajou uma reflexão sobre outras possibilidades para essa beleza.

Ao admitir que a existência histórica e social deste corpo-sujeito foi sufocada por uma beleza, beleza que na contemporaneidade sufocou o sujeito social e tornou-se substantivo/nome para este corpo e no exercício de retomar as construções e conjecturas, quando da supracitada proximidade com a área da deficiência visual, decidi investigar a existência (ou não) e a natureza das representações de beleza para pessoas com cegueira.

1- INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar a temática sobre beleza na área da Educação Especial, especificamente no bojo da deficiência visual, foi construído em momentos distintos. O primeiro diz respeito ao período de graduação do curso de Educação Física, como referido anteriormente: tendo contato direto com pessoas com deficiência visual com baixa visão e cegueira, ao longo do ano de 2005, interessando-me pelos assuntos que tinham relação com o universo da beleza e dos relacionamentos interpessoais e afetivos destas pessoas no palco das suas próprias experiências e objetivações de vida.

O segundo momento, já um pouco mais recente, trata do período em que me acumulam experiências profissionais, a partir da disciplina de Educação Física, como professor titular da rede estadual de ensino, desde o ano de 2006. A partir deste período comecei a observar a importância que a sociedade e, em particular, os alunos do ensino médio, davam aos aspectos físicos e de beleza no momento de se relacionarem com seus colegas, fosse por meio de jogos, atividades lúdicas ou formação de grupos para realizarem atividades do currículo.

Essa preocupação exacerbada com os aspectos físicos é evidenciada na maior parte das aulas de Educação Física, já que durante essas aulas existe uma maior “exibição” da imagem corporal, provocando um isolamento daqueles alunos que não atendem aos padrões sociais de beleza e estética reinantes na contemporaneidade.

Olivier (1999) entende que a Educação Física parece ampliar e aprofundar as questões do corpo desde a última década; porém, a beleza ainda permanece um campo pouco explorado dentro desta área. Isso se deve também ao fato de que esta disciplina ao longo da história se preocupou mais em controlar, vigiar, punir, adestrar e dominar o corpo e suas práticas do que em entendê-lo como espaço de fenômenos sociais, culturais e históricos (SOARES, 1994).

Segundo Medina (1991) observa-se uma invasão de ideias, discursos e propagandas que visam despertar e incentivar direta ou indiretamente determinadas práticas corporais, geralmente associando-as às buscas e percursos que possibilitam a fabricação de corpos ideais.

Para pontuar esta discussão tem-se a contribuição de Brasilio (2007) que em seu estudo identificou que para 93% dos jovens entrevistados, a exposição constante de modelos corporais pelas revistas, televisão e cinema contribuiu para a divulgação de um modelo ou padrão corporal hegemônico. Ainda, para este referido autor, o padrão de

beleza – magro, jovem e branco – atinge as diversas classes sociais, ao passo que neste processo todos os demais modelos corporais que constituem a coletividade seriam vilipendiados.

Pinheiro (2003) analisou o nível de aceitação corporal entre escolares de 8 a 11 anos de idade e constatou que 82% das crianças desejavam uma silhueta diferente da sua, sendo essa insatisfação associada à percepção das crianças de que havia expectativas por parte dos pais e dos amigos para que fossem mais magras.

Neste cenário entender-se-á que a Educação Física passa a ser decisiva tanto na conformação quanto na possível e não mais admiável contestação deste padrão de beleza corporal e estética, já que estes profissionais são os principais (mas não os únicos) envolvidos em uma educação pensada no e para o corpo.

As discussões sobre beleza e corpo são muito familiares aos profissionais da disciplina escolar de Educação Física, porém, nem sempre são feitas de maneira crítica e reflexiva, o que faz com que muitos profissionais acabem compactuando com a criação e estabelecimento de modelos idealizados de beleza corporal sem um movimento de contraposição ou problematização, admitindo-se práticas pedagógicas que enaltecem o fenômeno estético e condicionam os comportamentos e atitudes na busca do belo (SILVA e PORPINO, 2010).

Neste sentido, pode-se compreender que “historicamente a Educação Física traz consigo concepções de corpo pautadas pela formação estética e ideias de beleza atreladas às práticas corporais, traduzidos em corpos retos, esguios, esbeltos e atléticos.” (SILVA e PORPINO, 2010, p.1).

Enquanto os profissionais de educação física e, em particular, aqueles que estão diretamente envolvidos com o cotidiano escolar, não concentrarem esforços em torno da desmistificação e do desmantelamento dos atuais paradigmas sobre da beleza e do corpo, tanto os educandos quanto a sociedade como um todo, ficarão à mercê de discursos e constructos sociais e culturais que traduzem, entre outros interesses da classe dominante e da ordem econômica.

A beleza e o corpo estão tão intimamente ligados à Educação Física e ainda hoje é possível observar uma forte associação entre um corpo belo/perfeito e o modelo de profissional esperado/desejado, ou seja, o corpo serviria como uma espécie de currículo, veiculando-se a ideia de “boa forma” e/ou “boa aparência” à qualidade profissional (SILVA e PORPINO, 2010).

Olivier (1999, p.2) exprime também que tanto a “Educação Física quanto a mídia desempenham um papel considerável enquanto reprodutoras de um modelo de corpo hegemônico que se considera belo”.

Portanto, não se pode negar a influência das mídias neste processo, já que exploram em suas publicidades e propagandas, o corpo e suas formas idealizadas (DE MARCO, 2011). Neste sentido, deve-se analisar a importância do professor de Educação Física na identificação de alunos que estejam em níveis “muito abaixo do peso”, considerando-se que este possa ser um indicativo de que aquele aluno esteja com problemas de saúde; e/ou numa busca desmedida e desenfreada pela manutenção de um corpo “magro”, principalmente no caso do público feminino.

Na contemporaneidade, a beleza deixou de ser apreendida apenas como uma qualidade ou atributo caro a determinadas pessoas, passando a ditar as práticas, atitudes e pensamentos cotidianos, reconfigurando os sujeitos sociais e históricos pelo reconhecimento e contemplação de um sujeito que agora passa a ser um corpo, o corpo que chega e se faz presente, corpo que deve ser belo para ser social e humano.

Numa sociedade regida pelo consumo, o desejo pela beleza encontrou coro, em tal interregno histórico, se tornou produto nas prateleiras do mercado do corpo e do *fitness*¹, forjada à custa de sacrifícios físicos e financeiros, beleza projetada no e pelo consumo de bens e produtos, é privilégio, tem dono. A beleza mais do que adjetivo, qualidade ou atributo passou a ser uma necessidade, uma cobrança social sobre aqueles que serão valorizados pelo seu corpo, seu corpo belo.

Segundo Novaes e Vilhena (2003, p.30) na “modernidade, a beleza encontra-se vinculada a diversas formas de sociabilidade, impondo sua ordem como uma instância reguladora que abarca um número cada vez maior de contextos e formas sociais”.

Desta forma, entende-se que a beleza pronunciada pelo corpo seria, possivelmente, decisiva na construção das relações interpessoais e dos vínculos afetivos estabelecidos pelos sujeitos nos mais variados espaços sociais e momentos da sua vida, tais como escolas, trabalho, clubes, academias de ginástica, festas, viagens, passeios entre outros(as).

¹ A palavra *fitness* deriva da língua inglesa e é comumente associada à “boa forma” ou “bom condicionamento físico”; porém, com o advento dos avanços científicos e tecnológicos relacionados aos treinamentos e a performance físico-corpórea de atletas e não-atletas, o termo *fitness* passou a ter relação com tudo aquilo que é pensado, criado, projetado e “disponibilizado” em termos de exercícios, atividades e treinamentos físicos para ser “consumido”, praticado e/ou utilizado com a intenção de se obter saúde e beleza.

Para Berger (2006) e Vigarello (2006) as buscas desmedidas para alcançar um modelo de beleza idealizado e reificado; a cobrança por um corpo ideal; a construção de arquétipos do tipo musculoso e atlético (para o homem) ou magro e “sarado” (para as mulheres); o anúncio e naturalização de um padrão de beleza que vilipendiaria todas as outras constituições corporais e estéticas corroboraram para a construção de um fenômeno chamado de “culto ao corpo”, tendo surgido no final do século XX.

Das palavras de Berger (2006, p. 140) apreende-se que

A ideologia que se vende aos adeptos do culto ao corpo é que o indivíduo, ele e somente ele é quem vai prestar contas ao olhar crítico e hierarquizante de seus pares, além de se submeter ao escrutínio da fita métrica, da balança e do espelho em um processo que exige dele uma conduta ascética, racional e individualista. E mais, além de ser produto do esforço individual, passa pela conquista de um corpo que só ele vai ter e, posteriormente, da forma física como veículo de afirmação de *status*, conquista de parceiros sexuais em mesmo nível estético e inserção social.

Nas palavras de Pereira (2000, p. 80) apreende-se que “culto ao corpo”, “nada mais é do que a exaltação da beleza física em si, independentemente de atributos morais”.

Isto posto denota-se a importância das imagens e do mundo visual para a disseminação dos modelos ou padrões de beleza historicamente aceitos e validados, compreendendo que, ao mesmo tempo em que essa beleza desfila sob o olhar atento da contemporaneidade, fixam-se as representações sociais do belo que exercem poder e influência nas práticas, atitudes e convívios sociais.

Portanto, ao observar que as pessoas com cegueira congênita apresentam processos de aprendizagem e de simbolização diferentes daqueles empreendidos por pessoas que gozam da sensação visual e como aponta Batista (2005) estas pessoas não aprendem nem mais nem menos, apenas de uma forma diferente; a partir dessa teoria, despertou-se para a inquietação de que, em um mundo regido essencialmente pelas formas visuais e imagéticas, os cegos poderiam ou não apresentar representações ou conceitos de beleza.

Na busca por uma fundamentação teórica que pudesse consubstanciar incursões investigativas e conhecimentos no campo resignado por fenômenos em torno da beleza e do universo da cegueira; e, ainda, a sua importância nos processos socioafetivos, no desenvolvimento psicossocial, cognitivo e comportamental destas pessoas, recorreu-se à teoria das representações sociais.

As representações sociais são conjuntos de conceitos, frases e explicações associadas a um objeto, pessoa, crença e que influenciam todas as nossas práticas sociais (MOSCOVICI, 2004).

As representações sociais tratam dos conceitos, significados e interpretações formados pelo senso comum sobre determinados objetos, coisas ou fenômenos em um espaço/tempo definidos no interior de um grupo social específico, agindo diretamente nas práticas cotidianas dos sujeitos e modificando-se a partir destas mesmas práticas num movimento dialético (MOSCOVICI, 2004).

No caso deste estudo, tratar-se-á, especificamente, das representações sociais da beleza a partir da realidade e objetivações de adolescentes com cegueira congênita, utilizando a literatura e a voz dos próprios adolescentes para explicar, discutir e refletir quais as implicações destas representações no convívio e entendimento do outro e do mundo em que habita.

Considera-se que a partir da compreensão das representações sociais por parte das pessoas cegas em relação à beleza, pode-se pensar em alternativas educacionais para desmistificar preconceitos, sejam eles em relação às pessoas cegas ou aos preconceitos das próprias pessoas cegas em relação às demais pessoas.

Assim como as pessoas videntes, uma pessoa cega pode manifestar preconceitos, concepções, representações de algo que podem funcionar como impeditivos para que a mesma estabeleça relacionamentos, seja, por exemplo, porque ela se entende como um ser “feio”; e/ou porque as limitações visuais provocam representações de beleza não semelhantes à maioria dos membros da sociedade.

Tendo em vista a complexidade dos processos socioafetivos da pessoa cega, decorrentes, entre outros fatores, da falta de pesquisas/estudos voltados para as representações sociais das mesmas em relação à beleza; lembrando que os conceitos de beleza que uma pessoa apresenta exercem grande influência nas relações interpessoais que a mesma estabelece (NOVAES e VILHENA, 2003), questiona-se:

Quais as representações sociais que as pessoas cegas possuem em relação à beleza?

Com referência ao campo das representações sociais, entende-se que estas são “historicamente construídas e estão estreitamente vinculadas aos diferentes grupos socioeconômicos, culturais e étnicos que as expressam por meio de mensagens, e que se refletem nos diferentes atos e nas diversificadas práticas sociais.” (FRANCO, 2004, p.170).

Complementarmente, tem-se que

(...) as representações sociais são elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos. No caso do uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, os homens explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo... e assim por diante. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e estão, necessariamente, ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem (FRANCO, 2004, p.170).

Por meio das representações sociais o sujeito reinterpreta tudo aquilo que é recebido do exterior quando se relaciona com o meio por interações sociais. Assim é possível ressignificar aquilo que é recebido do exterior, no contexto de valores, códigos e condutas sociais presentes no grupo social de que faz parte; desta forma a representação social se torna decisiva na elaboração e escolha dos comportamentos sociais.

Neste sentido, Abric (1998, p. 28) expressa que as representações sociais “funcionam como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, ela vai determinar seus comportamentos e suas práticas”.

Destarte, abordar e realizar pesquisas utilizando as representações sociais é de extrema relevância não só para a Educação e a Educação Especial, mas, seguramente para toda a sociedade do conhecimento, por ser considerada ingrediente fundamental para a melhor compreensão desta sociedade (FRANCO, 2004).

Espera-se com os resultados deste estudo, apreender as significações e representações que as pessoas com cegueira apresentam sobre a beleza, conscientizando essas pessoas sobre a construção sócio/histórica dos modelos corporais hegemônicos e os interesses ocultados neste processo, os quais por sua vez, poderão ressignificar esses modelos e interferir criticamente no processo de construção da sociedade e das relações humanas que a estabelecem.

2 - OBJETIVO GERAL

Investigar e compreender as representações sociais de beleza a partir da concepção de pessoas com cegueira.

2.1 - OBJETIVO ESPECÍFICO

Explicar, discutir e refletir as implicações destas representações no convívio e entendimento do outro e do mundo no qual habita, a partir da voz dos próprios adolescentes.

3 - VISITANDO A LITERATURA

3.1 - REPRESENTAÇÃO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA E METODOLÓGICA.

O domínio e a comunicação com o mundo que nos cerca é condição ímpar para que possamos experienciar e dialogar com as sensações/conflitos/vivências inauguradas a partir de um estado ou solidificação do ser social. Frente à necessidade de decifrar e enfrentar esse universo social em que emaranhados signos, valores, ideias, pensamentos e saberes, ditam os passos e os trajetos que levam às relações com o mundo e com o outro; na medida em que somos influenciados e também agentes influenciadores, as representações sociais seriam a ponte através da quais essas problematizações e desafios diários seriam compartilhados coletivamente, influenciando decididamente nas escolhas, desejos, vontades, decisões diante das situações ou fenômenos sociais postos (MOSCOVICI, 2004).

Ao recorrer à teoria das representações sociais pretende-se uma aproximação com elementos, pesquisas e contribuições deste campo de investigação científica, que possam consubstanciar ou complementar este estudo que ora se apresenta, com perspectivas de análise e pressupostos teórico-conceituais que alimentaram pesquisadores e pesquisas com os mesmos interesses temáticos, tais como Joffe (2003) e Rangel (1999).

A teoria das representações sociais foi inaugurada por Serge Moscovici, propondo um estudo dos fenômenos sociais a partir daquilo que chamou de universos consensuais do pensamento, ou seja, seriam os constructos do pensamento alicerçados pelas objetivações cotidianas, levando à “teoria do senso comum” (JODELET, 2001).

As representações são absorvidas pelo cotidiano e o mundo comum em que habitamos e nos relacionamos com nossos pares; circulam nas e pelas mídias que olhamos e escutamos. O conhecimento faz-se na interação e comunicação, sempre conectado aos interesses humanos imbricado, emergindo dos convívios, desejos, satisfações e frustrações humanas; desta forma, são sempre produto de interesse de um grupo específico de pessoas, em situações específicas, ao passo que essas representações assentam-se sob o poder social da comunicação, relacionando pessoas e saberes, saberes e pessoas (MOSCOVICI, 2004).

Nas palavras de Jodelet (2001, p. 21) pode-se admitir que as representações sociais são esculpidas numa acepção teórica e conceitual dinâmica e flexível, cuja gênese anuncia que :

(...) as representações sociais são fenômenos complexos sempre ativados e em ação na vida social. Em sua riqueza como fenômeno, descobrimos diversos elementos (alguns, às vezes, estudados de modo isolado): informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc. Contudo, estes elementos são organizados sempre sob a aparência de um saber que diz algo sobre o estado da realidade.

Sá (1998) exprime que participar deste universo consensual como meros sujeitos sociais ou indivíduos comuns que o protagoniza, diferencia-se, absolutamente, das possibilidades de fazer deste um espaço de estudo substantivo da psicologia social. Desta feita, as pesquisas em representações sociais intencionam produzir outros conhecimentos a respeito deste saber social, transformando-os em objetos manipuláveis pela prática científica.

Para Jovchelovitch (2003) a teoria das Representações Sociais articula-se tanto com os aspectos coletivos e sociais quanto com os processos de construção simbólica a partir dos quais os sujeitos sociais podem enfrentar os desafios do mundo ao seu redor, compreendendo seu lugar e identidade social.

Uma caracterização da representação sobre qual a comunidade científica estaria de acordo trata de compreendê-la como um saber prático, que consolida um saber que é comum a um conjunto social. Na medida em que é definida como um saber natural,

diferenciando-se do conhecimento científico, tem-se, concomitantemente, a sua valorização como objeto de estudo tão legítimo quanto este, justificando-se pela sua relevância na vida social e sua contribuição na elucidação dos processos cognitivos e das interações sociais (JODELET, 2001).

De acordo com Grize (2001, p.135) “aquém ou além do conhecimento científico, existem saberes dos quais nós vivemos, o ‘nós’ sendo tanto o *vulgum pecus* quanto o cientista, fora de sua ciência e de seu laboratório”.

Compreende-se que as representações sociais são formas de conhecimento prático, ligando-se às correntes teóricas que valorizam o conhecimento objetivado no e pelo senso comum, marcando uma ruptura histórica com aquelas vertentes clássicas do conhecimento, buscando valorizar esse saber como legítimo na busca da verdade, na construção dos conhecimentos e agindo como motor das transformações sociais (SPINK, 2003).

A teoria das representações sociais envolve fenômenos amplos e complexos da realidade social, que se estruturam e se alargam em uma velocidade exponencial, levando as investigações e estudos científicos a traçarem pontos de partida e chegada muito bem definidos, visto que esses fenômenos modificam-se de acordo com um determinado grupo social e uma determinada fração temporal/histórica.

Simbolizar e dar significações aos objetos a partir da representação social torna-se resultado de atividades que fazem desta uma construção e expressão do sujeito, remetendo a processos cognitivos e mecanismos intrapsíquicos, considerando o sujeito de um ponto de vista psicológico. No entanto, a peculiaridade impressa pelo estudo das representações sociais reside no fato de somar na análise destes processos o envolvimento, pertencimento e participação, sociais ou culturais, destes sujeitos (JODELET, 2001).

Segue-se que representar não significaria apenas definir ou representar algo ou alguma coisa tendo como ponto de partida os saberes científicos que repousam nos domínios cognitivos dos sujeitos; antes disso, a representação social assenta-se nos saberes do senso comum, nos quais a complexidade dos conhecimentos/valores/sentidos dão o colorido, e a esquematização tem por finalidade considerar um aspecto, apagar outro, importar algum outro por analogia com outro objeto, e, desta forma, compreende-se que pedir a alguém tecer uma definição imediata/abstrata não significará ter acesso às suas representações (GRIZE, 2001).

Portanto, a complexidade sobre a qual pisamos ao tratar dos fenômenos que emergem das representações sociais e da sua definição e tratamento, revela sua relação com processos de dinâmicas social e psíquica, exigindo que

Por um lado, deve-se levar em consideração o funcionamento cognitivo e o do aparelho psíquico, e, por outro, o funcionamento do sistema social, dos grupos e das interações, na medida em que afetam a gênese, a estrutura e a evolução das representações, que soam afetadas por sua intervenção”. (JODELET, 2001, p.26).

Mediante a clarificação deste cenário, tem-se a necessidade de criar um “movimento” de simplificação quando há o envolvimento do pesquisador com os fenômenos de representação social, pleiteando, assim, uma estruturação teórica, conceitual e metodológica, que garantam a inteligibilidade de seu objeto de pesquisa (SÁ, 1998).

Esta preocupação é central nos estudos das representações sociais. Para tanto, Sá (1998, p. 23-24) adverte que

Os fenômenos de representação social são mais complexos do que os objetos de pesquisa que construímos a partir deles. Isto quer dizer que há uma simplificação quando passamos do fenômeno ao objeto de pesquisa. A rigor, a simplificação implicada na construção do objeto de pesquisa é da mesma ordem daquela embutida na formação de uma representação social. Esta última envolve uma simplificação da realidade na medida em que funciona como uma teoria, uma “teoria do senso comum”. Da mesma forma, quando simplificamos o fenômeno da representação social transformando-o em um objeto de pesquisa, fazemos isto através de uma teoria, a teoria das representações sociais (...) Mas uma teoria não apenas simplifica os fenômenos aos quais se aplica; ela também os organiza e os torna inteligíveis. Assim, numa primeira aproximação, podemos dizer que a construção do objeto de pesquisa é um processo pelo qual o fenômeno de representação social é simplificado e tornado compreensível pela teoria, para a finalidade da pesquisa.

O anúncio que se faz da importância de caminhar na busca pela simplificação, não significa que este é um processo simples e de menor importância dentro dos esforços despendidos pelo pesquisador frente às suas intenções e objetivações de estudo e pesquisa: muito pelo contrário, já que segundo Sá (1998, p. 24) a “atividade simplificadora é em si mesma razoavelmente complexa e difícil. Muitas pesquisas fracassam devido a deficiências nessa fase de construção do objeto de pesquisa”.

Compreende-se, assim, a importância de delinear o objeto que será representado e o grupo/sujeito que fornecerá os caminhos e estruturas destas representações,

permitindo que a pesquisa a ser empreendida possa se desenvolver com mais rigidez e segurança diante da complexidade que emana do campo das pesquisas em representação social.

A preposição teórica imprescindível é que uma representação social será sempre de alguém e ao mesmo tempo de alguma coisa. Não se pode falar em representação de algo, se antes não especificar o sujeito (a população ou grupo social) que constrói essa representação. Na mesma medida, não existe coerência em pesquisar as representações de um determinado sujeito ou grupo social, se, concomitantemente, não for definido o objeto que será representado. Com isso, é salutar na construção do objeto de pesquisa, considerar, simultaneamente, o sujeito e o objeto da representação que será estudado (SÁ, 1998).

De acordo com Jodelet (2001, p.27) “a representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objeto nela se manifestam”.

Ao transferir essas contribuições teóricas referentes ao universo das pesquisas em representação social para o estudo que ora se apresenta almejou-se, já nos passos iniciais do seu desenvolvimento e elaboração, definir o objeto de pesquisa, já que esta fase precede a pesquisa propriamente dita e como visto anteriormente é a célula nuclear das ações e decisões que seguirão. O objeto de pesquisa deste estudo delineou-se como sendo a beleza, ou seja, as representações sociais da beleza, e, quanto à escolha do sujeito ou grupo social, optou-se por escolher jovens com cegueira total.

Ao citar o trabalho de Jodelet relacionado à loucura, e, especificamente, as representações da doença mental e dos doentes mentais, Sá (1998) aponta que a autora depois de escolher o fenômeno a ser estudado, descreve os requisitos aos quais devem atender os sujeitos da representação e a partir destes chega a um denominador sobre quem seriam esses sujeitos

De início, a busca de sistemas de representação presentes na sociedade, a propósito da doença mental, deveria responder a uma exigência mínima mas imperiosa: evitar trabalhar sobre o discurso social flutuante, sem assento nem referência sobre a prática, e apresentando sobretudo o risco de ser falacioso (discurso doutrinal ou humanitário, em desacordo com posições manifestas). Era preciso pois encontrar uma situação onde existisse um contato, uma proximidade com os doentes mentais fundando uma certa experiência (...) A comunidade escolhida foi uma ‘Colônia Familiar’, ou seja, um conjunto de comunas rurais onde doentes mentais vivem em liberdade e são confiados, para abrigo, convivência, vigilância e cuidados, aos habitantes, na maioria camponeses (JODELET, apud SÁ, 1998, p.27-28).

Neste sentido, a escolha dos sujeitos ou grupo social que compõem este estudo também obedeceu a alguns predicativos, observada a vastidão de opções que se pode ter ao abordar essa temática. Ao definir o grupo a partir do qual são analisadas as representações sociais de beleza, decidiu-se que este deveria ser composto apenas por pessoas com cegueira total (amaurose), indo ao encontro de uma composição coletiva que, ao menos aparentemente, proporcionasse significados, valorizações e pensamentos diferentes daqueles encontrados habitualmente nos demais sujeitos/grupos/sociedade, sobre o universo da beleza.

No tocante à decisão de considerar para o estudo apenas aqueles sujeitos que estivessem matriculados no ensino médio, deve-se às experiências profissionais deste pesquisador que ora se apresenta, como docente na disciplina de Educação Física na rede pública estadual de ensino desde o ano de 2006. Ao deitar sobre as vivências profissionais, pode-se compreender que muitos alunos nesta faixa etária se recusam a participar das aulas práticas de Educação Física, e ao serem questionados sobre os “porquê(s)”, muitos deles alegam que têm vergonha/receio da sua aparência e não se sentem confiantes para se expor em uma atividade, já que esta seria uma situação em que todos os colegas estariam observando e realizando julgamentos estéticos.

Percebe-se, então, que alguns dos entraves e/ou dificuldades encontradas nos processos de ensino e aprendizagem referentes às aulas de Educação Física no que concerne à participação dos alunos, assentam-se sobre questões que podem ser delineadas a partir do campo de estudo sobre representações sociais, especificamente, àquelas sobre as significações, conceituações e pensamentos/ideias que emergem do universo da beleza.

Ao definir o grupo participante do estudo levando em consideração esta predição do fenômeno estético sobre a dinâmica das aulas de Educação Física, aceitou-se que uma caracterização mais criteriosa seria necessária na busca de representações sobre beleza, que pudessem diferenciar-se daquelas apreendidas hegemonicamente na sociedade. Portanto, concluiu-se que o grupo social escolhido deveria ser composto por sujeitos que estivessem matriculados no ensino médio, independentemente da faixa etária (já que nem sempre a relação entre idade cronológica e ano/série escolar é correlata), sendo que todos apresentariam cegueira total, e, além disso, a deficiência visual deveria ser congênita. Desta maneira, a definição daquele grupo social que brindaria este estudo com suas representações sociais sobre a beleza foi efetivada.

A representação que temos de algo não está relacionada diretamente com a forma de pensar, pois, contrariamente, a maneira como pensamos está subordinada às representações que temos ou não de um objeto. Assim sendo, as representações são impostas e transmitidas, produzidas por incontáveis elaborações e mudanças ocorridas no desenrolar do tempo e de sucessivas gerações. Todas as imagens, significações e classificações que transitam no interior de uma sociedade, mesmo aquelas contidas no discurso científico, acusam um elo com sistemas e imagens prévias, tecidas na e pela memória coletiva, pulverizadas na linguagem, refletindo sempre um conhecimento anterior (MOSCOVICI, 2004).

Assume-se desta maneira uma leitura teórica e conceitual para o campo das representações sociais que defende a lógica a partir da qual as ideias, pensamentos, valores e representações individuais são, anteriormente, produto de uma determinada ordem grupal/social, que se utiliza de inúmeros aparatos e estruturas para estabelecer/disseminar/propagar/pulverizar os produtos do pensamento representacional, em um tecido social determinado.

Para Moscovici (2004) a representação e a comunicação possuem laços estreitos, de maneira que todo o conhecimento criado coletivamente organiza-se e estrutura-se em razão das representações, que por sua vez, só podem organizar-se e estruturar-se pelas influências comunicativas objetivadas na sociedade. Contudo, não se deve distanciar da compreensão de que a representação é resultado da comunicação, mas, por outro lado, numa interdependência, destaca-se que sem representação não haveria comunicação.

Mesmo não sendo espaços privilegiados dentro das pesquisas em representações sociais, as práticas socioculturais e a comunicação de massa possuem relações significativas com as mesmas. Neste sentido, tem-se a compreensão de que todas as correntes no campo das representações sinalizam para a importância de considerarmos as ações e práticas de uma determinada população quando intencionamos estudar sobre suas representações; e, na mesma medida, torna-se urgente as investigações acerca dos papéis assumidos pelos meios de comunicação de massa nos processos de formação e circulação das representações sociais nas sociedades contemporâneas (SÁ, 1998).

Jodelet (2001) relata que os veículos de comunicação em massa e, particularmente, a mídia televisiva, foram decisivos na construção dos preconceitos e estereótipos que emaranharam-se nas representações coletivas sobre a Aids durante a década de 80. Neste período pouco se conhecia sobre a doença, levando as pessoas a se apoiarem em discursos construídos e disseminados a partir das referências de que

dispunham, fazem eclodir duas principais concepções: uma do tipo moral e social, que assegurava a Aids como “produto” de uma vida desregrada e pecaminosa e a outra do biológico, que pressupunha que a transmissão da doença também ocorria através de líquidos corporais como sangue e esperma, sendo que esta visão biológica teve uma conotação mais inquietante quando também consideraram o suor e a saliva agente de transmissão.

Neste exemplo histórico acerca da influência e da primazia na construção e pulverização de discursos, valores e ideais por parte dos veículos midiáticos, perceber-se-á o poder que os mesmos exercem na construção e formatação do pensamento coletivo, utilizando-se, neste caso específico, o discurso sobre a Aids para condenar as práticas homossexuais e outras, já que afirmava-se que esta doença era inerente a estes grupos e seus costumes sórdidos, infringindo os valores morais estabelecidos social, cultural e historicamente (JODELET, 2001).

Assim, segundo Jodelet (2001, p. 20-21) apreende-se que

A falta de informação e a incerteza da ciência favorecem o surgimento de representações que vão circular de boca em boca ou pular de um veículo de comunicação a outro (...) As instâncias ou substitutos institucionais e as redes de comunicação informais ou da mídia intervêm em sua elaboração, abrindo caminho a processos de influência e até mesmo de manipulação social – constataremos que se trata de fatores determinantes na construção representativa (...) Finalmente, por meio destas várias significações, as representações expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo.

As mídias assumem, visivelmente, um papel decisivo na elaboração e propagação das ideias, valores, significados e pensamentos que alicerçam as representações. Atenta-se para o fato de que a televisão, talvez seja, dentro da estrutura de mediação das informações, fatos, acontecimentos e conhecimentos, a célula nuclear neste processo de “fabricação” das representações.

Substanciados por BRASIL (2010) percebemos que a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) é possível ressonância para nossas primeiras proposições sobre o alcance informacional alcançado pela tevê e seus canais, programas, propagandas e anúncios, alertando que de acordo com este documento/pesquisa de investigação estatística produzido pelo IBGE, aproximadamente 96% dos domicílios particulares permanentes do território brasileiro possuem, ao

menos, um aparelho de tevê, contra, por exemplo, 93,9% que possuem geladeira, denotando a sua importância no seio da vida doméstica/familiar, refletida pela sua liderança a lista de aquisições de bens de consumo duráveis.

Para Amaral (2011) a televisão se utiliza de dois principais canais sensoriais - a visão e a audição - para criar seus textos imagéticos/auditivos, os quais conversam com os interesses das indústrias do entretenimento e do consumo, responsáveis pela produção, distribuição e venda de produtos reais ou simbólicos, tendo a preocupação de, além de vender produtos/ideias, estabelecer valores do sistema econômico e social vigente, o capitalismo. Evidentemente, este não é um processo passivo, do tipo que independe dos esforços e buscas da sociedade e dos sujeitos; e, ainda, como esse “controle” se dá principalmente no plano da subjetividade e do universo simbólico, essa dinâmica na qual as mídias acabam sendo preponderantes na construção do pensamento, vontades e ideias coletivas, pode ser corrompida em qualquer tempo e espaço, bastando-se para isto elementos como a crítica, a reflexão, a emancipação, a educação e outros(as).

Diante disto, faz-se necessário dar o devido destaque e urgência para as questões que tratem dos aparelhos midiáticos de informação e/ou comunicação, que de maneira explícita ou não, podem estar colaborando para a construção das representações sociais ou de parte delas. Destaca-se, ainda, que esta temática seria merecedora de um espaço/capítulo neste estudo, que pudesse dar cor a todas as nuances deste fenômeno, contudo, como não podemos, ao menos neste momento, dar vazão a esta possibilidade nos reservaremos apenas ao exposto até aqui.

Ao apontar que “não faz sentido tentar estudar a representação de algum objeto por um conjunto social se esse fenômeno não existe, ou seja, se o grupo que selecionamos para o estudo simplesmente não tem uma representação do objeto que resolvemos estudar”, Sá (1998, p. 46) traz à tona uma questão aparentemente óbvia: Será que o grupo escolhido tem uma representação do objeto que se definiu para o estudo da representação?

Contudo, essa pretensa obviedade não se aplica ao nosso estudo, argumentando que, ao decidir sobre a representação social da beleza para jovens com cegueira congênita, somos visitados por inúmeras dúvidas e inseguranças advindas da

complexidade exalada por conceitos que aparentemente possuem uma inferência maior e mais estreita com o universo do “vidente”².

Para Sá (1998, p. 51) existem algumas maneiras de antever, com algum grau de confiabilidade, a plausibilidade de que um fenômeno representacional exista, assim

(...) se pensarmos em tal identificação prévia como uma providência apenas aproximativa, que é tomada para diminuir a probabilidade de dificuldades futuras. Com um mínimo de sensibilidade, o pesquisador pode se perguntar sobre quais são as práticas correntes no grupo selecionado e se estas parecem envolver o objeto escolhido para estudo. Se ele já tem alguma familiaridade com a vida cotidiana dos sujeitos e com a literatura acerca do objeto, fica mais fácil responder a essas perguntas.

Assim sendo, o período em que estivemos envolvidos em atividades de extensão universitária, projetos, pesquisas e estudos na área de Educação Especial, e, particularmente, todas aquelas práticas e objetivações referentes ao campo das pessoas com deficiências visuais, cunhadas durante a graduação em Educação Física, compreendendo atividades físicas com alunos cegos nas escolas públicas estaduais da cidade de Presidente Prudente, trabalhos e práticas corporais e esportivas com alunos da Associação Filantrópica de Proteção aos Cegos na mesma cidade e, ainda, elaboração/desenvolvimento/conclusão do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que intitulou-se “A arte e o deficiente visual”, denotam a proximidade e estreitamento com a população investigada neste estudo.

Neste sentido, Sá (1998) argumenta que na definição de um par teoricamente consistente em que possamos delinear o objeto e o sujeito/grupo para o estudo da representação, não há uma norma a ser seguida para o ponto de partida, já que este pode ser inaugurado tanto pela escolha do objeto, quanto pela escolha do sujeito/grupo ou ainda pela escolha prévia de ambos, dependendo dos objetivos da pesquisa.

Ao traçar um paralelo com as descobertas que poderão advir do estudo das representações sociais de pessoas com cegueira, buscando compreender as possíveis aproximações e distanciamentos deste grupo com relação aos conceitos/valores/significados tecidos no imaginário coletivo, arquitetados social, cultural e historicamente, poder-se-ia definir quais seriam as marcas que identificam esse grupo social e suas respectivas identidades.

² O termo vidente faz referência àquelas pessoas que gozam de uma satisfatória condição visual, que possibilite acessar as informações visuais que integram sua cotidianidade sem déficits, distúrbios, patologias ou outras dificuldades.

Admite-se, assim, por um lado, que a teoria da representação social versa sobre uma compartimentalização e proximidade representacional dentro de um mesmo grupo quando elaborados conceitos/significados/valores e pensamentos sobre um objeto específico.

Por outro lado, torna-se urgente a percepção de que a diversidade e a contradição anunciam o estudo das representações sociais como processo, pensado como *práxis* e não entendido apenas como processamento de informações. Mesmo que paradoxal, deve-se admitir a diversidade implícita do senso comum, entendendo que a ordem social configura-se sempre a partir de pressupostos comuns, onde as representações são elaboradas através de um universo estruturado socialmente, produtos de um *imprinting social* (SPINK, 2003).

Destarte, transformações nas representações sociais começam “sempre pelo sistema periférico, face às modificações introduzidas nas práticas sociais; e pode apresentar diferentes desenvolvimentos e estados finais dependendo de variadas circunstâncias” (SÁ, 1998, p.77).

Tem-se, portanto, a percepção de que as mudanças ou modificações nas estruturas e elementos centrais que integram as representações sociais, permitindo a formatação e disseminação de outras (novas) representações sociais, estão subordinadas às práticas, atitudes, experimentações, vivências e realizações sociais/coletivas produzidas a partir das diferenças, desigualdades e conflitos que integram os pensamentos e ideias do senso comum (MOSCOVICI, 2004).

Jovchelovitch (2003, p.65-67) identificou a importância da esfera pública para a “produção” das representações sociais, versando que

(...) as representações sociais, enquanto fenômeno psicossocial, estão necessariamente radicadas no espaço público e nos processos através dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a diversidade de um mundo de Outros . (...) Meu argumento central é de que a esfera pública, enquanto lugar da alteridade, fornece às representações sociais o terreno sobre o qual elas podem ser cultivadas e se estabelecer (...) É na experiência da pluralidade e da diversidade entre perspectivas diferentes – que, porém, pode levar ao entendimento e ao consenso – que o significado primeiro da esfera pública pode ser encontrado.

A representação social de um objeto/estado/coisa/fenômeno é produto da consciência individual e ao mesmo tempo, invariavelmente, produto de um saber/pensar

alicerçado e propagado dentro de uma perspectiva coletiva e social, faz-se no e pelo público, realidade na qual está inserido este ser social.

Spink (2003) trabalha a noção de contexto social para aprofundar as discussões acerca da produção e elaboração das representações sociais, definindo que nesta conjectura de estruturação do conhecimento prático que orienta as ações cotidianas, existem duas forças monumentais. De um lado encontram-se aqueles conteúdos que circulam “gratuitamente” em nossa sociedade, produtos do metassistema social e, de outro, aqueles conteúdos marcados pelos diferentes tempos históricos que enredam a construção dos significados sociais, oriundos dos processos sociais que confirmam e mantêm as identidades coletivas.

Em Moscovici (2004) atenta-se para o fato de que as representações sempre estarão conectadas aos acontecimentos, construções e heranças culturais, cujas representações são cunhadas pelo pensamento, pela linguagem e práxis anteriores às nossas vontades e tempo histórico. Sempre existirá uma realidade predeterminada por convenções, produtos e/ou objetos sociais (simbólicos, concretos, imagéticos etc.) que pode ou não ser transformada a partir das realizações, objetivações e práticas sociais que colorem a cotidianidade.

Nas palavras de Moscovici (2004, p. 35)

Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções.

Segundo Duveen (2004) é justamente neste ponto que Moscovici aproxima-se das construções teóricas desenvolvidas por Durkheim, especificamente aquelas referentes à teoria das representações coletivas, assegurando que as representações seriam formas estáveis e rígidas do pensamento e da compreensão coletiva, com o poder de obrigar e reger as sociedades num todo, mantendo sempre a ordem, coesão e a normalidade do cotidiano social.

Todavia, ao elaborar a teoria das representações coletivas, Durkheim estabelece uma estruturação e organização imutável e inabalável para as mesmas, tornando-as independentes das “forças” e “vontades” despertadas pelas práticas de uma dada realidade social. Precisamente nesta lógica, Moscovici defende a compreensão de que as

coisas mudam na sociedade, referindo-se aos processos sociais pelos quais novidade/mudança conservação/preservação penetram a vida social. Portanto, Moscovici esteve mais interessado em refletir, estudar e investigar acerca das variações e diversidades de ideias nas sociedades modernas, representando assim um passo à frente nas teorias da psicologia social de sua época (DUVEEN, 2004).

Ao traçar um paralelo com as descobertas que poderão advir do estudo das representações sociais de pessoas com cegueira, buscando compreender as possíveis aproximações e distanciamentos deste grupo com relação aos conceitos/valores/significados tecidos no imaginário coletivo, arquitetados social, cultural e historicamente, poder-se-ia definir quais seriam as marcas que definem esse grupo social e suas respectivas identidades, ou melhor, definir a identidade deste grupo social.

Rangel (1999) ao desenvolver um estudo discutindo as dimensões da representação do “bom professor” às dimensões do processo de ensino-aprendizagem valeu-se de conceitos caros à teoria moscoviciano, como as dimensões (atitude, informação e campo de representação ou imagem) da representação social e os seus mecanismos (objetivação e ancoragem) de formação e consolidação das representações.

No tocante às anunciadas dimensões da representação, apreende-se que

A atitude expressa a “tomada de posição dos sujeitos” implicando “juízo de valor” do objeto da representação; a informação corresponde à “organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social”; o campo de representação “remete à ideia de imagem, de modelo social” (MOSCOVICI, 1978 apud RAGEL, 1999, p.50).

Esses elementos teóricos constitutivos dos processos de análise das representações possibilitam ao pesquisador realizar incursões ao interior dos pensamentos e significações que sustentam essas representações, identificando como são percebidos e sentidos os objetos representados.

Para Moscovici (2004) uma das principais funções e/ou propósitos de uma representação seria tornar algo não familiar ou a não familiaridade, como por exemplo ideias e seres, familiares/comuns à compreensão individual/coletiva. Contudo, esse é um processo complexo e exige tornar tudo aquilo que é não familiar em usual, próximo, real, de feição familiar.

Joffe (2003) ao se referir sobre a forma pela qual a Aids foi representada, inicialmente, no imaginário coletivo, relata que os mecanismos de veiculação do saber

médico e/ou dominante deu-se através dos meios de comunicação de massa, proclamando que a Aids era uma “praga homossexual”. E, ainda, em casos como o ocorrido em 1981, em que médicos norte-americanos identificaram uma cadeia de sintomas em cinco homossexuais, daquilo que, posteriormente, viria a se chamar Aids, nomeando-a naquele momento histórico como Deficiência Imunológica Ligada aos Homossexuais (“Gay Related Immune Deficiency”).

Este é um exemplo claro da função exercida pela representação social na decodificação do mundo e das coisas, significando-as e tornando-as familiares, conhecidas, tangíveis e visíveis.

Valendo-se de outra contundente contribuição de Joffe (2003, p.298) externa-se que “uma vez representado sob uma feição mais familiar, o objeto social se torna menos ameaçador e tal processo nos ajuda a entender por que a Aids foi inicialmente ancorada a representações mais familiares, como a de praga.”

Para darmos a feição familiar a um objeto, ideia, palavra ou seres, necessita-se do funcionamento de dois mecanismos existentes no processo de pensamento sustentado por construções passadas e pela memória. Um deles seria a ancoragem, que representa o esforço de se colocar o “não familiar” em categorias e/ou imagens comuns, inserindo-as em um espaço ou contexto familiar; e, o segundo, compreende a transformação daquilo que reside no pensamento e ideias em uma materialização para o plano real, tornando-o visível, palpável, pertencente ao universo físico, chamado de mecanismo de objetivação (MOSCOVICI, 2004).

Esses dois mecanismos são salutares na teoria das representações sociais e quanto à clarificação conceitual dos mecanismos de ancoragem, compreende-se que

Esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria particular que nós pensamos ser apropriada. É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social (...) Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras. Nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas. O primeiro passo para superar essa resistência, em direção à conciliação de um objeto ou pessoa, acontece quando nós somos capazes de colocar esse objeto ou pessoa em uma determinada categoria, de rotulá-lo com um nome conhecido. (MOSCOVICI, 2004, p. 61-62).

Já no concernente aos mecanismos de objetivação, temos que a

Objetivação une ideias de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante de nossos olhos, física e acessível (...) Para começar, objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância. Temos apenas que comparar Deus com um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes, como uma pessoa a quem nós podemos responder como tal. (MOSCOVICI, 2004, p. 71-72).

Espera-se que o estudo e a subsequente imersão no campo das teorias e pesquisas referentes ao universo das representações sociais, possam favorecer a obtenção dos objetivos, resultados e expectativas ora despertadas neste estudo sobre as representações sociais da beleza a partir de pessoas com cegueira congênita. Sobre a beleza, especificamente, abordaremos o tema a seguir.

3.2 - A BELEZA FÍSICA: O PERCURSO HISTÓRICO E SUAS NUANCES.

O conceito de beleza é permeado por sentidos e significados, fabricados e modificados histórica e culturalmente; diz respeito a uma determinada época, um espaço definido e uma variação cultural e linguística que o torna multifário e multiforme.

Definir o que é beleza não é uma tarefa simples, pois este é um campo permeado por incontáveis variantes e representações socioculturais, sendo

realmente difícil ousar defini-la de forma fechada e imutável. Cada pessoa pode construir seu próprio conceito, e mesmo levando em consideração estudos e pré-conceitos, haveria diferenças sutis que ampliariam cada vez mais o termo beleza (BARROS, 2001, p.52).

Para Piccolo e Denari (2009) o belo e a beleza não são categorias estanques, compreendendo um conjunto de significados construídos historicamente a partir do contexto em que são estruturados. Portanto, o belo e a beleza seriam conceitos dinâmicos que levariam sujeitos de culturas e de épocas diferentes a representarem a beleza de maneiras diversas, atribuindo-lhe os mais variados sentidos.

Deste modo, pode-se apreender que os conceitos de beleza coexistem em diversos espaços e épocas, definindo sensações e estados nos mais variados campos, sejam referentes à história e produção humana (com destaque para as artes, arquitetura, filosofia e outras) ou àqueles inerentes ao próprio espaço biológico e natural (os animais, rios, corpo humano, a estética das formas).

Como afirma Marwick (2009) torna-se importante a compreensão de que alguns exemplos citados e/ou referidos como padrões de beleza ou sinônimos de beleza ao longo dos tempos e das sociedades, muitas vezes, estariam associados, íntima e diretamente, com símbolos de riqueza e *status*; e, não necessariamente com o fenômeno da beleza em si, a exemplo dos corpos “rechonchudos”, higienizados ou saudáveis que comumente foram associados a uma condição, estado ou qualidade de beleza.

Nas palavras de Marwick (2009), esta confusão é proveniente do erro elementar de não se distinguir ou conceituar corretamente a aludida beleza ou de fazê-lo de maneira generalista, pois, a mesma foi permeada e perpassada por incontáveis significados, intencionalidades, ideias, pensamentos e sentidos, associando-a com o caráter/comportamento e os valores morais dos indivíduos, outras vezes, a beleza foi entendida por meio do universo simbólico configurado pela alma/espírito/divino e, ainda, a beleza em outros contextos, prescreveria um corpo belo, um modelo idealizado de corpo ou uma marca de distinção social. Adverte-se, então, que só recentemente surgiu uma visão ou avaliação “moderna” da beleza, onde esta passou a ser encerrada como uma qualidade puramente física e corpórea.

A busca por um conceito universal de beleza para apresentá-la como algo transcendental, além das realizações humanas, deve-se em parte pelo fato de que a beleza humana considerada apenas pelo aspecto físico ofereceria ao seu detentor associação com a promiscuidade, luxúria e voracidade carnal; imputando assim a necessidade de que a pessoa apresentasse qualidades espirituais e morais que permitam atingir uma condição ou forma “verdadeiramente bela”, não basta ser “simplesmente bonita” (MARWICK, 2009).

Isto posto, enfatizar-se-á que a preocupação para o presente estudo recairá sobre uma beleza materializada a partir daquilo que Vigarello (2006) referencia como “beleza física”, a qual é moldada histórica e culturalmente, produto da sensibilidade estética das sociedades, forjada como mecanismo de distinção social, refletindo prioridades e gostos da classe dominante e idealizada como ferramenta de controle e dominação, principalmente, do corpo feminino; produto para sustentação de práticas de consumo;

servindo para o fortalecimento ou negação de valores morais e éticos; marcada por pensamentos e ideias ao longo dos tempos que só fariam sentido numa complementariedade. Ainda, com relação à história da beleza física tem-se que “reflete, antes de mais nada, uma lenta conquista, uma lenta descoberta de territórios e objetos corporais valorizados”. (VIGARELLO, 2006, p. 193).

Bonitos ou bonitas são aquelas pessoas que “a maioria esmagadora dos observadores assim os considera (...) registra-se de imediato e se anuncia pelo efeito que tem sobre os observadores” (MARWICK, 2009, p. 23).

Outro (grande) vértice que merece receber um breve destaque diz respeito às aproximações e distanciamentos (não tão facilmente observáveis) nas manifestações do belo e/ou da beleza com as realizações e objetivações que invadem o masculino e o feminino, apresentando quase sempre medidas e intensidades dissonantes. É certo que um fenômeno não atinge a tudo e a todos na mesma proporção; todavia, com relação ao masculino e a beleza, parece haver um afugentamento do primeiro frente ao segundo.

Para Souza (2004), a pulverização de imagens, cartazes publicitários e propagandas, revistas, canções e poesias, os comportamentos, práticas sociais e todas as demais experiências do dia-a-dia confirmam que a beleza não tem o mesmo valor no masculino e no feminino, contudo, adverte que este é um fenômeno histórico cuja gênese não remonta de tempos muito além da aurora dos tempos modernos.

Destarte, nem sempre a beleza foi um atributo ou objeto caro à mulher, ou seja, nem sempre a mulher recebeu destaque por suas idealizadas formas físico-corpóreas e desejáveis contornos anatômicos. De acordo com Lipovetsky (2000, p. 102) o fato de se afirmar na atualidade que “segundo sexo e belo sexo é a mesma coisa”, não significa dizer que ao longo dos períodos históricos, das gerações e de suas vairadas culturas, a mulher foi reconhecida como um ser belo, criatura de beleza resplandecente.

Neste momento, tona-se urgente abrir um parênteses para discorrer sobre um obstáculo que tangenciou os trabalhos de levantamento, busca e análise de livros, artigos, pesquisas e outras produções, a saber: a escassez de textualizações que apresentassem dados e/ou informações relacionadas às práticas, sentidos, comportamentos e ao processo histórico-cultural descrito na e pela conectividade entre o mundo sensível da beleza e o mundo masculino.

Filho (2010) em seu recente trabalho intitulado “Breve Histórico da Beleza Masculina” também destaca a dificuldade de se encontrar em acervos bibliográficos e

em bases de dados algum trabalho que trate da história da beleza masculina de modo à historicizá-la.

Sem a pretensão de encerrar a discussão que trata da relação entre a beleza e o masculino, reserva-se apenas o espaço para mais uma contribuição de Souza (2004, p.29), precisamente quando expressa que “o próprio fato do quase silenciamento sobre essa questão até o final do século XX revelou-nos que o ‘não dito’ sobre o aspecto da beleza corpórea masculina muito nos diz sobre a beleza feminina.”

Marwick (2009) ao discutir sobre as representações e produções históricas e culturais referentes à beleza humana, é provocativo e incisivo ao proferir a importância de se dissociar a “beleza” da “moda” para que seja possível conceituar com prontidão aquilo que entender-se-á como beleza. Para tanto, externa que embora todos nós reconheçamos o fato de que nos séculos XV e XVI esteve na moda as mulheres rasparem a frente da cabeça, “não significa que a cabeça raspada fosse, por si só, um indicador de beleza: uma mulher bonita com a cabeça raspada era bonita; uma mulher feia com a cabeça raspada não” (MARWICK, 2009, p. 19).

Todavia, ao refletir, pensar e discutir sobre a beleza humana neste estudo, optou-se pelo estreitamento com as representações de beleza, moda e estética que permearam os períodos históricos, além disso, as aproximações com as práticas de embelezamento e higiene, penteados, modificações corporais, desenvolvimento tecnológico e científico nas áreas de cosméticos e produtos para beleza, exercícios físicos e outras objetivações sociais e culturais ligadas à beleza encontram-se como elementos imprescindíveis para o mapeamento, conceituação e registro da beleza e de sua importância na cotidianidade das civilizações ao longo dos tempos.

Os primeiros indícios sobre as práticas sociais e culturais que denotam uma preocupação estética com a beleza encontram-se por volta de 5000 a. C., quando é possível identificar uma grande quantidade de instrumentos de maquiagem, jarras e potes que ainda hoje possuem produtos praticamente intactos, exibidos em museus como o Louvre, em Paris; além disso, as pesquisas e experimentos arqueológicos puderam descrever gestos de beleza e higiene que não deixariam nada a desejar à nossa época (ROUSSO, 2000).

No Egito e no Oriente antigo, a preocupação com a beleza pode ser expressa a partir das buscas por matérias primas e toda a criatividade feminina para encontrar maneiras de embelezar seus corpos, levando personagens como Cleópatra, Semiramis,

Betseba, Jezabel, Nefertiti entre outras a evocarem os primeiros cuidados e rituais de beleza de que se têm relatos (SOUZA, 2004).

Para Souza (2004, p.57) outro indício da valorização do belo na sociedade egípcia deve-se ao fato de que

Os museus guardam dessa época, achados que comprovam a preocupação com a estética corporal: taças de unguentos, colheres para pinturas, paletas de pigmentos, estiletos para delinear, jarras contendo produtos de maquiagem ainda intactos são encontrados no Louvre, em Paris. Produtos que revelam uma preocupação milenar com a beleza, com os cuidados com o corpo (...) Banhos exfoliantes com argila, massagem com óleos e maquiagem eram recursos que deusas, faraós, sacerdotisas, rainhas e escravas se utilizavam para seus rituais de embelezamento.

De acordo com Rousso (2000), no ano de 1372 a.C. a mulher egípcia realizava algumas feituradas e cuidados com a pele e a higiene corporal, como banhos e a maquiagem, denotando, dentre outras, uma ordem classicista, uma condição social e/ou posição hierárquica ocupada por aquela pessoa/mulher.

Enfatiza-se que, posteriormente, em outros períodos históricos, a relação entre beleza, higiene corporal e posição socioeconômica também se fez presente, tão ou mais intensamente. Neste sentido, Soares (1994) destaca, por exemplo, que o crescimento industrial e urbano decorrente da Revolução Industrial, principalmente em países que foram centralizadores deste processo, como Inglaterra e França, inferiu condições precárias de vida à maioria da população, já que o crescimento das cidades e da sua industrialização não foi acompanhado de uma ampliação dos serviços básicos imprescindíveis a um espaço urbano (como a limpeza de ruas, coletas de lixo e serviços de esgoto e distribuição de água). Em decorrência disto, os hábitos de higiene eram escassos, principalmente entre a classe operária e demarcavam, assim, uma clara distinção de classes onde a burguesia, em sua grande maioria, estava “higienizada” e alimentada, condições necessárias para ascender ao status de beleza, pessoa bonita.

Ainda, com relação aos banhos e a maquiagem, enfatiza-se também que essa mulher egípcia incorporava algumas práticas no seu cotidiano ligadas à saúde e o bem-estar, assim sendo,

lavava-se inteiramente toda manhã, com uma mistura de água e carbonato de cal, esfregando o corpo com uma pasta de argila proveniente do lodo do Nilo. Estamos em um país quente e tais cuidados servem para combater os danos do clima e, sobretudo, do sol. Pés e cotovelos são esfregados com frequência com uma pedra-pomes de grão fino, que servia também para exfoliação regular do corpo. O banho era seguido de uma massagem com óleo vegetal

de palma, oliva ou noz, perfumado com uma mistura de ervas aromáticas que possuía a tripla virtude de amaciar a pele, protegê-la do sol e afastar os mosquitos (...) Por fim, começava a maquiagem do corpo e do rosto (...) A pele seria coberta por um preparado ocre amarelo que adquire reflexos dourados à luz, as faces poderiam ser realçadas com ocre vermelho, as veias das têmporas e do busto sublinhadas de azul. Mas os olhos, acima de tudo, como mostram as estatuas e os afrescos, eram sistematicamente maquiados. Enquanto as abluções e dos cuidados cotidianos constituíam, numa sociedade estritamente hierarquizada, o privilégio das classes nobres, os escravos também usavam olhos pintados. Começava-se passando o pó de *kajal* no interior dos olhos, o que os protegia das agressões do vento e da areia (ROUSSO, 2000, p. 26 - 28).

Acrescido a todo este ritual, pode-se destacar a presença das unhas das mãos e dos pés sempre polidas e geralmente coloridas com hena. Sobrancelhas alongadas e espaçadas com Kajal umedecido, mas poderiam ser raspadas. Cílios tingidos também com kajal e gordura, perucas pesadas com franjas de seda ou crina, preta ou azul escuro (ROUSSO, 2000).

Na Grécia Antiga, a ideia de beleza estava diretamente ligada às concepções de amor e bondade. Platão assumiria que o amor nasce da beleza e esta seria representada pela possibilidade do humano se tornar imortal, levando à compreensão de que a beleza verdadeira levaria aos caminhos da espiritualidade e da eternidade. Quando jovens, amamos o corpo belo, o amor pela beleza do corpo físico. Amando o corpo belo perceber-se-á que todos os corpos belos são semelhantes em sua beleza, generalizando o amor e a beleza. A única beleza capaz de diferenciar os homens é a beleza da alma, que passará a ter então mais valor do que a beleza humana. O amante fará pouco caso da beleza corporal, compreenderá as ciências e o que o belo está imerso num oceano de possibilidades, a beleza não é estreita a uma única pessoa ou instituição. A beleza engloba tudo, não diminui nem aumenta, imutável, absoluta (OLIVIER, 1999).

Complementarmente, Bodei (2005) ao proceder na análise das tradições que marcam as concepções sobre beleza na Grécia Antiga, destaca que a concepção fundamental se prende às ideias de medida e ordem. Zeus acaba vencendo e se impondo sobre as divindades subterrâneas, estabelecendo as próprias leis e fundamentando-as a partir da noção de “medida”; traçando limites intransponíveis a quaisquer entidades e junto com seu filho Apolo, inscreve estas normas de maneira codificada nos muros externos do templo de Delfos: “o mais justo é o mais belo”.

Em um tempo onde os deuses disfarçados desciam do Olimpo para amar e se relacionar com os mortais, a beleza era acima de tudo a beleza e harmonia das formas e das proporções (ROUSSO, 2000).

Pires (2005) explicita que as diferenças entre os sexos masculino e feminino na Grécia antiga estavam atreladas ao conceito de calor corporal, onde as mulheres que aqueciam corretamente seus úteros durante a gestação traziam ao mundo crianças do sexo masculino, assim

Ao indivíduo do sexo masculino era atribuído um calor corporal maior do que ao indivíduo do sexo feminino. Essa característica, tida como uma qualidade benéfica aos homens, era empregada, entre outras, para justificar a hierarquia social (...) O calor corporal, responsável pelo vigor, deveria ser conservado, estimulado e estabilizado, propiciando assim, por meio de exercícios destinados a aperfeiçoar a forma física e educar o espírito, o equilíbrio do organismo (...) Um indivíduo saudável do sexo masculino não precisava utilizar de recursos externos, como roupas, para conservar seu calor corporal; logo, era costume entre os atenienses que, durante o exercício de atividades exclusivamente masculinas, os indivíduos se apresentassem desnudos”. (PIRES, 2005, p. 29)

Ainda que fosse a beleza compreendida em um plano divino e espiritual, considerada estética sensível da matéria, enraizada nas formas corporais, prova cabal da onipresença e onipotência de deuses, não era, portanto, uma expressão da mulher deste período, já que esta era considerada genética e socialmente inferior, passiva, fraca, defeituosa, moldável e tutelada e, por não ter o professado “calor natural” deveria apresentar-se sempre com vestes.

Olivier (1999, 45) ao descrever este cenário, destacando a importância da beleza sensível (aquela que podia ser sentida pelos canais sensoriais) e da beleza ideal (beleza sublime, que transcende o corpo, eleva a alma e projeta o sujeito à imortalidade), externa que

A beleza – mesmo a sensível, cuja função deveria ser conduzir à contemplação da beleza ideal – não era um atributo dessa selvagem natureza feminina. Os homens sim eram considerados naturalmente belos – especialmente os rapazes (cuja transpiração, segundo Tatiús, cheirava melhor que todos os perfumes de mulher). É evidente que se a beleza era considerada um valor positivo (aquilo que aproxima os homens dos deuses) e as mulheres, um sexo negativo (fraco, incompleto, deficiente, inferior), estas só poderiam expressar uma “falsa” beleza, construída através dos artifícios da toilette.

A maquiagem foi proibida oficialmente durante um significativo período em Atenas e Esparta, sendo utilizadas apenas por cortesãs e suprimidas do universo das mulheres da aristocracia. A mulher devia cuidar apenas e exclusivamente da higiene e

de cuidados corporais como banhos, exercícios físicos, escovação dos dentes e jejum. (FAUX, 2000).

Em Roma não era diferente de Atenas e Esparta, pois as patrícias do início do Império recorriam a cuidados com a beleza que também eram caracterizados por praticas de higiene com banhos demorados, raspagem de pelos do corpo, utilização de pastas contendo areia e óleos de plantas para poder escamar a pele, perfumes retirados de ervas aromáticas e penteados (FAUX, 2000).

Denota-se uma fase histórica intrigante no que tange as representações sociais sobre a beleza e a figura feminina, especialmente pela identificação da mulher como um ser “naturalmente” desprovido de beleza e que se valia das técnicas de maquiagem para disfarçar sua feiura, representando um falseamento da beleza que possuía.

Com o Império Romano e o advento do Cristianismo, observa-se uma nova relação com o corpo, alterando os valores e representações sociais que até então tomavam o corpo como objeto de prazer e admiração. O corpo é responsável pela alma, é a partir do corpo que o homem sentirá a dor física e o sacrificio, desprestigiando e abdicando da carne, do efêmero, elevando sua espiritualidade e se mostrando digno de Deus. A beleza física não é cultuada, mas censurada, o artista desta época irá retratar um corpo encoberto por vestes longas, enfatizando apenas a simetria e proporção das estruturas corporais (PIRES, 2005).

Durante a Idade Média, as qualidades e/ou características frente à aceitação do belo nas práticas e nos pensamentos dos filósofos e pensadores, acreditando que a beleza seria algo oriundo de uma ordem mística e inquestionável, base sobre a qual se sustenta o amor e a bondade, passou a receber um ônus depreciativo, levando à defesa de que a beleza e, em particular a beleza feminina, era matéria de sedução, pecado, portanto, diabólica e pecaminosa.

Nas palavras de Macedo (1998-1999, p.293) entender-se-á que:

Aos olhos dos religiosos da Idade Média, por exemplo, o cuidado excessivo com a aparência e com os prazeres físicos constituíam defeitos morais graves. Não por acaso, a vaidade e a luxúria apareciam nas representações alegóricas na lista dos vícios e defeitos a serem evitados.

Desta maneira, faz-se necessária a análise de que os pensadores e filósofos da Antiguidade Clássica como Platão, Plotino e Aristóteles, foram “reinterpretados” à luz da fé cristã, levando aos poucos a beleza para o campo do pecado e da perdição, da luxúria e da vaidade do espírito humano que se materializada na perfeição das belas

formas físicas; a beleza configura o amor e o poder da criação divina. (OLIVIER, 1999).

Observa-se que as concepções e interpretações concernentes ao universo do belo e da beleza estabelecidas e preservadas durante a Antiguidade Greco-Romana, elevando a beleza à categoria do sublime, do lugar ideal entre corpo e mente, expressão da bondade e do amor, agora (Idade Média) passavam por mudanças conceituais que traduziam os valores, posturas e ideologias da igreja. Portanto, a beleza enquanto simples objeto de contemplação, quando venerada apenas na sua condição humana e material, torna-se abjeta, representa uma afronta aos princípios dogmáticos do ascendente cristianismo, principalmente, por se tratar da veneração de corpo efêmero, servil e terreno. Deve-se atentar às necessidades que emanam dos cuidados com o espírito, aquele que transcenderá a existência carnal e repousará no paraíso.

Eva e Maria são os ícones da mulher da Idade Média, entre o pecado e a salvação, representavam feiura e beleza plena, respectivamente. Para tanto, Eva, de beleza sedutora e enganadora, materializa o mal, evocando o pecado para ladear a existência humana, beleza diabólica. E, contrariamente, Maria, o ideal de beleza feminina, aquela que evocaria a condição humana e espiritual da beleza, surge como redenção feminina, opõe-se à beleza carnal, evoca a beleza pura, virginal e santificada, Maria, a “imaculada” (BRASÍLIO, 2007).

Ainda, sobre a figura feminina deste período, temos um terceiro arquétipo representado por Madalena, que serviu para construir a imagem da mulher pecadora que pode ganhar o perdão divino. Aquela que pecou, mas se redimiou dos seus pecados, rebaixando-se e compreendendo/assumindo sua culpa. Exercendo assim um duplo resgate salvador: penitenciar-se por ser pecadora e mulher (OLIVIER, 1999).

Por causa da sua beleza sedutora e vaidade desmedida, quando

A serpente exalta-lhe a beleza e excessivo encanto, o que agradou aos ouvidos de Eva. Ela sente-se encantada, lisonjeada, bajulada. Toma do fruto e o come (...) inicia assim um histórico onde não faltarão espaços para reminiscências, embustes, temores, decepções e jugo sobre a mulher (SOUZA, 2004, pp. 44-45).

Nas palavras de Olivier (1999, p. 58) “a beleza de uma mulher, por exemplo, era quase sempre prenúncio de desgraça”.

Então, o modelo de mulher representado por Maria era praticamente inalcançável e, assim, a busca por este ideal de beleza escravizava as outras mulheres, punindo-as até mesmo por possíveis cuidados com o corpo ou com a aparência.

Desta feita, se “Eva está presente em todas as mulheres, Maria está ausente: ela é o que falta nelas para serem perfeitas. Mas não é uma falta que possa ser suprida, pois (...) a condição da maternidade suprime a da virgindade e evidencia o pecado da carne”. (OLIVIER, 1999, p. 59).

Ainda sobre Eva e Maria, nas palavras de Rousso (2000, p. 36):

Tentadora porque bela – e como o seria, se não assim? -, irresistível e incapaz de resistir ao pecado, Eva, cuja beleza corruptora levou o homem à perdição, carrega consigo a falta e a marca do pecado original. Em pleno cristianismo conquistador, dominado pelo mundo monástico, Eva, sempre condenável e condenada para sempre, é a encenação do mal absoluto e sua beleza mentirosa é a máscara do diabo, reproduzida ao infinito em todas as mulheres. Em oposição a esta beleza demoníaca ergue-se a Virgem, mãe daquele que redimiu os pecados de uma humanidade corrompida pela primeira mulher. Mas, embora virgem, ela se distingue pela pureza de sua carne e pode ser bela em toda a quietude de seu corpo intacto.

Com o doutrinamento dos valores e códigos morais/religiosos/éticos desencadeado pelo alargamento e legitimação das forças do Cristianismo e seus preceitos, estabeleceu-se tempos de “cuidados” com problematizações que emanavam do espírito e/ou alma; o corpo, apenas e, somente abrigo desta existência espiritual, não deveria ser “cuidado” ou “adornado” no sentido da exteriorizar um cuidado estético e/ou visual, na compreensão de que é efêmero; e, portanto, a única preocupação deveria ser a de vigiá-lo, puni-lo e reprimi-lo em suas vontades e desejos pecaminosos.

Todavia, mesmo sendo demérito para uma mulher apresentar uma beleza atrelada apenas aos aspectos físicos e corporais, venerando-a e abdicando da contemplação de uma beleza divina e sublime, que a levaria ao encontro do amor e temor a Deus, pode-se notar que a beleza continuava a figurar na sociedade medieval como objeto de desejo, assentada sobre uma pura e jovial inocência: uma beleza virginal e genuína (BRASÍLIO, 2007).

Para Souza (2004) a beleza física embora fosse alvo de desconfiança e prenúncio de malfeitorias durante a Idade Média, ainda encontrava espaço nas práticas sociais e no imaginário coletivo, desde que remetesse à pureza virginal e formas angelicais. Um exemplo deste padrão de beleza “cristianizada” foi propagado a partir do aparecimento na França do século XII, de um modelo de relacionamento entre homens e mulheres

chamado “amor cortês” - que embora sendo uma invenção poética para a contemplação dos frequentadores da corte, contendo a figura do senhor, da dama e do amante modificou os comportamentos e costumes daquela época ao representar em versos o ideal de mulher -, onde a beleza jovial, inocente e pura da mulher despertava o interesse de outro homem (amante), o qual não tinha seu amor correspondido, já que a beleza feminina era reforçada pela sua inabalável decência moral e religiosidade.

Ressalta-se, assim, a importância destas obras poéticas na construção do imaginário coletivo (o qual também serve de pano-de-fundo para estas obras) e a sua possível interferência na formação das subjetividades, modificando os “olhares” que recaem sobre os acontecimentos e fenômenos sociais. Para tanto,

A heroína que conquista o coração dos trovadores medievais é branca como lírio ou leite, seios redondos e firmes, corpo delicado, esguio e gracioso, com ombros ligeiramente caídos, busto comprido, membros longos, quadris arrebitados, ventre arredondado, saliente sob uma cintura fina. No rosto que tem traços regulares, a testa deve ser grande e redonda, polida como um mármore, o espaço entre os dois olhos deve ser largo, as pálpebras redondas, transparentes, claras devem abrigar olhos azul-prateados. A boca é pequena e vermelha, os dentes talhados em marfim e os cabelos devem ser louros. Os cabelos tinham uma forte carga expressiva: os louros são considerados o cânone ideal da beleza e os ruivos têm conotações negativas. (SOUZA, 2004, p. 77).

Para Santo Agostinho - um dos principais representantes do pensamento intelectual da Idade Média e influenciador do *modus vivendi* católico - afirmava que a beleza humana e/ou física em si não era maldade/pecado/problema, uma vez que representava a grandeza de Deus na terra (pensamento platônico e neoplatônico), o ponto “nodal” era o livre-arbítrio que permitiria às pessoas fixarem sua contemplação apenas nesta “porção” da beleza divina. As qualidades que davam forma à beleza corporal e a caracterizavam seriam a proporção (belas coisas agradam pela proporção), a equivalência (igualdade, com pares de membros equivalentes, respondendo uns aos outros) e a similaridade (deve possuir algum ponto central, de maneira que a igualdade possa ser preservada) (OLIVIER, 1999).

Posteriormente, a beleza retoma sua condição privilegiada de status, valorização e prestígio. A mulher bela deixa de ser assombrada pelos fantasmas do pecado, luxúria e do prazer carnal, revela-se, assim como na Antiguidade Greco-Romana, beleza e formosura eram a materialização da perfeição objetivada pelo poder divino.

Assim sendo, como afirma Rousso (2000), com o Renascimento a imagem feminina se associa novamente ao belo, à beleza esplendida, um retorno às percepções platônicas de beleza, representando a fusão perfeita entre corpo e alma, um arquétipo de beleza celeste e carnal representado pela figura de Vênus. A mulher precisa ser bela e sensual para cumprir com a vocação que lhe é requerida por Deus (ROUSSO, 2000).

Começa a ser introduzido nas práticas de beleza, o uso de peças e indumentárias que propiciem a “modelagem” do corpo feminino – o espartilho -, como o afinamento da cintura e a sustentação e projeção dos seios. Essas peças tinham uma dupla função, ao mesmo tempo em que valorizavam e ressaltavam algumas partes dos corpos femininos, atuavam como mecanismos de distinção social, definindo quem integrava a classe dominante e a dominada. As mulheres usavam uma faixa larga abaixo dos seios para erguê-los e dar um aspecto de profundidade aos decotes, surgindo, posteriormente, um modelo de corpete que era muito justo e amarrado nas costas, chamado de *vasquim*. Décadas a frente passou-se a utilizar um corpete amarrado com uma lâmina de aço (que chegava a pesar até um quilograma), que afinava a cintura e dava ao busto o aspecto de cone. Já no século XVI surge o espartilho marcando a superioridade aristocrática, sendo que as mulheres das classes menos favorecidas utilizavam um corsolete, atado por cordões que ficavam à frente do corpo, servindo para acentuar a cintura e sustentar os seios (BRASÍLIO, 2007).

Na contemporaneidade, por exemplo, não é difícil encontrarmos propagandas e/ou anúncios de produtos que teriam essa funcionalidade, como calças, coletes e cintas modeladoras, que segundo seus anunciantes, reduziriam as medidas e dariam as formas sinuosas, estas tão intensamente cobiçadas, instantânea e milagrosamente. Segundo Chahine et. al. (2000, p.152) essas peças do vestuário cuja finalidade seria a de prover destaque às curvas do corpo, tiveram como precursora a “cinta elástica criada por Marcel Rochas – versão moderna do espartilho vitoriano”, na década de 1950.

O Renascimento deixou de lado a relação beleza-pecado, belo-tentação, contrariando os ditames da ordem religiosa ainda dominante. Contrariamente, neste período a aparência teve uma forte inclinação moral, social e estética; aqueles considerados feios, o eram por apresentarem uma condição social inferior e por manterem inúmeros vícios em uma vida de libertinagem.

Segundo Rousso (2000), as proporções e simetrias estão fortemente presentes neste período e levam à criação de alguns tratados e obras que se dedicam a esta ciência de classificação, como o “Tratado de beleza das Damas”, de Agnolo Firenzuola em

1540, enumerando as belezas do corpo humano, inicialmente, em número de sete, depois dezoito e, por fim, trinta belezas. Augusto Nifo, em 1539, com a obra “Sobre a beleza e o amor”, estabelece critérios rígidos para a beleza: “o comprimento do nariz deve ser igual ao dos lábios, a soma das duas orelhas ocupará a mesma superfície da boca aberta, e a altura do corpo conterà oito vezes a da cabeça”. (ROUSSO, 2000, p.46)

A beleza deixou de ser apreendida apenas, e, exclusivamente, como um dom divino, passou a ser entendida também como produto da ação intencional do homem sobre o corpo, a beleza agora também pode ser produzida/fabricada. Os investimentos materiais voltaram à cena, com as preocupações com a maquiagem, cosméticos, adereços, joias e vestes. Houve uma mudança de sentidos, mas não de paradigmas; pois, se por um lado a beleza feminina não se ligava mais ao pecado, à produção diabólica; por outro, a conotação da beleza nessa organização social (ainda regida por normas eclesiásticas) centrava-se no campo espiritual. Se a mulher bonita era fruto da ação divina, a mulher feia era fruto do quê? No entanto, a figura da mulher deixou de ser associada com o mal (SOUZA, 2004).

Uma pontual descrição acerca do que se poderia reter como o padrão de beleza dominante para a mulher deste tempo histórico é dada por Rousso (2000, p. 45-46):

Nenhum osso deve marcar o largo peito cujos seios têm a forma de uma pera invertida; a mulher ideal é alta sem o auxílio de sapatos, têm ombros largos, cintura fina, quadris amplos e redondos, mãos rechonchudas, mas dedos afilados; tem pernas roliças e pés pequenos (...) os cânones do rosto exigem que ele se projete sobre um longo pescoço, que seja fino e oval, com traços regulares, uma testa alta, um nariz reto e delicado, uma boca pequena (...). Para obter o famoso louro preservando ao mesmo tempo a tez, as venezianas passavam dias inteiros ao sol, envoltas em véus, usando um chapéu sem copa, de onde saíam os cabelos umedecidos com uma mistura descolorante feita de açafraão e limão.

No século XVI, ao escrever suas peças de teatro, Shakespeare reservava trechos de sua obra para destacar a beleza desta mulher de formas roliças e generosas, atribuindo à gordura adjetivos como confiança, e, contrariamente, remetia-se à magreza como representativa da maldade, traição e astúcia (NOVAES e VILHENA, 2003).

Apreende-se desta maneira que “quando a comida era escassa e, portanto, privilégio dos ricos, a gordura era, de certa forma, sinônimo de saúde e prosperidade, enquanto a magreza sugeria miséria e definhamento.”(NOVAES e VILHENA, 2003, p. 20).

Olivier (1999, p. 130) tece significativas contribuições ao afirmar que

O ideal de beleza do Renascimento privilegiava as formas roliças. Magreza era sinal de subnutrição, logo, de pobreza e de doenças. As mulheres das classes sociais mais elevadas não hesitavam em seguir uma dieta rigorosa que evitasse a perda de peso.

No entender de Souza (2004), a ascensão da burguesia trouxe à tona novos estereótipos, que passaram a povoar as representações sociais de beleza; os padrões físicos considerados belos assumiram aspectos e formas arredondados e/ou esféricas, com suas faces rechonchudas e rosadas; os corpos expõem suas belas composições anatômicas como sinal de sua posição ou prestígio social, especialmente, as mulheres, que também passaram a figurar seus corpos “roliços” e “rosados” no universo artístico, por meio de esculturas, pinturas. A beleza, ao atender aos valores da burguesia bem alimentada, é flácida.

Seios fartos, coxas grossas, quadril desenvolvido e francos largos, mulheres rechonchudas ao máximo, carne em abundância, imagem de uma beleza idealizada pelo romantismo que também tinha como preocupação a vitalidade e fartura biológica da progenitora, sinal de uma natureza fecunda, mulher que viria a se tornar mãe e que, por isso, deve ter formas fartas para nutrir e suprir as necessidades da prole (ROUSSO, 2000).

Neste sentido, deve-se refletir que se por um lado a mulher aproximava-se das formas arredondadas e/ou esféricas, uma natureza que deveria ser opulenta, todos os seus gestos, comportamentos e características físicas em nada deveria se assemelhar ao homem, este, por sua vez, seria forte, viril e valente (ROUSSO, 2000).

Dentre os grandes mestres da arte renascentista estão Michelangelo (1475 – 1565); Leonardo da Vinci (1452 – 1519) e Donatello (1386 – 1466), que não apenas expressaram valores, sentimentos, tendências e paixões, mas principalmente, ajudaram a cunhá-las e estabelecê-las e tiveram papel preponderante na construção, validação e disseminação dos modelos idealizados de beleza. O primeiro foi o que melhor expressou, por meio da arte, a efervescência da beleza física, particularmente, a masculina. Neste sentido, Michelangelo, por se interessar essencialmente pelo corpo e a anatomia humana, fez com que suas obras – pinturas, esculturas e desenhos – ganhassem volumes, contornos, traços e movimentos nunca vistos antes. As suas obras davam vida a beleza do nu masculino, expressavam toda harmonia das formas e a estética corporal/muscular que marcaram a beleza do homem grego (PIRES, 2005).

Durante as reformas religiosas iniciadas no século XVI, o contexto social, político e econômico foi marcado por intensos conflitos e mudanças, refletindo nas relações dos sujeitos com seus corpos e destes com o mundo ao seu redor; e, conseqüentemente, o paradigma da beleza novamente se colocou no terreno dual representado pelo pecado e santidade, certo e errado.

Segundo Souza (2004, p. 98) faz-se necessária a compreensão de que

O século XVII reintroduz o desprezo pela “carne”. O relaxamento social vivido no Renascimento foi ferozmente combatido pela Reforma e pela Contrarreforma, a partir do século XVI. O corpo, lugar de embates é novamente coberto por um racionalismo puritano.

Desta maneira, imprime-se que

A interdição pesou novamente sobre o corpo e, nos lugares religiosos ou públicos, tangas e túnicas passaram a cobrir pudicamente estátuas e quadros nus. Vaidade e indecência estavam destinadas ao fogo do inferno, era o reinado do pudor (...) O seio era escondido, a Igreja condenava o uso dos decotes que se tornava um grave pecado passível de absolvição apenas pelo Bispo. O decote resistiu, mas doravante o corpo inteiro seria escondido, os pés com frequência cobertos por muitos tecidos, enquanto o olhar era atraído para o que fora proibido, por todo tipo de acessórios que acentuam suas formas. A cabeleira desaparece num coque baixo, a cor se extingue sob o negro uniforme iluminado com rendas brancas, a única joia tolerada é a pérola, a magreza está de volta. A beleza deve ser majestosa, digna, solene. (ROUSSO, 2000, p. 54).

O século XVIII é marcado pelo uso da maquiagem e dos espartilhos, mesmo estes últimos sendo alvos de intensos protestos por suas implicações negativas à saúde dos adeptos (entenda-se mulheres). As mulheres da aristocracia utilizavam maquiagem até mesmo na hora de dormir, conservando uma tradição imposta desde o século passado (BRASÍLIO, 2007).

Entram em cena as perucas ou “monumentos capilares” e o uso excessivo de *rouge*, realçando os olhos e as bochechas, marcando o padrão de beleza e a condição social ocupada por seus adeptos, as mulheres não ousavam desfilar sem sua maquiagem, utilizam-na até para dormir, ser natural era visto como uma prática imperdoável, horrível. Os cabeleireiros passaram a ser mais importantes do que os costureiros. Essas mulheres só podiam viajar ajoelhadas no interior das carruagens, pois os penteados enormes ocupavam muito espaço (ROUSSO, 2000).

Mas a beleza retornaria à sua condição de simplicidade contemplativa, de docilidade e naturalidade, esvaziando-se de práticas como a maquiagem, preenchendo-

se de espiritualidade. Tal mudança fora provocada pelo fato de que a França, por ditar as tendências de beleza e moda por toda a Europa, em plena Revolução a beleza passaria a ser uma das menores preocupações; e ainda, numa época em que as condições de higiene e limpeza eram escassas e as epidemias assolavam a população, estar com o corpo limpo e saudável passa a ser ideal de beleza aceitável e representava uma condição social favorável (SOUZA, 2004).

Assim, “a beleza teve tempo de voltar a ser humana e, em poucos anos semear os grãos que eclodiriam no século XIX, os da sensibilidade, da espiritualidade, da intimidade (...) o fim do século XVIII só tinha paixão pela amável simplicidade”. (ROUSSO, 2000, p.62).

David Hume, um dos maiores representantes do empirismo britânico, o qual tivera todas as suas obras proibidas pela Igreja por volta do ano 1761, debruçou-se sobre a temática da beleza provocando profícuas rupturas com os ideais e pensamentos cunhados, até então, por idealistas como Platão, Descartes e outros pensadores do período medieval. Hume discutia a partir do empirismo que o conhecimento dava-se pelo mundo sensível e não pelo universo místico, divino e abstrato. Neste viés filosófico tudo que existia no mundo físico era explicado pela experiência da sensibilidade; e, portanto, a beleza deve ter sua origem no mundo sensível, emanando da contemplação dos sujeitos, da compreensão do que é belo, na experiência prática e sensível e não mais como obra/resultado/vontade de um deus (OLIVIER, 1999).

A beleza começaria a caminhar a passos largos para “lugares” onde não seria marcada tão intensamente por posicionamentos que a subjetivasse, secundarizando-a e punindo-a de maneira violenta. Inicia-se a busca e admiração pela beleza que se instala na matéria humana, que dela provém e que se curva às vontades e anseios individuais e coletivos.

Na França, às voltas com as dificuldades e problemas originados no seio da Revolução, não havia tempo para se discutir e/ou refletir sobre os sentidos e experiências ligados à contemplação estética da beleza, esta deveria retornar ao natural, o corpo precisava apresentar apenas vivacidade, agilidade e apresentar suas emoções (ROUSSO, 2000).

No Romantismo, na primeira metade do século XIX, as mulheres começam a se render ao “império da magreza”, admitindo práticas alimentares que poderiam ser analisadas como precursoras dos atuais distúrbios alimentares da contemporaneidade - anorexia e bulimia.

Nas palavras de Rousso (2000, p. 66)

as mulheres cobrem o rosto com preparados tingidos de açafrão ou de tinta azul e não hesitam em beber vinagre, em engolir montes de limão, em jejuar a ponto de desmaiar, a fim de expulsar uma grosseira e deplorável saúde e alcançar o mais rápido possível a suprema distinção, que somente a aparência espectral das tísicas agonizantes conferia. Quando eram convidadas a almoçar, comiam de modo a exprimir seu desdém pelos prazeres materiais e chupavam uma asa de frango com a ponta dos lábios descoloridos ou mordiscavam uma fruta.

De acordo com Soares (1994), o século XIX é marcado também por um período de intensas discussões e medidas em torno da higienização da população e da moralização sanitária. Essa “política sanitarista”, sinteticamente, propunha explicar a precariedade social e as desigualdades a partir dos bons hábitos de higiene e saúde dos sujeitos, desprezando que estas se dariam numa lógica de exploração, submissão e deturpação das condições humanas alimentadas no e pelo ascendente sistema econômico capitalista.

Como destaca Rousso (2000, p. 64) “será reforçado uma corrente higienista que permitirá à burguesia ascendente afirmar pela limpeza sua superioridade sobre o campesinato e a novíssima classe operária.” Nascia um novo tipo de beleza, fazendo dos discursos sobre a beleza discursos especializados, que relacionam a beleza à saúde. São escritas várias obras de como manter um corpo higienizado e, portanto, bonito e saudável.

A beleza da mulher romântica assenta-se na melancolia, utilizavam açafrão e tinta para obterem olheiras azuladas e expressarem um ar doentio, triste, algumas chegavam até a ingerir venenos como a beladona, a atropina e o estramônio para conquistarem uma palidez e perfil cadavérico, a profundidade do olhar revelava uma alma apaixonada, o amor interior. O romantismo restabeleceu os dualismos da Idade Média, a mulher que incorpora o bem e o mal, meio anjo meio demônio, encantadoras, mas perigosas, uma flor do mal. Porém, a representação desta beleza romântica era mais estreita ao plano da consciência e do imaginário criativo dos artistas, do que da realidade concreta dos sujeitos, inscrita em um cotidiano permeado por valores burgueses, industriais e higienistas (ROUSSO, 2000).

Nos Estados Unidos, Inglaterra, França e outros países pronuncia-se a urgência de em nome da higiene, abolir os excessos de maquiagem e o uso de outros produtos químicos que prejudicavam o corpo. Em revistas de moda havia inúmeros artigos

escritos por mulheres da sociedade, especialistas e atrizes advertindo sobre os riscos dos cosméticos industrializados, cuja composição química poderia acarretar graves danos à pele e à saúde. Embora a indústria de cosméticos já apresentasse grandes avanços técnicos e científicos, existiam ainda inúmeros picaretas neste comércio. A beleza estava em um corpo e pele limpa e saudável (ROUSSO, 2000).

O desejo por possuir uma beleza invejável e o crescimento da indústria cosmética fizeram as práticas de embelezamento triunfar. Os avanços em pesquisas tornaram a química aliada da beleza, sem riscos à saúde. Com a retomada da maquiagem, retomou-se também o uso dos espartilhos, anquinhas e próteses para os seios (seios de borracha), valorizando as formas e não mais as escondendo (SOUZA, 2004).

Ainda, segundo Rousso (2000), sob os últimos suspiros do século XIX poder-se-ia descobrir a valorização e inserção social de mulheres, anteriormente, marginalizadas do convívio social burguês, como as cortesãs, cocotes, mundanas, dançarinas e outras. Ao passo que

As pesadas crinolinas e os xales de cashmere, apertando e ocultando um corpo desprezado pelo puritanismo, desapareceram como por encanto diante da volta da silhueta de ampulheta esculpida pelo espartilho, pelas anquinhas, pelas inúmeras e inacreditáveis próteses, tais como seios de borracha perfumada munidos de uma mola que lhes permitir palpitar. (ROUSSO, 2000, p.76).

O grande diferencial do século XX, no que tange às mudanças e transformações ocorridas nos referências de beleza e estética (esta ainda continua mais forte ao universo feminino) que alicerçam as representações sociais do belo, do bonito e do valorizado, parece ser a velocidade com que acontecem e a maneira como passam a integrar o imaginário coletivo. A primeira metade do século produziu geralmente apenas um modelo de beleza por época (década) que era incorporado por todas as mulheres. A partir dos anos 1960, a beleza passou a ser plural e definida individualmente, alcançando, atualmente, uma reconhecida diversidade de estilos de beleza e uma ampla possibilidade de escolhas para que se possa satisfazer a ânsia de se parecer único (FAUX, 2000).

As inovações tecnológicas e científicas em consonância com os mecanismos cada vez mais elaborados e sofisticados de produção e consumo do modelo industrial capitalista possibilitaram a produção industrial de cosméticos e produtos (outros) com a

finalidade de embelezar a mulher moderna; contudo, muitas mulheres ainda utilizam técnicas caseiras para o embelezamento e tratamento da pele e dos cabelos.

Segundo Chahine et. al. (2000) a entrada no novo século - 1900 – inaugura uma fase marcante para os cuidados com a beleza. As dançarinas, atrizes e *cocottes*³ que reinavam na *Belle Époque*⁴, traziam aspectos de beleza e luxo em roupas, chapéus, penteados e joias que expunham suas excentricidades tumultuosas. Morenas ou loiras, não era tão importante, o destaque era a tez branca e transparente, conquistada quase sempre à custa muito pó-de-arroz, que acabava sendo o cosmético mais usado. Os cosméticos ainda eram caseiros e multiplicavam-se em receitas e fórmulas que, inclusive, colocavam em risco a saúde das mulheres. Loção à base de pepino, vinagre de plantas, máscara de vitela⁵ mantida por bandagens, talcos perfumados com óleo de rosas, técnicas e produtos que prometiam à tez um brilho invejável. Porém, “sucessivamente em 1908 e 1909, Elizabeth Arden e Helena Rubinstein inauguram, cada uma, seu salão de beleza, fazendo os produtos para pele abandonarem os tachos das donas-de-casa.” (CHAHINE et. al., 2000, p. 90).

O primeiro creme comercializado com baixo custo, promovendo uma revolução econômica, foi criado por um farmacêutico em Hamburgo e se chamava Creme Nívea (em latim, “branca como a neve”), um marco no desenvolvimento das técnicas e procedimentos químicos destinados à beleza e hidratação da pele. Isso não impediu que cosméticos de qualidade e de procedência duvidosa, produto de picaretagem e amadorismo, continuassem a ser consumidos, o que só aconteceria a posteriori com o avanço das descobertas químicas, os progressos da medicina e da higiene individual e coletiva e a proibição do comércio de produtos comprovadamente nocivos às pessoas (CHAHINE et. al., 2000).

³ As garotas jovens liberadas dos costumes da época e que eram vistas pela sociedade como promíscuas.

⁴ “A Belle Époque foi o período que decorreu na Europa entre 1890 e 1914, ano em que começou a Primeira Guerra Mundial. A expressão Belle Époque, contudo, só surgiu depois do conflito armado para designar um período considerado de expansão e progresso, nomeadamente a nível intelectual e artístico. Nesta época surgiram inovações tecnológicas como o telefone, o telégrafo sem fio, o cinema, o automóvel e o avião, que originaram novos modos de vida e de pensamento, com repercussões práticas no quotidiano. Foi uma fase de grande desenvolvimento na Europa, favorecida pela existência de um longo período de paz. Países como a Alemanha, o Império Austro-Húngaro, a França, a Itália e o Reino Unido aproveitaram para se desenvolver a nível económico e tecnológico. Tratou-se de uma época de otimismo entre a população que passou a ter uma grande crença no futuro. Simultaneamente, os trabalhadores começaram a organizar sindicatos e partidos políticos, nomeadamente os socialistas. Nas grandes cidades o ambiente mudou radicalmente, o que era visível nas principais avenidas, onde se multiplicavam os cafés, os cabarets, os ateliers, a galerias de arte e as salas de concertos, espaços frequentados pela média burguesia, que tinha cada vez mais posses. O núcleo da Belle Époque era Paris, na altura o centro cultural do mundo.” (*Belle Époque*. In: **Infopédia** [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. Consulta em: 20 de janeiro de 2012. Disponível em: < [http://www.infopedia.pt/\\$belle-epoque](http://www.infopedia.pt/$belle-epoque)>).

⁵ Tipo de carne macia e suave obtida a partir de bovinos jovens, criados em confinamento.

Em 1910, ainda sob os últimos suspiros da Belle Époque, as mulheres, para se fazer belas, reproduziam os traços (evidenciados em fotografias e pinturas) de embelezamento das damas da aristocracia, como cabelos e vestes. O visual era cintura fina e silhueta em S moldadas por espartilhos feitos de barbatanas de baleia, chapéu equilibrando-se em armações de cabelos postiços, maquiagem natural e pescoço comprido. As mulheres desta época acabavam sendo impedidas de percorrer longos trajetos e de se ocupar com afazeres domésticos, sinalizando o pertencimento a uma categoria social e econômica prestigiada (FAUX et. al., 2000). É época em que surgem os primeiros batons (fixados numa base de metal dourada e protegida por tampa), pó e *blush* compactados em estojos portáteis (criados para mulheres elegantes carregarem em suas viagens) (CHAHINE et.al., 2000).

Na esteira da ampliação dos bens de consumo e de entretenimento como as revistas destinadas aos cuidados da beleza feminina e a ascensão das produções artísticas ligadas ao cinema, os padrões de beleza e estética passaram a ser propalados a uma quantidade cada vez maior de pessoas. Atrizes, atores, modelos e demais artistas passaram a ter suas imagens amplamente expostas e/ou “promovidas”, exercendo forte influência nas relações, costumes e práticas sociais, criando e fixando estereótipos físico-anatômicos, ditando gostos, vontades, até as escolhas por roupas e cuidados com o corpo/pele/cabelos.

Na década de 1920, as roupas passaram a ser mais funcionais e menos estilizadas, muitas mulheres diante da escassez de recursos do pós-guerra e da possibilidade de usar roupas mais simples, passaram a costurar suas próprias roupas. O slogan era “faça você mesma”, têm-se a utilização de saias cada vez mais curtas e vestidos confortáveis e marcados por uma cintura baixa, pronunciando a liberdade de movimento e trazendo a magreza como a nova imposição da época. Despontam-se os concursos de beleza pelo mundo, a moda das misses despertava os desejos de ascensão social, levando mulheres jovens, atrizes sem fama e dançarinas a se aventurarem como modelos que, longe da posição de prestígio, representavam a figura de uma mulher dada à libertinagem da vida privada e por isso, não inspiravam inveja como em outrora (CHAHINE et. al., 2000).

Com o término da Primeira Guerra Mundial, o cinema passou a ser o principal veículo de entretenimento e sua expansão durante os anos 20 difundiu um novo estilo de moda e beleza, penetrando na realidade de mulheres de todas as idades e lugares. As estrelas de cinema eram belas e bajuladas, tinham cabelos curtos e arredondados, com

vestidos igualmente curtos, maquiagem em excesso, silhueta fina e com movimento, já que foi liberada dos espartilhos, olhos e boca sensualmente marcados por lápis e batom escuro, respectivamente. Louise Brooks e Gloria Swanson são ícones de um período que influenciou uma geração de mulheres, deixando marcas profundas que ressurgiriam incontáveis vezes ao longo do século, inaugura-se a chamada beleza moderna (FAUX et. al., 2000).

Os filmes apresentam os pensamentos, ideias, valores, costumes e hábitos que estão alojados não só na sociedade e nas relações sociais, mas, primordialmente, nas aceções de diretores e roteiristas, levando as(os) personagens e os acontecimentos desta narrativa a assumirem uma dialética na qual influenciam a cultura e, ao mesmo tempo, são influenciadas(os) por esta mesma cultura.

Canassa (2007) utilizou-se da teoria junguiana e do conceito de arquétipo para analisar e discorrer sobre a relação entre as deusas mitológicas e as figuras femininas representadas nos filmes, externando que os “mecanismos de projeção” possibilitam ao sujeito realizar um conteúdo psíquico ou um complexo como se aderisse a um objeto externo, coisas ou pessoas. “Pode ser considerado um conjunto de tendências internas a uma preocupação ansiosa com o comportamento externo, envolvendo uma percepção distorcida da realidade sob o poder de um complexo ou arquétipo.” (CANASSA, 2007, p. 15).

Nas décadas seguintes, os acontecimentos históricos conjugados com a penetrante influência de performances, estilos e sentidos sobre beleza, estética e comportamentos produzidos por Hollywood, ditaram também o ritmo das tendências e práticas de embelezamento, assim

Durante trinta anos, Hollywood continuaria a exercer influência preponderante sobre a definição do estilo e da beleza, produzindo, depois da Grande Depressão de 1929, o sonho e a evasão de que os Estados Unidos tanto precisavam. Jamais o estilo e o *glamour* tiveram tanta força. A sensualidade provocante de Marlene Dietrich ou de Greta Garbo atingiu uma notoriedade internacional. Seu olhar lânguido, lábios nitidamente desenhados, finas sobranceiras arqueadas, cabelos sedosos determinaram o estilo da década. Jean Harlow, primeira estrela a tingir os cabelos de platinum blonde, lançou uma tendência para sempre associada com Hollywood e ainda copiada hoje em dia. Marlene Dietrich, Carole Lombard, Veronica Lake, Lauren Bacall, Marilyn Monroe, Grace Kelly, Anita Ekberg, Brigitte Bardot, Farrah Fawcett, Catherine Deneuve e Gwyneth Paltrow... todas buscavam reproduzir aquela cor espetacular.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Hollywood produziu de novo rainhas da beleza e da elegância para insuflar o senso do dever e da dedicação nas mulheres que permaneceram no país e para estimular o moral das tropas. A extrema feminilidade de Veronica Lake, de Rita Hayworth e de Lauren

Bacall, com seus espessos cabelos longos e encaracolados, maquiagem marcada, olhos de gazela e lábios grossos, fazia delas pin-ups ideais. As poses voluptuosas, o aspecto provocante dos shorts curtos e das camisas colantes, a longa cabeleira solta criaram um novo símbolo de beleza: a bombshell. Desde então, bombshell como Marilyn Monroe, Brigitte Bardot, Cindy Crawford ou Laetitia Casta não cessam de suscitar a adoração nos homens e a emulação nas mulheres (FAUX et. al., 2000, p.13-14).

O impacto do estilo “Loura Platinada” (beleza sofisticada e sedutora), lançado por Jean Harlow, foi tão grande sobre o público feminino que levou muitas mulheres a abandonarem a cor e a qualidade natural de seus cabelos para ficarem loiras, queimando-os com descolorantes radicais e ainda, depilando completamente as sobrancelhas para serem redesenhadas. O estilo duraria mais de trinta anos, chegando ao fim apenas com Marilyn Monroe (CHAHINE et. al., 2000).

Segundo Bouzón (2008, p. 232), “como veículo estético e suporte de significados, o cabelo classifica, qualifica e desqualifica, exclui e inclui, aproxima e distancia, deixando pouco espaço para indefinições”.

Embora outros modelos de beleza possam ter emergido durante esses anos, acompanhando uma diversidade de atrizes e expoentes da moda, deve-se ter a compreensão de que praticamente todos esses referenciais eram apresentados e incorporados na vida social e cotidiana por meio das produções e do desenvolvimento do cinema vivenciado neste período.

A Segunda Guerra mundial trouxe inúmeras consequências para a vida social, econômica, cultural e política, mergulhando a Europa nas sombras. A escassez de recursos de todos os gêneros e a preocupação estreita com a segurança e a subsistência impôs a necessidade de readequar as práticas de beleza, as vaidades e luxos estéticos promovidos pelo uso de maquiagens, cosméticos, cremes, perfumes e sabonetes, deveriam substituídos por produtos e materiais baratos e de fácil acesso. Os cabelos longos eram a principal maneira de exercer a feminilidade nestes tempos de guerra.

Como atesta Chahine et. al. (2000, p.138),

Em toda a Europa, as mulheres procuravam alternativas. Os cremes demaquilantes e outros estavam em falta? O leite, a manteiga, a margarina ou qualquer corpo gorduroso presente na cozinha desempenhariam esse papel. Para enxugar o excesso, não havia mais algodão: foi substituído por papel de seda ou papel mata-borrão. Na ausência destes dois artigos, as revistas propunham um expediente eficaz: untar o rosto de gordura, pegar um cortador de papel ou uma faca de frutas e passar sobre o rosto como uma lâmina de barbear.

A época compreendida pelo final dos anos 40 e início dos anos 50 foi marcada pela coexistência de duas posturas distintas no mundo da moda e, conseqüentemente, produziram no imaginário coletivo percepções de beleza completamente opostas, seus expoentes eram Dior e Coco Chanel. O primeiro, com a intenção de fazer ressurgir a Europa desmoralizada do pós-guerra, projetou o que chamou de New Look, esboçado por mulheres no interior de vestidinhos sem alças, com afinamento da cintura e saia ampla, pintura marcante no rosto, cabelos presos para trás, sobrancelhas arqueadas e postura rígida, com o retorno dos corpetes, rememorando a beleza imóvel da Belle Époque. A segunda devolve à mulher a liberdade de movimento, a dignidade expressa pela liberdade das silhuetas, roupas básicas e soltas, maquiagem e penteados discretos, acessórios simples e formas corporais naturais (FAUX et. al., 2000).

Diferentemente da América, os referenciais de graça, beleza e sensualidade feminina na Europa, picantes ou sérias, eram produzidos e pulverizados a partir do destaque obtido nas telas por algumas vedetes, desde a década de 1930, como Arletty e Michéle Morgan (CHAHINE et. al., 2000).

Com o final da Segunda Guerra Mundial, frente aos desafios e mudanças drásticas na dinâmica social, política e econômica ocorrida em muitos países, a mulher-ideal, ou seja, o protótipo de mulher para aquele tempo e espaço, coadunava com a figura representada pela simpática e dedicada dona-de-casa, mulher que em alguns momentos será forçada a ocupar o mundo laboral por causa da escassez de mão-de-obra masculina. Era preciso cuidar dos filhos e do marido, cuidar bem da casa e retomar os valores tradicionais e conservadores.

Vigarello (2006) destaca que com o advento da televisão nos anos 50, os modelos de beleza intensificaram sua presença no cotidiano das pessoas, impondo e reforçando modelos marcantes não só de corpos, cabelos, pele e roupas, mas também, de comportamentos, atitudes e identidades. Com os programas televisivos florescem outros modelos, pois se “as mães buscavam acumular o papel de perfeita dona-de-casa (a supermãe da televisão americana), a sedução de Marilyn Monroe e o estilo *Vogue* de Lisa Fonsagrives, Suzy Parker ou Bettina (...) os jeans de Elvis” (FAUX et. al., 2000, p.16) e tantas outras estrelas da TV e seus *looks*⁶, como Brigitte Bardot com seu louro estonteante e a compilação perfeita entre sensualidade/ingenuidade ou Grace Kelly com

⁶ Expressão comumente utilizada no mundo da moda para se referir ao visual e/ou comportamento estético de uma pessoa, também está associado ao penteado, sapatos e perfil corporal.

um louro sensato, sedutor e uma postura distinta, determinavam o perfil de beleza e estética das filhas.

Os anos 60 iniciaram com grandes transformações sociais e políticas, forjando um ideário de mudanças, tendo a música como veículo de ação social, com grupos como Beatles e Rolling Stones levando as pessoas à histeria coletiva, revelando um tipo de beleza em que se destacavam os cortes de cabelo geométricos, lábios pálidos com contorno nítido, belezas como a de Twiggy, que acabaram se tornando frívolas mediante acontecimentos como a Guerra do Vietnã. O mundo passava a ser visto de outra forma, especialmente pelas mulheres, que passam a utilizar suas imagens e corpos para contestar o materialismo e os padrões sociais, religiosos, políticos e morais vigentes, cabelos despenteados e partidos ao meio, maquiagem natural, estética que podia ser observada em artistas como Grace Slick (FAUX et. al., 2000).

O movimento hippie, eclodindo no berço da contracultura na década de 1960⁷, revelou-se um marco na relação com os padrões e ditames estéticos daquele tempo, já que o ideário propagado defendia a oposição e/ou negação dos valores éticos, sociais e morais cunhados pela burguesia dominadora. O corpo passa ser palco de reivindicações pela liberação sexual, moral, religiosa e estética. O corpo passa a requerer sua liberdade, acenando para períodos em que será descoberto, desnudo e exposto, por pessoas comuns e não somente modelos ou artistas. Talvez essa necessidade de libertação do corpo nas suas múltiplas possibilidades tenha sido profícua no incentivo à valorização do corpo como sinônimo da beleza.

Para Chahine et. al. (2000, p.174) “os anos 60 foram acima de tudo uma tomada de consciência da juventude: insolência, derrisão, liberdade estavam na moda (...) adotou a moda hippie e as maquiagens psicodélicas, de cores vivas”.

O crescimento dos movimentos marginais característicos desta geração *underground*, designada a subverter todo o modismo e consumo desenfreados, promoveram durante os anos 60-70 novas referências de beleza, pensamento e ideais, fazendo nascer a moda étnica, a *body-art*⁸ e a *pop art*⁹ (CHAHINE et. al., 2000).

⁷ Para maior aprofundamento sobre o tema consultar: PIRES, Maria Idalina da Cruz. As principais mudanças culturais no pós-guerra: os jovens dos anos 1960-70, 20 de agosto de 2010. Disponível em: < <http://f5dahistoria.wordpress.com/2010/08/20/as-principais-mudancas-culturais-no-pos-guerra-os-jovens-dos-anos-1960-70> >. Acesso em: 04 de junho de 2011.

⁸ Será conceituada e definida no capítulo seguinte deste estudo, quando discorrer-se-á sobre as modificações e transformações corporais.

⁹ Movimento artístico que surgiu no final da década de 1950 no Reino Unido e nos Estados Unidos e que propunha uma reflexão sobre o modelo de vida e consumo da sociedade capitalista e as maneiras de representá-la a partir de objetos do cotidiano. (CASTELO, 2002).

O corpo no interior de roupas cada vez mais simples e leves, expressando uma inexorável resistência às práticas de consumo, fruto de uma construção identitária que configurava-se pelo antimaterialismo, poderia também apresentar-se por meio do seu desnudamento, prova cabal de um esforço para se contrapor às marcas e produtos sofisticados que marcavam um estilo de vida elevado, ainda presente na década de 1970 (FAUX et. al., 2000).

Pode-se notar o olhar mais cuidadoso e investimentos sociais e culturais direcionados especificamente para o corpo das pessoas, tornando este corpo protagonista nas relações e práticas cotidianas. O corpo passou a receber um destaque nunca visto, diferente das décadas anteriores quando figurava como produto de desinteresse e indiferença, tinha um aspecto universal e quase andrógino.

A mudança paradigmática promoveu transformações no panorama sociocultural, naquele momento “as revistas estavam cheias de artigos dedicados aos regimes de emagrecimento ou aos exercícios de musculação. Doravante, era preciso dar ao corpo os mesmo cuidados reservados ao rosto, ao pescoço, ao decote”. (CHAHINE et. al., 2000, p. 181).

A beleza, que se encontrou histórica, social e culturalmente multiplicada nas suas intenções e apreensões, gostos e formas, em diálogo constante com a moda e com o desenvolvimento das técnicas de embelezamento (maquiagem, cosméticos, penteados, tratamentos para a pele, ornamentos e outras) e cuidados estéticos, mais do que nunca, a partir da década de 1970, vai ser encerrada prioritariamente no corpo sujeito.

O sujeito passará a ser responsável direto pela sua beleza, no sentido de que esta se tornasse fruto dos esforços individuais, admitida por condições que são exteriores a esses sujeitos, a exemplo do uso da maquiagem, cosméticos, higiene e cuidados com a pele/cabelo/corpo; destacam-se a partir de então as práticas físicas e/ou exercícios físicos que começam a ser empregados na e para estruturação ou aperfeiçoamento da forma físico-corpórea.

Pela primeira vez na história desta crescente evolução da beleza, homens e mulheres eram convidados a se reconciliarem com suas formas e aparências individuais, poderiam decidir qual o visual seria mais adequado para a sua necessidade e realidade pessoal e não apenas por uma lógica que se detinha aos ditames da moda. Destacaram-se nesta época as modelos de personalidade forte como Marisa Berenson, Lauren Hutton, Margaux Hemingway, Cheryll Tiegs e outras, pronunciando uma beleza saudável e esportiva (CHAHINE et. al., 2000).

Na trilha deste raciocínio, uma vez que os contornos e formas que emolduram a beleza corporal devem ser perseguidos e alcançados à custa de qualquer sacrifício, já que a conquista desta beleza representaria a pacificação consigo próprio e, desta feita, admitir-se-á que “o corpo com que você sonha é forçosamente o seu” (VIGARELLO, 2006, p. 183).

Ainda na década de 1970, dois importantes acontecimentos se apresentaram como o prenúncio de outros (novos) tempos e modos para se pensar a beleza, os modelos e arquétipos que fixaram identidades e subjetividades durante a história da humanidade. O primeiro trata do movimento punk que eclodiu sobre o slogan “*no future*”, evidenciando a descrença generalizada perante a sociedade, apresentava um estilo visual marcante, com penteados espetados, quase sempre tingidos, maquiagens extravagantes, tatuagens, braceletes com pregos, grossas correntes. O outro diz respeito à valorização da beleza negra, que desde o final dos anos 60, com o aparecimento do cabelo Black Power, conquistava espaço e visibilidade, tendo como principais referências a modelo Naomi Sims (publica em 1976 um livro sobre a beleza negra e é consagrada top model pela revista *Life Magazine* a partir de 1969), a cantora Miriam Makeba e a atriz Cecily Tison, ambas chamaram a atenção ao expor seus cabelos naturais, Beverly Johnson (a primeira modelo negra a ser capa da *Vogue* americana, em 1974) e a suntuosa Donyale Luna (tornou-se a musa de Paco Rabanne). Inaugura-se uma nova beleza sob o slogan “*Black is Beautiful*” (CHAHINE et. al., 2000).

Para a antropóloga Lilia K. Moritz Schwarcz a nova estética do *black is beautiful*, só começou a ganhar destaque e adeptos recentemente no Brasil, mas destaca que a valorização dos afrodescendentes deve extrapolar essa exaltação estética da cor e prover condições sociais, políticas e culturais dignas para os mesmos. Deve-se também ressaltar que o modelo de projeção estética no nosso país ainda é o branco, louro e, preferencialmente, de olhos azuis, ao passo que “o país da discriminação silenciosa convive com o modelo de beleza mulata.” (SCHWARCZ, 2000, p. 123).

Assim sendo, é um “movimento pela igualdade de direitos em que numerosos e aguerridos grupos de militância negra se engajaram, afirmando uma identidade própria, afro (...) numa evidente valorização dos traços fenótipos de seus ascendentes africanos.” (QUEIROZ e OTTA, 2000, p. 22).

A década de 1980 compreende a era dos exageros, na qual as mulheres deveriam se pintar muito. A beleza continuaria fortemente associada aos modelos corporais

atléticos e a cobrança incessante por um corpo delineado e livre das indesejadas gordurinhas promoveria a ascensão das cirurgias plásticas com fins estéticos.

No tocante aos exageros e extravagâncias de estilo, representando atitudes de contraversão aos cânones da moda e da estética corporal cada vez mais crescente, resistem “nos subterrâneos dos prédios de concreto que fazem sonhar os habitantes das cidades, os punks arrotam: *No future!* Agitam Paris, Londres e Nova York. As punketes impuseram o couro, a lingerie das sex-shops, o batom violeta e os cabelos sem disciplina”. (CHAINED et. al., 2000, p.194).

No topo das paradas musicais estava Madona, cantando e encantando com “*Like a Virgin*”, com seus olhos pintados, cabelos louros com as raízes escuras, penduricalhos, roupa-lingerie, luvas com as pontas dos dedos de fora, tudo que era de mais acabava lindo em Madona. Também atuou como atriz, destaque para a atuação em “Procurando Susan desesperadamente”. Madona apresentou em suas performances e atuações artísticas e também fora deste universo, outra forma de cuidar do visual.

De acordo com Chahine et. al. (2000, p. 194-196) diante destas circunstâncias

A beleza virou competição. A época amava o visual e cuidava de sua aparência. O corpo devia ser perfeito. I want muscles [Quero músculos], canta Diana Ross, e Jane Fonda tornou-se a sacerdotisa da aeróbica. Seus vídeos de ginástica eram disputados: “E um, e dois, e três...” Vestindo um colante roxo, a estrela mostrava às mulheres como construir um corpo do sonho. Ou seja, de aço. O outro esporte praticado em alta dose era o cooper. No central Park, no Hyde Park ou nas margens do Sena, corre-se em passos curtos, com o walkman nas orelhas para não perder o ritmo (...) impiedosa com as gordurinhas, a moda as reprime dentro de colantes e malhas em lycra de Azzedine Alaïa. Como a ginástica não é suficiente, descobriu-se que a beleza está às vezes na ponta de um bisturi. E a cirurgia plástica iniciou sua irresistível ascensão. Nos Estados Unidos, o número de intervenções aumentou 63% somente no ano de 1988. Os consultórios desses novos mágicos estão sempre cheios. Pratica-se a lipoaspiração, injeta-se colágeno nos lábios, retifica-se um nariz, diminui-se uma pálpebra, aumenta-se o volume dos seios. Nas páginas “personalidades” das revistas, as bocas das estrelas são extraordinariamente carnudas, os peitos verdadeiramente impertinentes, as maçãs do rosto perfeitamente lisas.

As cirurgias plásticas que se desenvolveram a partir da necessidade de uma reparação ou correção estética e funcional do corpo e, tornaram-se, na atualidade, mercadorias preciosas dentro de um projeto de corpo e/ou beleza ideal. No passado, foi

(...) durante a guerra, exercitando-se com os soldados feridos, que a cirurgia reparadora fez verdadeiros progressos. Desse modo, após o fim do conflito, o melhor domínio dos procedimentos cirúrgicos levaria um número maior de

mulheres a retificar um nariz, atenuar um queixo proeminente ou eliminar rugas (CHAHINE et. al., 2000, p. 99).

No Brasil, dar-se-á destaque ao surgimento das primeiras academias de ginásticas durante a década de 60, mas foi apenas no final da década de 1970 e início da década de 1980 que as academias de ginástica tiveram um crescimento significativo, com a implantação da ginástica aeróbica em algumas academias da cidade do Rio de Janeiro e posteriormente, se espalhando pelo país. Seguindo um modismo de dimensões internacionais, quando milhares de pessoas começaram a se dedicar à prática de exercícios físicos para adequarem seus corpos ao novo padrão estético que imperava na mídia e no pensamento coletivo da época, corroborando decididamente para a fixação desta “cultuação/culturação” do corpo e de seus modelos idealizados de beleza (SILVEIRA E NEVES, 2009).

Com relação aos interesses e necessidades de agir sobre o corpo, cultivados ao longo dos tempos, Foucault (1986, p.80) diz que “foi no biológico, no somático, no corporal que antes de tudo se investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica”. Neste sentido, embora a maioria das pessoas acredite que a busca por um corpo ideal seria promovida apenas e, exclusivamente, por seus desejos e interesses, deve-se admitir também que este quadro seja reflexo de um corpo que voltava a ser controlado pela ordem vigente, pelo consumo, pelos ideais de moda e estética reificados pela sociedade de consumo, combatida inicialmente pelo movimento hippie e posteriormente, pelos punks/punketes.

Observa-se, então, que a beleza e todas as realizações humanas cunhadas na sua base, sejam materiais, simbólicas, filosóficas, políticas, econômicas, ideológicas, artísticas e culturais, denunciam que a beleza sempre exerceu força e domínio sobre o corpo biológico e social, governando homens e mulheres em suas vontades e desejos, que nem sempre refletiam o desejo do “Eu”, já que balizaram-se, prioritariamente, nas intenções de um “OUTRO”.

Adverte-se, então, que quase “todo o investimento destinado aos cuidados pessoais com a estética vincula-se à visibilidade social que a pessoa deseja atingir”. (NOVAES, 2008, p. 147).

Neste sentido, Berger (2006, p. 40-41) exterioriza que

Trata-se, portanto, de uma questão de identidade e de apreensão moral: numa sociedade onde o corpo malhado apresenta-se como objeto de adoração e

classificação, não possui-lo é não estar inserido. E mais, sobre o corpo não malhado recairá um estigma e uma culpa, já que um dos pilares da ideologia do corpo perfeito recai no esforço individual (...) nas sociedades contemporâneas, e neste caso específico, no Brasil, este culto ao corpo, que trabalha no sentido de amoldá-lo a alguns padrões pré-estabelecidos, também evidencie pertencimentos sociais, define visões de mundo de grupos específicos e estilos de vida aos quais se tenta aderir para se obter reconhecimento social.

O “culto ao corpo” ou “cultura do corpo”, são nomenclaturas utilizadas para descrever a busca por um corpo belo e escultural, processo no qual o corpo se configura como elemento central e definidor da identidade. Embora não seja possível datar e pontuar com precisão o momento histórico em que essas expressões surgiram, acredita-se que tenham aparecido pela primeira vez por volta da década de 1980 e no Brasil tenha se desenvolvido apenas por volta da década de 1990 (BERGER, s/d).

O desenvolvimento de práticas e apetrechos de embelezamento, técnicas para retardar o envelhecimento da pele, o aumento do consumo/oferta de produtos de estética, a proliferação de academias de ginástica e outros fatores favoreceram o processo de massificação que revolucionou as aparências, encobrendo até certo ponto a visibilidade das distâncias sociais, dificultando o reconhecimento de uma mulher do povo, o que em tempos passados era impensável (VIGARELLO, 2006).

Evidentemente, os abismos que separam os consumidores mais abastados daqueles consumidores desfavorecidos econômica e socialmente, imputando-lhes o que podem ou não consumir no mercado da beleza e do belo corpo, diminuíram (em menor ou maior grau), mas não deixaram de existir. Diante de tudo aquilo que se massificou e generalizou na contemporaneidade, algumas coisas permaneceram quase inalteradas, demarcando as fronteiras históricas entre ricos e pobres, diante desta “beleza mercadoria” observa-se que, “seguramente, a cirurgia estética não se generalizou” (VIGARELLO, 2006, p. 174).

Segundo dados de uma pesquisa inédita¹⁰ encomendada pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) ao Instituto de Pesquisas Datafolha para traçar o perfil da cirurgia plástica no Brasil, de setembro de 2007 até agosto de 2008 foram realizados 629.000 procedimentos cirúrgicos, sendo 457 mil (73%) cirurgias estéticas e 172 mil (23%) cirurgias reparadoras (tumores, acidentes urbanos, defeitos congênitos, queimaduras, acidentes domésticos, reconstrução mamária, outros). Com relação ao

¹⁰ A pesquisa foi realizada em janeiro de 2009 e encontra-se detalhada no endereço eletrônico < <http://www.info-cirurgiaplastica.com/2009/06/pesquisa-datafolha-sobre-cirurgia.html> >. (CIRURGIA PLÁSTICA. Pesquisa Datafolha sobre a Cirurgia Plástica no Brasil. Acesso em 20 de janeiro de 2012).

sexo, as cirurgias estéticas entre mulheres e homens representaram, respectivamente, 402 mil (64%) e 55 mil (8,7%). Ainda, no que tange o número de cirurgias reparadoras entre mulheres e homens tem-se, respectivamente, 101 mil (16%) e 71 mil (11%).

Assim como destacado por Casotti et. al. (2008), o Brasil seria um dos primeiros países do mundo em número de cirurgias plásticas estéticas, configurando uma realidade que pode ser distinta dos demais países do globo terrestre, onde, talvez, e, apenas talvez, as cirurgias plásticas não sejam tão numerosas, democratizadas ou acessíveis.

“O mercado dos produtos de cuidados da pele torna-se imenso. Até os homens têm acesso a ele. Na França, em 1987, Paco Rabanne lançou o primeiro produto antirrugas masculino, o concentrado ativo reestruturante”. (CHAHINE et. al., 2000, p.199).

O forte engajamento político dos homossexuais durante a década de 1980, exigindo a abolição de qualquer discriminação relacionada com a natureza de seus comportamentos, valores e costumes, deram maior visibilidade e destaque ao modo de vida homossexual, um cotidiano gay que era permeado por incontáveis hábitos e práticas ligadas à estética e a beleza, provocou grandes rupturas na pragmática lógica dicotômica homem-mulher. A cultura gay foi importantíssima para a entrada do homem em um contexto onde a beleza imperava apenas nas pautas femininas (VIGARELLO, 2006).

Para Vigarello (2006) desde os anos 1960 a beleza já dava sinais de que as fronteiras entre o belo masculino e o belo feminino diminuía em ritmo acelerado. Nesta época pode-se reter como exemplo o embaralhamento da pragmática e histórica divisão social e sexual das vestimentas, ao introduzir no dia-a-dia o uso do *blue jeans*, camisas polo, blusas e outras roupas unissex. Beatles em *blue jeans* e de cabelos compridos estavam em companhia de moças em *blue jeans* e cabelos compridos. Para Pires (2005, p. 70) “na moda rompe-se a fronteira que separava os dois sexos e designava que determinados elementos eram de uso exclusivo de um ou outro sexo (...) é a chegada da moda unissex”.

Neste sentido, Lipovetsky (2000) argumenta que o tempo atual é o da democratização da beleza, na qual esta estaria à disposição de todos, inclusive dos homens, mesmo que o padrão de beleza almejado seja diferente e que a “busca” possa se dar numa intensidade menor.

Antigamente, a beleza masculina correspondia às qualidades e virtuosismos desenhados pela força e robustez, suficientes para lidar com o trabalho e as intempéries - como se nota em narrativas anteriores ao século XVI, quando é possível evidenciar a atenção de artistas (escultores e pintores), por exemplo, à beleza masculina de Demétrio, que tinha em si formosura e terror, o homem belo, dominador e terrível – ou ainda, sinônimo de conectividade entre os valores estéticos e as virtudes cavaleirescas, como nas heranças medievais onde beleza e força se fundiam; na contemporaneidade, a beleza masculina passa a ser ilimitada (VIGARRELO, 2006).

A beleza passaria a não ser mais definida pelo gênero, as referências ao “belo sexo” que dominou durante muito tempo o imaginário coletivo, perdeu suas razões de ser. Mais do que comparações entre o que um ou outro grupo apresenta de semelhança ou dessemelhança estética, deve-se colocar olhares profundos sobre o que mudou na relação de cada um dos gêneros com a beleza.

Na entrada da década de 90 estabelece-se a era das *top models*; se as estrelas de cinema desta época não mexiam com os desejos e sonhos como em outrora, o encanto se voltaria para as modelos profissionais, como Linda Evangelista, Cindy Crawford, Stéphanie Seymour, Tatjana Patitz e Naomi Campbell, ricas, belas e famosas. A tônica de beleza passa a ser a oscilação espantosa entre os cortes, estilos, cores e tonalidades de cabelo e o corpanzil escultural, modelado milimetricamente (CHAHINE et. al., 2000).

Em 1990, coabitam outros estilos e modelos corporais mais provocativos e desarticuladores das normas vigentes, como o *look* de Kate Moss, a nova sensação das passarelas, num corpo frágil de 1,70m de altura e 44 kg, avessa à ginástica, abominava a ideia de fazer implante de silicone, corpo e estilo reduzidos ao mínimo, uma estrutura magricela, tido como uma publicidade em favor da anorexia, com jeito de rapaz à maneira dos modelos masculinos, feminina nos cabelos longos silhueta delgada, declarando um ideal de beleza comum para homens e mulheres, as belezas passaram a se confundir, restabelecendo a beleza andrógina tão marcante nos anos 20 (FAUX et. al., 2000).

Kate Moss subverteu a estética corporal e o padrão físico imposto pelas *top models* do começo da década, marcando os anos 1990 com a estética “heroína chique”, de aspecto magro, doentio e famélico (PEREIRA, 2008). Complementarmente, Chahine et. al. (2000, p. 204) destaca que a subversão de Kate “a garota palito, é o espelho de uma sociedade em mutação e que se inquieta (...) é heroína das campanhas Calvin Klein

em que garotas e rapazes ostentam uma beleza andrógena (...). Atrás de Kate, emerge uma geração de modelos magérrimas”.

Nos anos seguintes a beleza das *top models* brasileiras será destacada internacionalmente, em uma proporção nunca vista antes, particularmente, com o aparecimento triunfal de Gisele Bündchen, com formas e contornos semelhantes às daquelas do início da década de 90. Como exemplo de similaridade, pode comparar as medidas de Naomi Campbell e Gisele Bündchen e perceber que apresentam as circunferências idênticas de quadril e cintura, mas a estatura e a medida do busto são maiores na modelo brasileira. Gisele e as outras modelos brasileiras que a acompanham, representam um tipo de beleza importada da Europa e que irá impulsionar uma mudança no padrão de beleza no campo da moda, com inevitáveis reflexos na constituição do imaginário coletivo e na realidade social objetiva dos sujeitos (PEREIRA, 2008).

Os avanços tecnológicos e científicos estão a serviço da indústria da beleza, cremes sofisticados, cosméticos para diversos fins, vitaminas, ácidos com ação esfoliadora, óleos essenciais para relaxar a pele e controlar o stress, água reparadora vendida em sprays. Um exemplo deste crescimento e investimento em escala global é a empresa francesa L’Oreal que passava a ter três mil pesquisadores por trás da elaboração de seus produtos. Os investimentos em atividade física permanecem e se diversificam com práticas como o yoga, Pilates e outras. Surgem nesta época os primeiros salões de beleza para os homens, a comercialização de produtos e cosméticos “*for men*” intensifica-se, as cirurgias plásticas passam a ser procuradas por um número elevado de homens, estes não tem mais medo de cuidar de si próprios (CHAHINE et. al., 2000).

Com o advento da internet e sua popularização, promovendo transformações nos mecanismos e processos de informação e comunicação de massa, possibilitaram uma infinidade de conexões e trocas de conhecimentos diretamente com pessoas de qualquer lugar do mundo, rompendo os limites físicos, culturais, econômicos e sociais entre as pessoas. Na virada do século multiplicam-se os modelos de beleza ao tempo em que podem ser vistos e revistos por todos, formatações de beleza e estética que podem ser compartilhadas e/ou disponibilizadas a uma gama de pessoas, diferentemente de outros períodos históricos, quando a comunicação e a informação limitavam-se ao cinema, rádio ou televisão.

Assim, “o acesso fácil a qualquer tipo de informação e a possibilidade de comunicação imediata pela internet permite, para além de todas as fronteiras físicas,

econômicas, culturais, revelar a beleza de uma voz ou uma nova imagem” (FAUX et. al., 2000, p.21).

No entanto, mesmo com a multiplicidade de formas, traços e contornos assumidos pela beleza, observa-se que em nosso país o aumento da exposição e da visibilidade da figura feminina, particularmente, no tocante ao mercado de trabalho, tem colaborado para que estas mulheres acabem despendendo esforços cada vez mais intensos na busca por um modelo de beleza e/ou padrão corporal dominante no imaginário cultural e social, correspondido pela mulher alta, com belas curvas e jovem.

Stuart e Jacobson (1990) destacam que as mulheres que estão no mercado de trabalho e/ou cuja imagem esteja em contato estreito com espaços públicos, apresentam cuidados e preocupações com a beleza e com os níveis de gordura corporal muito superior àquelas apresentadas por mulheres que ficam apenas cuidando das tarefas domésticas e da criação dos filhos, trancafiadas em seus lares/residências.

De acordo com Vigarello (2006), desde as primeiras imagens de Jane Fonda na capa de revistas como a Paris Match, em 12 de novembro de 1982, com seu bíceps definido e contraído, colocado em evidência, exibindo uma evidente densidade muscular, inaugurou-se um tempo em que a beleza feminina passaria a admitir outras possibilidades estéticas, um universo amplo de criações e formatos para a beleza cotidiana, muito menos preocupada com o modelo/padrão e mais com o autêntico e criativo. De lá para cá, o corpo masculino também se ressignificou, incorporou formas e contornos (outros) que denotam suavidade, tem formas fluidas como a de Keanu Reeves em *Matrix*.

Outro exemplo das mudanças quanto ao protótipo de beleza masculina idealizada e reificada no *modus* cultural e social vigente temos

David Beckham, jogador de futebol eleito em 2002 o homem “mais elegante e mais *sexy* da Inglaterra”, encarnaria a imagem extrema dessas mudanças, com sua silhueta longilínea, as roupas leves, o rosto cuidado, sinais, no entanto, associados à rudeza de sua *performance*. Beckham representaria o novo macho “metrossexual”, dosagem sutil de urbano (metrô) e identidade original (sexual) a meio caminho entre o “macho *man*” e o efebo dependente de seu espelho (VIGARELLO, 2006, p. 177).

Para Menezes (2011) a ideia de que o homem não precisa ser vaidoso, devendo andar desleixado e despreocupado com a beleza e a estética, está ultrapassada. As mulheres estão cada vez mais atentas e incomodadas com os “deslizes” cometidos pelos homens, e, dentre as principais preocupações estariam: as unhas mal cuidadas; rosto

cheio de cravos e espinhas; pelos saindo do nariz; erros na escolha das roupas e monocelha (a junção das duas sobrancelhas).

Isto posto, constata-se que além de vasculhar sentidos e significados para a compreensão do que seria a beleza, identificando um movimento dialético que a ressignifica mediante uma dada época e cultura, deve-se atentar para a existência da bipolarização beleza/feiura imbricada na vida social e na história da humanidade, capaz de deslocar valor e reconhecimento a uma parcela da sociedade (beleza/padrão) e inserindo a outra parcela (feiura/diferença) num espaço escuro e triste onde materializam-se os preconceitos, estigmas e violências generalizadas.

Na esteira destas reflexões, recorreremos às contribuições de Piccolo e Denari (2009, p. 311-312), explicitando que

(...) apesar de toda variação, a sociedade dominante engendra um conceito de beleza pelo qual os seres humanos são classificados a partir de determinadas características fenotípicas, traços e padrões estéticos, conjunto esse que configura um ideal de beleza homogeneizada, padronizada e hegemônica do qual o corpo belo não poderia fugir: ou se está dentro desses padrões ou não há beleza.

A professora e antropóloga Mirian Goldenberg ao utilizar o conceito de capital simbólico desenvolvido por Pierre Bourdieu adverte que o corpo, particularmente na cultura brasileira, além de capital físico, é capital simbólico/econômico/social, e, desta feita, tanto para mulheres quanto para homens, o corpo é desejado, cobiçado, intencionado, é objeto de atração, sedução, desejo e cobiça de outrem, o corpo belo configuraria as expectativas e estereótipos afetivo-sexuais de homens e mulheres (GOLDENBERG, 2008).

Admite-se, então, ser necessário o entendimento de que toda a “arquitetura” exigida para que se possa protagonizar no palco chamado belo/beleza, apresenta-se atrás de uma cortina de impossibilidades não propagadas, levando a beleza a ser desejada e cobiçada por uma grande parcela da população que diante da sua miséria cotidiana não terá condições de acessar este “produto ou mercadoria”. A beleza marcaria mais uma vez a distinção entre as classes sociais, reconhecendo e valorizando uns (poucos) em detrimento de outros (muitos).

Beleza que se flexibilizou e se reinventou, pelos períodos históricos, culturas e civilizações, afastando-se da sua passividade e naturalidade mística e divina para se tornar “sempre menos um dado e sempre mais um trabalho, sempre menos um destino e

sempre mais um projeto, uma manifestação supostamente destinada a se propagar e a se fabricar” (VIGARELLO, 2006, p. 179).

Destarte, se homens e mulheres são validados e reconhecidos na contemporaneidade pela beleza ou pelo corpo belo que surge/aparece antes nos espaços, nos tempos e nas relações socioafetivas ou afetivo-sexuais (PEREIRA, 2008), deve-se mover forças para negar essa produção ideológica e alienante que encerra o corpo numa “forma comestível” e “mercadológica” que tolhe as individualidades pela perspectiva de uma beleza genérica e padronizada, marcando diferenças sociais, de gênero, de sexo e de poder.

Torna-se urgente a preocupação com esta cotidianidade regida pela busca incessante pela beleza, movida por julgamentos estéticos e corporais que assombram nossas vidas, perturbando-nos para satisfazer um prazer hedonista, consumista ou erótico-sexual, produzido e alimentado por aqueles que se beneficiam diretamente deste caos, o sistema capitalista e seus advogados.

Deve-se entender que “o novo milênio e a era dos novos meios de comunicação correspondem a uma nova idade da beleza, a seu ‘melhor dos mundos’” (FAUX et. al., 2000, p. 22). A sociedade já pode brindar com uma possível beleza infinita, uma manifestação do belo que incorpora sentidos e sensibilidades anacrônicas, a beleza não tão imposta, uma beleza que se forma no mesmo tempo em que imprime sua força nas práticas e realizações objetivadas no cotidiano, na relação com o outro. A beleza corre com a força das realizações humanas, sociais e culturais, partilhadas e refletidas por todos, conscientes disso ou não.

O modelo de beleza contemporâneo proposto nas capas de revistas cintilantes, na televisão, cinema, internet e outras mídias, é totalmente democrático, integra padrões estéticos que podem ser alcançados por todas as pessoas, de acordo com a realidade social, cultural e econômica de cada uma. Como exemplo tem-se uma época em que se podia imitar a beleza máscula e refinada de Richard Gere, o fascínio esguio de Al Pacino ou a simpatia proletária de Robert De Niro. Os veículos midiáticos não apresentam mais nenhum modelo unificado, nenhum modelo idealizado de beleza. De Júlia Roberts ou Cameron Diaz aos perfis estéticos de atrizes e atores de novelas ou programas comerciais, à beleza anoréxica das atuais modelos, de George Clooney com seus cabelos curtos aos *neocyborgs* que transformam seus cabelos numa floresta de cores ou os raspam. É a orgia de tolerâncias, a inexorável caminhada rumo ao politeísmo da Beleza (ECO, 2010).

3.3 - A BELEZA REFLETIDA NO E PELO CORPO.

Nosso corpo, que se faz moradia do nosso ser, a nossa existência, espaço que nos inscreve na vida social, refletindo o que somos e como vivemos passou a ser controlado, vigiado e educado por médicos, psiquiatras, políticos, pais, patrões, maridos, esposas, filhos, vizinhança, amantes, religião, professores, família e sociedade. (BERTHERAT e BERNSTEIN, 1991).

Intencionando clarificar as definições de beleza que são estreitas às propostas deste estudo, sem a pretensão de encerrá-las nestas perspectivas, apresenta-se uma valiosa definição de beleza e corpo ideal, admitindo que:

(...) modelo de corpo ideal, é aquele valorizado em suas medidas esbeltas e condizentes com os modelos estéticos da época, ou seja, um corpo magro, esguio, resistente, esbelto, belo, gracioso, forte e jovem. Um corpo quase fabricado pelas máquinas da beleza e da estética: que cultua a imagem de que ser belo significa ter todas essas qualidades, mesmo que, para isso acontecer, seja necessário uma remodelagem do corpo utilizando os avanços da cirurgia plástica (BARROS, 2001, p.62).

Fala-se aqui de uma beleza humana e materializada, oriunda das belas formas, contornos e traços anatômicos, conjugada ou não com os elementos e objetos construídos histórica, econômica e culturalmente para o fim único da beleza corporal e da sua referida estética.

Faz-se necessário esclarecer que a estética será focalizada apenas como uma maneira de capturar a realidade construída a partir das nossas experiências sensoriais, admitindo-se, no entanto, que esta estética se associa ao belo, mas não exclusivamente a ele (CAMARGO e BULGACOV, 2008).

Para Olivier (1999) ao apreender a estética, sabe-se que esta aproxima o universo da beleza das manifestações e criações artísticas cunhadas histórica e culturalmente. Assim sendo, caso pretenda-se assegurar que a beleza seja entendida e refletida a partir de um universo mais amplo e associada à beleza humana, distanciando-se das manifestações e criações artísticas, justificar-se-á o uso do termo “beleza” ao invés do termo “estética”, evitando caminhos que lancem a outras áreas do conhecimento.

Para Bodei (2005) é necessário extirpar os preconceitos que ligam o belo e o feio à dimensão sensível de forma indissolúvel e exclusiva, lembrando que esses fenômenos só podem se manifestar a partir de linhas, formas, cores, volumes e estruturas. E, complementa ao discorrer sobre a necessidade de

(...) repelir a ilusão de que possam já existir definições preliminares, simples e unívocas sobre a beleza e a feiura, como se fossem formas de cristal imóveis e monolíticas, perfeitamente modeladas e fora do tempo, ou cânones absolutos que se impõem automática e peremptoriamente à percepção e ao gosto. Na realidade, trata-se de noções complexas e estratificadas, que pertencem a registros simbólicos e culturais não totalmente homogêneos, representando um grandioso reflexo de dramas e de desejos que agitaram homens e mulheres de todas as épocas (BODEI, 2005, p.10).

Assim, observa-se a multiplicidade e complexidade que emanam das tentativas de se estabelecer limites claros e rígidos para o conceito de beleza, o mesmo incorre quando pensamos no que poderia configurar um corpo bonito ou o seu oposto.

No entanto, veremos à frente, neste estudo, que mesmo em terras tupiniquins onde se protagoniza um “carnaval” de formas, estruturas e aspectos estético-corporais, haverá sempre interesses e necessidades fabricadas cultural, histórica, política, econômica e socialmente, que se curvam sob os ditames e poderios de uma classe dominadora. Como exemplo, pode-se citar a predominância de jovens brasileiras como padrões estéticos de beleza corporal que atuam como modelos internacionais como Gisele Bündchen, Alessandra Ambrosio, Giane Albertoni, Ana Beatriz Barros, entre outras.

Apesar do sucesso conquistado nacional e internacionalmente, o corpo, suas medidas, contornos e até mesmo a pele destas modelos, embora sejam comumente associados no mundo da moda (e também fora deste) e no imaginário internacional como “tipicamente brasileiro”, sintetizam, na verdade, um modelo de beleza “importado” da Europa e não sendo assim tão comum e representativa da realidade brasileira e/ou desta sociedade, como se falseia. Gisele Bündchen seria a personificação de um novo modelo idealizado de corpo da mulher brasileira “europeizada” (PEREIRA, 2008).

Neste sentido, Queiroz e Otta (2000, p.22) exprimem que

Respeitados certos limites, cada cultura define a beleza corporal à sua própria maneira, ocorrendo o mesmo com a classificação e a avaliação das diferentes

partes do corpo e as decorrentes associações estabelecidas entre tais partes e determinados atributos, positivos e negativos.

Novaes e Vilhena (2003, p.30) tentam explicar como as atitudes relacionadas com a feiura (excesso de gordura corporal, por exemplo), quer seja, ver-se feio ou atribuir feiura ao outro, tem implicações nos vínculos sociais, afetivos e sexuais, até então não evidenciados; e afirmam que ser “magra é positivado em qualquer contexto, discurso ou meio de sociabilidade. Estar magra é o melhor capital, portanto, a melhor forma de inclusão social”.

Novaes (2008) destaca que ter um corpo da moda ou uma estética corporal aceita/desejada/valorizada socialmente, significa apresentar um corpo “em forma”, apreendido como magro e definido, jovem e saudável. A gordura e/ou excesso de peso configuraria uma má aparência, figurando entre os piores tipos de desleixo com o corpo, traduzindo um relacionamento inadequado com o mesmo (não importando para a sociedade se a pessoa é mesmo desleixada, despreocupada com a saúde ou coisa que o valha) e relegando à pessoa obesa o espaço da feiura. Vive-se, segundo o autor, uma época de “tolerância zero” com a gordura.

Ainda, segundo Novaes e Vilhena (2003, p. 17-18)

cuidados físicos revelam-se, invariavelmente, como uma forma de estar preparado para enfrentar os julgamentos e expectativas sociais. Da mesma forma, todo o investimento destinado aos cuidados pessoais com a estética vincula-se à visibilidade social que o sujeito deseja atingir – evitar o olhar do outro, ou a ele se expor (...) E é este aspecto tirânico das relações humanas com referência ao corpo, que justifica a constelação de atitudes negativas face à feiura.

Mirian Goldenberg realiza há mais de dez anos uma pesquisa quantitativa e qualitativa objetivando apreender os discursos correntes entre homens e mulheres da classe média urbana do Rio de Janeiro, analisando e comparando expectativas e estereótipos afetivo-sexuais em diferentes gerações. Durante a análise de algumas questões da pesquisa, destaca que a referência ao corpo esteve presente em praticamente todas as respostas, tanto femininas quanto masculinas, evidenciando a importância atribuída ao corpo tanto para a construção de uma sexualidade quanto para a formação de uma identidade social e sua necessária aceitação e valorização (GOLDENBERG, 2008). Indícios de um tempo contemporâneo em que “a beleza, que não mais define o

gênero, pode ser cultivada e mesmo reivindicada pelos dois sexos”. (VIGARELLO, 2006, p. 177).

Ainda com relação ao corpo e a sexualidade, destaca-se que um dos motivos que levam muitas mulheres e, em particular, aquelas com problemas de obesidade a se sentirem feias, compromete-se com o fato de não se sentirem atraentes, sexy, desejadas, cobiçadas e olhadas pelo sexo oposto (NOVAES, 2008). As mulheres relatam frequentemente que dependem do olhar que vem do outro, o qual lhe imputa, de certa forma, um valor mais feminino e que na ausência deste olhar sentem-se exiladas no espaço da feiura (NOVAES e VILHENA, 2003).

Ainda, encontrando eco nas palavras de Novaes (2008, p.166), ilustra-se que a sexualidade

(...) seja ela exercida ou não. Enquanto para nossas jovens malhadoras o corpo apresenta-se ali, mais do que nunca, como algo a ser visto, admirado, sendo poucas as referências a qualquer tipo de atividade sexual, no extremo oposto observamos nas mulheres obesas a queixa da negação de suas sexualidades – é como se gordos não tivessem tesão.

Segundo Malysse (1997), ao longo de todo o ano, as pessoas se esforçam e se sacrificam com atividades e exercícios físicos torturantes, tentando que no verão possam exibir seus belos corpos (belos?) sem receios e constrangimentos. Desta maneira, a principal recompensa depois de terem frequentado as academias de ginástica, perdido muito suor e calorias, decorrerá do reconhecimento social e da aprovação conquistada.

Para Goldenberg (2008, p.126) “há uma construção cultural do corpo, com a valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade (...) e contexto histórico-cultural”.

A corrida desenfreada para “ter” um corpo escultural torna-se atitude corrente nesta sociedade consumista, em que tudo e todos são colocados em prateleiras para serem tratados como “coisas” e “objetos” que atendam às ditaduras do acúmulo material. Um corpo que deve ser conquistado à custa de qualquer sacrifício (financeiro, físico, psicológico, cirúrgico ou outro) para ser exibido, admitindo-se que

Um referencial importante da nossa época é o corpo exposto. O corpo que reproduz a si mesmo em fotos, que se coloca à mostra. Que precisa destacar-se dos demais para ter uma identidade, já que esta vem de fora, vem do outro – o sujeito não se reconhece por si mesmo, é o olhar do outro que lhe confere

ou não identidade. O corpo que se mostra em todo o seu cotidiano pela internet através de câmaras de vídeo (PIRES, 2005, p.92).

Perdemos o controle sobre nosso corpo diante de necessidades fabricadas e forjadas na e pela busca desmedida por referenciais estético-corpóreos que denunciam uma época em que se presencia o culto à beleza. Uma beleza que está, mais do que nunca, em profusão na mídia, à disposição em prateleiras de supermercados, farmácias e bancas de revistas, invadindo o dia-a-dia de cada um de nós, tomando o tempo/espço de tudo o que se pensa e se faz na cotidianidade (CASOTTI et. al., 2008).

Brasílio (2007, p.37), ao refletir sobre o pensamento coletivo que navega pela cotidianidade, exercendo força e peso sobre as relações e práticas sociais e que trata da superestimação das formas e contornos físicos, descreve que somos reféns desta busca incansável pela beleza física, o que sinaliza que cada vez menos temos controle sobre nossas vontades e nosso próprio corpo, sendo que neste interregno histórico “nosso corpo não pertenceria a nós, mas sim, à lógica da sociedade capitalista”. Isto denota que embora as pessoas possam optar por determinadas práticas, técnicas e produtos, a partir das quais objetivam alcançar modelos idealizados de beleza e estética, estas escolhas e buscas (muitas vezes abusivas e desmedidas) antes de refletirem um gosto ou vontade particular, refletem uma necessidade de produção e consumo que obedecem à lógica econômica vigente.

Para Queiroz e Otta (2000, p.32)

(...) constata-se que nas formações sociais complexas, contexto em que a desigualdade fundamenta as relações sociais, o corpo torna-se objeto de um adestramento peculiar para que, a um só tempo, adquira e expresse as características nele impressas por grupos hegemônicos e seus interesses de dominação.

Na poética de Bertherat e Bernstein (1991, p.11) encontram-se as seguintes contribuições sobre este “não pertencimento” do corpo:

Neste instante, esteja você onde estiver, há uma casa com o teu nome. Você é o único proprietário, mas faz tempo que perdeu as chaves. Por isso, fica de fora, só vendo a fachada. Não chega a morar nela. Esta casa, teto que abriga suas mais recônditas e reprimidas lembranças, é o seu corpo.

Paradoxalmente, se por um lado o corpo é de fato apropriado e moldado pela cultura, concebido e alterado segundo crenças e ideias estabelecidas coletivamente

(QUEIROZ e OTTA, 2000), por outro, compreender-se-á que a cobrança e esforço para conquistar o(s) arquétipo(s) de beleza reificados, bem como o êxito ou fracasso desta empreitada, recairá apenas, e, somente, sobre o indivíduo (VIGARELLO, 2006; GOLDENBERG, 2008; CASOTTI et. al., 2008).

Em um estudo realizado por Novaes (2001, p.85) é possível identificar um relato desesperado de uma das participantes e/ou entrevistadas que traz à tona o caos instalado, ao afirmar que: “não me relaciono nem com os meus filhos. Namorado então nessas épocas nem pensar!”, ao discorrer sobre suas atitudes quando não treina e não mantém seu peso ideal.

O belo institui não só um modelo ideal de beleza, já que na mesma medida agiria na instituição de um padrão de feiura, que por sua vez, agiria como uma das formas mais penosas de exclusão social da atualidade. E quais seriam os símbolos desta feiura? Pois bem, estes nos remetem ao não pertencimento do corpo, especificamente, o distanciamento ou ausência daquela estética aceita e validade social e culturalmente, a qual já foi citada anteriormente: juventude, saúde e magreza (NOVAES, 2005).

Novaes (2005, p.9) em um brilhante texto intitulado “Ser mulher, ser feia, ser excluída”, apresenta a gordura como o atual paradigma da feiura e discorre sobre as implicações desta condição estética e corporal na vida das mulheres, e conclui que

A feiura, frequentemente associada à gordura, sofre uma das maiores formas de discriminação nas sociedades que cultuam o corpo. Para eliminá-la, mitigá-la ou disfarçá-la, todos os esforços e sacrifícios serão dispendidos. Discriminação ostensiva, manifesta e sem culpa - ao contrário dos negros, pobres, gays ou qualquer outra minoria - discriminamos os feios e/ou gordos sem nenhum pudor ou vergonha.

Até o presente momento as argumentações, descrições e reflexões acerca de uma possível condição de “não beleza” se deram, particularmente, utilizando-se como prisma norteador as pessoas que apresentam elevados níveis de gordura corporal; porém, evidentemente, esta pronunciada associação entre a gordura e o universo retido pelo feio/desarmônico não é a única possível.

Por exemplo, ao se colocar em evidência a velhice, se tratando esta de uma denunciada oposição aos padrões de beleza e estética hegemônicos, admitir-se-á que todos os sinais de velhice devem ser extirpados, negados e removidos, pois velhice é lentidão, remete à ideia de finitude e retrocesso. As rugas, imperfeições, marcas e manchas na pele, flacidez, hipotonia e outros prenúncios da velhice devem ser

corrigidos, atenuados, encobertos e submetidos às cirurgias plásticas, exercícios físicos, maquiagens, cosméticos e implantes (NOVAES, 2008).

A preocupação ou discussão central nesse proclamado palco de oposições (feito/bonito), no qual os antagonismos constroem e são construídos num envolvimento de forças e interesses que sempre distribuem papéis específicos às devidas partes (como em um jogo em que as cartas são marcadas e impostas aos seus jogadores sem questionamentos ou maiores esclarecimentos), trata de entender o valor atribuído àqueles que são a norma/modelo e àqueles que dão cor às diferenças/desigualdades.

Com tristeza, identifica-se que a explosão de formas, contornos, traços, composições físicas, anatômicas e estéticas que brindam a existência e a história humana, desde a concepção das mais primitivas sociedades, materializa-se como ducto por onde passam os mais variados pensamentos e atitudes preconceituosas, negando a diferença e desqualificando-a, quando esta declara oposição à beleza ou padrão de beleza hegemônico e/ou dominante.

Para Woodward (2000) nesse dualismo, no qual a diferença é expressa por meio de oposições cristalizadas, como natureza/cultura, corpo/mente, paixão/razão, mesmo aqueles autores que criticam a oposição binária, argumentam que os termos em oposição recebem importância diferente, sendo que um destes é sempre mais valorizado ou mais forte que o outro.

Mesmo que seja aceita a defesa de que a sociedade reconhece a diversidade, de uma maneira ou outra, como uma manifestação da multiplicidade de pessoas, culturas e individualidades que “constroem” a humanidade e o mundo como um todo, deve-se reconhecer, concomitantemente, que a coexistência de fenômenos sociais/culturais/políticos/econômicos/religiosos e outros, produzem a marginalização e/ou exclusão de uns e não de outros.

Isto posto, salienta-se que além de vasculhar sentidos e significados para a compreensão do que seria a beleza ou a beleza física, identificando um movimento dialético que a ressignifica mediante uma dada época e cultura, deve-se atentar para a importância da dicotomia protagonizada pela beleza/feitura, dualismo imbricado na vida social e na história da humanidade, capaz de deslocar valor e reconhecimento a uma parcela da sociedade (beleza/padrão) e inserindo a outra parcela (feitura/diferença) num espaço escuro e triste onde se materializam os preconceitos, estigmas e violências generalizadas.

Destarte, definir o conceito de belo implica, ao mesmo tempo, passar pela sua estrada oposta, ou seja, aquilo que se poderia chamar de oposto complementar, o feio. Negar ou ocultar essa ambiguidade essencial acabaria, por certo, removendo o poder da própria beleza. Pensar a beleza e a feiura requer a adoção de posturas reflexivas e críticas, em que seja possível tratar destes fenômenos sistematicamente, analisando conceitos, conhecimentos e construções simbólicas produzidas em diferentes épocas e culturas, refletindo desejos e anseios de homens e mulheres (BODEI, 2005).

Na esteira destas reflexões, recorreremos às contribuições de Piccolo e Denari (2009, p. 311-12), explicitando que

(...) apesar de toda variação, a sociedade dominante engendra um conceito de beleza pelo qual os seres humanos são classificados a partir de determinadas características fenotípicas, traços e padrões estéticos, conjunto esse que configura um ideal de beleza homogeneizada, padronizada e hegemônica do qual o corpo belo não poderia fugir: ou se está dentro desses padrões ou não há beleza (...) Desse modo, não haveria relacionamento entre as diferenças, mas oposição e exclusão daquilo que fugia aos padrões estabelecidos como dominantes.

Eco (2010) argumenta que além dos conceitos e padrões de beleza e das maneiras de entender e sentir o universo do belo que se modificam, transformam e se estabelecem de acordo com um período histórico, cultura ou país distinto, pode-se, também, admitir que existam algumas regras únicas para todos os povos em todos os séculos, a exemplo da associação entre o belo e a simetria e proporção das partes.

Segundo Bodei (2005, p.24) “em quase todas as civilizações conhecidas, os seres humanos são atraídos poderosamente (...) pelos fenômenos da ordem e da simetria, que podem ser encontrados em si mesmos e no mundo ao redor”.

Desta feita, qual seria o espaço reservado ao longo da história para aqueles corpos em diálogo com as deficiências físicas? Da feiura ou da beleza?

Para Queiroz e Otta (2000, p. 62) ao mover esforços para aproximar o universo da beleza/ feiura daquele refletido pelas deficiências físicas pode-se admitir esta última enquanto condição de “não beleza”, pois “o ideal de beleza pressupõe integridade física. Deformidades corporais evidentes contrariam o ideal estético estabelecido, podendo converter-se em autênticos estigmas e, eventualmente, marginalizar os seus portadores”.

Ao analisar os preconceitos e estigmas impostos à condição de deficiência/diferença física, Amaral (2001) identificou que as obras literárias, as quais expressam os pensamentos e valores de uma determinada cultura, sociedade e época,

podem agir também como mecanismos para a validação e naturalização dos processos de subjetivação e discriminação dos deficientes. Em um trecho do livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de autoria de Machado de Assis, Amaral (2001, p.157) revela uma significativa associação entre a beleza e a deficiência pintada pelo autor, quando destaca no capítulo XXXIII:

O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma postura tão senhoril: e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita? (...) e eu sem acudir a coisa nenhuma, elevado ao pé da minha Vênus Manca.

Embora Amaral (2001) tenha se debruçado sobre a análise e reflexão de variadas obras literárias, desvendando inúmeras violências simbólicas, atitudes/pensamentos preconceituosos e a perpetuação/fixação de estigmas que além de rotular e inferiorizar criam um discurso genérico para a diferença/deficiência, suas contribuições também sinalizam (mesmo sem uma intenção explícita ou enfática) para algumas situações que comumente materializam-se no encontro da deficiência com a beleza.

O corpo do deficiente físico foi, ao longo dos tempos, cerceado por constructos e pensamentos preconceituosos e estigmatizantes, dentre outros fatores, pela sua geometria anormal e/ou disforme, ou ainda, como expresso nas palavras de Omote (2004) um corpo/pessoa “desviante”.

De acordo com Amaral (1998, p.14):

Todos sabemos (embora nem todos o confessemos) que em nosso contexto social esse tipo ideal (...) corresponde, no mínimo, a um ser: jovem, do gênero masculino, branco, cristão, heterossexual, física e mentalmente perfeito, belo e produtivo. A aproximação ou semelhança com essa idealização em sua totalidade ou particularidade é perseguida, consciente ou inconscientemente, por todos nós, uma vez que o afastamento dela caracteriza a diferença significativa, o desvio, a anormalidade.

Ainda, neste mesmo (brilhante) texto “Entre crocodilos e avestruzes”, a autora Ligia A. Amaral também destaca que as diferenças significativas¹¹ representam aquilo que diverge, desvio, anormalidade, o ser/estar diferente ou desviante, anômalo ou anormal.

¹¹ Diferenças que representam o afastamento dos tipos ideais, que por sua vez são construídos e sedimentados pelos grupos dominantes.

De maneira corajosa e sem maiores fugas ou rodeios, Amaral (1988, p.10) explicita que “o outro, o diferente, o deficiente, representa a consciência da própria imperfeição daquele que vê, espelha suas limitações, suas castrações. Representa ainda uma ferida narcísica em cada profissional, em cada comunidade”.

Omote (2004) e Amaral (1988; 1998) descrevem ou remetem ao universo de valores, sentidos e significados produzidos, historicamente, no contato da diferença com o olhar do OUTRO, especificamente, referente à diferença protagonizada no e pelo corpo. Neste sentido, será mesmo este o caminho das deficiências físicas, ou seja, aquele que leva ao encontro da beleza vilipendiada, da diversidade suprimida pelas formas desarmônicas e desviantes, que em última estância (ou seria em primeira?) os colocam em contato com a feiura corporal/física?

Amaral (1994, p.262) enfatiza que as emoções são onipresentes nas interações e, desta forma, conscientes ou inconscientes, admitidas ou inconfessadas, permeiam intensamente as relações entre os “não deficientes” e os deficientes. Assim, “medo, cólera, desgosto, atração, repulsa – juntas ou isoladamente, fortes ou moderadas – são possibilidades reais e frequentes”. Os *freak shows*, espetáculos onde eram apresentados para apreciação pública os mais diversos tipos físicos, com suas “anomalias” e “deformidades”, consideradas aberrações humanas, denunciam como podem variar e variaram os olhares e sentimentos frente à diferença física ao longo dos tempos/espacos (LEITE JUNIOR, 2007; RONCOLETTA, 2009).

Antes de prosseguir, deve-se destacar o risco premente quando se admite

(...) definições preliminares, simples e unívocas sobre beleza e feiura, como se fossem formas de cristal imóveis e monolíticas, perfeitamente modeladas e fora do tempo, ou cânones absolutos que se impõem automática e peremptoriamente à percepção (BODEI, 2005, p.10).

Como aponta Eco (2007) um aprofundamento conceitual e histórico sobre preceitos, valores, julgamentos e normas que regem a estética do feio, o universo da feiura, denunciam a relatividade e dinâmica de um processo híbrido, no qual não haveria fronteiras ou limites, que acolhe o conceito e o estado de feiura de acordo com os tempos passados e as culturas distintas, revelando que o feio, aquilo que se apresentará como feiura, é transitório, mutável e relativo. Na relação dual feio/belo existe mais do que oposições binárias, estes processos coexistem na contemporaneidade, manifestando paradoxos que fazem, por exemplo, os jovens se

sentirem mais atraídos pela beleza do cantor Marilyn Manson, do que pela beleza da atriz Marilyn Monroe.

Por exigir cada vez mais uma beleza sublime, que possa se sobrepor à possível desarmonia do feio, a própria feiura, neste sentido, acabaria ressignificando a hierarquia estética tradicional, figurando-se como um belo autêntico. Uma metamorfose que leva a “deformidade” a tornar-se norma do belo, a exemplo da criação mitológica dos Centauros, em que coexistem numa oposição não declarada e não resolvida, beleza e feiura (BODEI, 2005). No entanto, com a ascensão do Cristianismo, a figura do mostro, ainda encerrada apenas no corpo estranho, “deformado” ou “aleijado”, será associada ao mal, diabólico e, portanto, ao feio (LEITE JUNIOR, 2007).

Na esteira destas reflexões e indagações que tratam da complexidade do universo relacional feio/belo e das sensações, sentidos e sentimentos que atingem as práticas e objetivações sócio-culturais, Eco (2007) em seu livro “História da Feiúra” sugere: “como é bela esta feiúra”.

Roncoletta (2009) faz referência aos trabalhos de Rei Kawakubo, designer de moda japonesa (ligada à marca Comme des Garçons, uma *griffe* altamente conceituada no universo *fashion*), obcecada pela modificação da anatomia do corpo humano, que realizou, em 1997, um desfile onde eram colocados chumaços de tecidos em algumas regiões dos corpos das modelos, transformando-os com corcundas, barrigas, ombreiras e quadris distorcidos. O corpo associado às diferentes formas, deformados, assimétricos e grotescos, gritam: o que é belo? Propõem, assim, na passarela o *redesign* do corpo, um novo padrão de beleza, um corpo inusitado, que não estamos acostumados a ver, questionando os padrões corporais impostos pela indústria, o belo é a deformidade.

Para Adams (1977) o mundo social discrimina as pessoas “não atraentes” nas diversas manifestações sociais cotidianas, dispondo aspectos positivos às atraentes, favorecendo seu desenvolvimento social e contrariamente, às “não atraentes” ficam relegados aos contextos de rejeição, desencorajamento e autoconceito desfavorável. Como afirma Goldenberg (2008, p.125) admite-se o “corpo como importante veículo de ascensão social”.

Estevão e Bagrichevsky (2004) ao discorrerem sobre as motivações que impulsionam as pessoas na busca de um corpo belo e definido dentro das academias de ginásticas (também chamadas pelos autores de *shoppings* do corpo) estão a exibição de um corpo irretocável e alcançar um enlace afetivo.

Como afirmam Novaes e Vilhena (2003, p.30) “ser magra, nos dias atuais, é um adjetivo da beleza”. No entanto, pode-se admitir que mais do que um adjetivo da beleza, a condição de “magreza” passa a ser nuclear na representação idealizada do “corpo belo” ou daquilo que poderíamos entender como sendo um “corpo modelo”.

Bertherat e Bernstein (1991, p.69-70) entendem a “magreza” como a busca incansável pela diminuição do volume da barriga, e, assim, apresentam uma lógica instigante para este fenômeno, atestando que

Se as pessoas concentram toda a atenção na barriga, é porque só enxergam isso. Literalmente. Os olhos humanos são colocados de tal jeito, que o olhar se dirige para a frente e para a face anterior do corpo. Basta que a barriga seja um pouco saliente e já a estamos vendo; quase sempre, seja grande ou não, nós a consideramos exagerada.

O padrão de beleza cultuado e valorizado em nossa sociedade está muito próximo do anorético, definindo a magreza como beleza e diretamente relacionada com o perfil estético e corporal para a “mulher de sucesso” (BOTTO, 2009).

Percebe-se que mais do que procurar se adequar a um modelo estético dominante ou hegemônico, o qual se encontra cristalizado nas representações coletivas e processos simbólicos que exercem influência nas ações e/ou práticas cotidianas, observa-se nos últimos tempos, a perpetuação de um comportamento cultural e social que levou o homem a idolatrar o corpo belo e perfeito, negando a sua própria condição de ser social e histórico, passando a se relacionar apenas, e, somente, com um corpo biológico, aquele que teria um fim em si mesmo.

A observação em torno dos valores culturais relevantes para cada cultura/povo, imbricados na atmosfera simbólica e subjetiva da vida humana e expressos na e pela realidade concreta da vida social, pode ser feita a partir da identificação dos modos com que certas intervenções e práticas recaem sobre o corpo dos sujeitos. À luz dessa consideração, o corpo expressa os valores, sentidos, desejos e anseios da estrutura social a qual pertence (QUEIROZ e OTTA, 2000).

Tatuagens, escarificações¹², perfurações e outras práticas dolorosas são exemplos contundentes de como o corpo pode ser apropriado e alterado pela cultura com base em crenças, valores e ideais coletivamente estabelecidos. Em sociedades

¹² São marcas feitas na epiderme e que deixam sobre a mesma desenhos, contornos, formas ou traços em relevo. Assim sendo, “podem ser feitas através de incisões – *cutting* - ou de queimaduras – *branding* -, pelo *pocketing*, que é uma técnica intermediária entre o *piercing* e o implante, e pelo implante.” (PIRES, 2005, p.83).

antigas essas modificações corporais eram produzidas não apenas como elementos de beleza e estética, mas também para imputar auto-identificação tribal, destacar uma hierarquia ou diferenciação no interior de um mesmo grupo, celebração de ritos de passagem, associação com crenças e contexto mítico ou outras(os) (QUEIROZ e OTTA, 2000).

Na contemporaneidade, as modificações corporais supracitadas, acrescidas dos implantes (aqui não referidos como àqueles comumente utilizados para aumentar o volume de regiões como os glúteos, seios e peitorais - estes últimos relacionados aos homens) e dos *piercings* integram um fenômeno também conhecido como *body art*¹³, que desde algumas décadas vem apresentando novas possibilidades à beleza corporal e estética que passeia pela cotidianidade (mesmo que ainda não tão prestigiada e elogiosa aos olhos da sociedade). Além disso, trata-se da tentativa de romper com os modelos e padrões de beleza intensificados, cristalizados e hegemônicos, que imprimem uma configuração tediosa e passiva aos corpos dos sujeitos, onde não poderiam ser outra coisa que não magros, tonificados, jovens e saudáveis (PIRES, 2005).

Com o avanço do mundo tecnológico e científico e a valorização cada vez mais pulsante da beleza o corpo já não pode ser o mesmo, sucumbe às cobranças do século XXI para não ser mais apreendido como feio, obsoleto, assimétrico ou “fora da moda”. Neste momento entra em cena a tecnologia contemporânea criando o espaço e as condições necessárias para a remodelagem física dos novos sujeitos (COUTO, 2003).

O implante de silicone (aplicados cirurgicamente na forma de “bolsas” geralmente em regiões como seios e nádegas, esculpindo e modelando o corpo com o aumento e redefinição destas estruturas – no final da década de 1990 também foi utilizado por homens para conquistar uma aparência musculosa) e as lipoaspirações ou lipoesculturas (com o intuito de modelar o corpo, são retiradas cirurgicamente algumas partes do tecido adiposo, consideradas excedentes) representam uma nova maneira olhar e pensar o corpo pelo viés da beleza corporal; embora essas cirurgias e/ou intervenções corporais possam ser impulsionadas por questões funcionais, de saúde ou qualidade de vida (PIRES, 2005).

¹³ “(...) surgiu nos anos 1960 como consequência direta da *action painting* dos anos 1950. É composta por várias correntes que, de maneiras diferentes, buscam sensibilizar os indivíduos em relação aos seus corpos. Variando entre demonstrações que evocam sentimentos e sensações opostas, essa forma de expressão tem o objetivo de expor e de potencializar o corpo, liberando-o das amarras a que os valores culturais, estéticos e sociais o submetem.” (PIRES, 2005, p. 131-132).

Ansiando por um corpo magro e belo, um número crescente de mulheres e homens (em menor proporção) tem recorrido a práticas ou modificações corporais tão drásticas quanto o implante de silicone e a lipoaspiração/lipoescultura, são as cirurgias plásticas com finalidades estéticas e cirurgias bariátricas¹⁴, evidenciando-se que na busca por um bem-estar ancorado na imagem corporal, não existem limites definidos, promovendo uma completa “banalização do risco” em nome dos resultados almejados (NOVAES, 2008). Contudo, aqui também se faz necessário ressaltar que em muitos casos, essas intervenções cirúrgicas condizem com situações onde temos riscos à saúde decorrente de elevados níveis de obesidade, busca por melhoramento estético e funcional após acidentes e traumas ou outras.

Como aponta Novaes (2008, p.160),

(...) existe uma banalização da cirurgia plástica, como se esta não comportasse nenhum risco e não se tratasse de uma intervenção que demanda muitos cuidados. “Talvez porque associada à estética, seu caráter médico tenha se perdido na frenética competição do mercado”.

A intenção aqui não é necessariamente tomar essas intervenções e modificações corporais, particularmente, as cirúrgicas, como boas ou ruins, saudáveis ou não, mas identificar a sua cooptação pelo universo da beleza corporal de maneira desmedida e irrefletida, ao passo em que “(...) modificar e transgredir os limites do corpo estão se tornando novos desejos de consumo” (Couto, 2003, p. 180).

Adverte-se, então, que se em um passado recente as cirurgias plásticas tinham como finalidade principal a reconstrução ou remodelagem de estruturas e tecidos corporais, no presente

(...) multiplicam-se as cirurgias plásticas “modificadoras”, aquelas que visam alterar, corrigir, aperfeiçoar traços e funcionamentos de partes do corpo apenas para atender ao desejo do sujeito de ser diferente, isto é, adequar o corpo aos modelos considerados adequados e que merecem ser exibidos e cultuados (COUTO, 2003, p. 178).

¹⁴ São cirurgias realizadas para diminuir o tamanho do estômago. Podem ser de dois tipos: o primeiro consiste em reduzir consideravelmente o tamanho do estômago – sendo as três variações existentes, a banda vertical ajustável, a gastroplastia vertical e a gastroplastia vertical com by-pass em y de Roux. Todos estes procedimentos causam, além da redução do estômago, uma pequena disabsorção dos alimentos pelo fato destes não passarem pela primeira parte do intestino delgado. O segundo tipo consiste em uma pequena redução do estômago, ficando em um tamanho de 2/3 do original, também promove a disabsorção dos alimentos, porém, neste caso o paciente pode ingerir maior quantidade de alimento, pois o alimento passa por um grande desvio no seu percurso até o intestino grosso (ABC.MED.BR, 2008).

Ao seguir modelos e/ou tendências de comportamento como o de personalidades como Pamela Anderson que “transforma o volume de seus seios ao sabor de seus filmes [ou] Elisabeth Hurley que torna seus lábios menos ou mais carnudos pelas mesmas razões” (VIGARELLO, 2006, p. 185), um número cada vez maior de pessoas tem recorrido às cirurgias plásticas para alterar seus rostos, pele e segmentos corporais com a intenção de ascender à estética corporal/facial perfeita, necessária para a promoção do bem-estar individual.

Pode-se visualizar facilmente a importância e influência destas cirurgias em terras tupiniquins ao observar que o Brasil é o segundo país do mundo no ranking de cirurgias plásticas com fins de beleza e estética, de acordo com a Associação Brasileira de Cirurgiões Plásticos, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (CASOTTI et. al., 2008).

Outros comportamentos e consequências desta busca incansável por adequar-se ao padrão idealizado e reificado, social e culturalmente, de beleza corporal ou estética corporal, podem ser traduzidos pelas mazelas e excessos cometidos pelos sujeitos com seus próprios corpos. Levados pela ilusão da perfeição estética a ser impressa em seus corpos, comprometem sua saúde e bem-estar de inúmeras formas, indo dos distúrbios psicossociais às degradações e complicações físicas e anatômicas de várias ordens. “A satisfação com o corpo parece justificar o sacrifício e a tirania vividos.” (NOVAES, 2000, p. 156).

A vigorexia é uma patologia ou transtorno mental que leva as pessoas a praticarem exercícios físicos compulsivamente, pois mesmo sendo musculosas se acham magras, fracas e esqueléticas, despreocupando-se com os riscos à saúde. Esta é uma das mais recentes patologias, ainda não catalogada como doença específica pelos manuais de classificação (CID.10 e DSM.IV), que nasceram no seio desta sociedade capitalista e competitiva, onde o culto ao corpo passou a ser aceito como uma religião. O termo Vigorexia ou Síndrome de Adônis foi utilizado pela primeira vez pelo psiquiatra americano Harrison G. Pope, da Faculdade de Medicina de Harvard, para apresentar seus estudos que apontavam que um milhão de norte-americanos dentre o total de nove milhões de adeptos às práticas de musculação sofriam desta patologia mental (BALLONE, 2004).

Os distúrbios alimentares como a bulimia e a anorexia são patologias graves, complexas e que apresentam um elevado nível de morbidade. Seu tratamento requer cuidados profissionais, acusando a necessidade de uma equipe multidisciplinar e

prioritariamente, com a participação da família. Os resultados positivos acontecem geralmente quando a patologia é diagnóstica ainda nas fases iniciais (PINZON *et. al.*, 2004).

A bulimia nervosa caracteriza-se pela alta ingestão de alimentos em um curto espaço de tempo, desencadeada por uma atividade compulsiva chamada de “episódio bulímico” ou hiperfagia, durante o qual a pessoa sente um desejo incontrolável de comer. De acordo com os critérios elencados pelo DSM-IV e as diretrizes diagnósticas contidas na CID-10, tem-se uma preocupação desmedida com o peso e a imagem corporal, acarretando no uso de métodos de compensação prejudiciais, com destaque para a incitação ao vômito, o uso de medicamentos diuréticos, inibidores de apetite e laxantes, além de restrições alimentares (dietas) e exercícios físicos em excesso (MARCON, 2009).

A anorexia passou a ser evidenciada mundialmente a partir da sua relação com personalidades como a cantora Karen Carpenter, na década de 1970 e outras, posteriormente, como a Princesa Diana e a atriz Jane Fonda. A pessoa apresenta uma visão distorcida da sua imagem corporal, e, assim, mesmo que já esteja extremamente magra imagina-se gorda ou acima do peso ideal (BOTTO, 2009).

Ainda, segundo De Marco (2011, p. 8) essa doença/distúrbio em sua fase mais agressiva é chamada de anorexia nervosa, sendo

(...) de fato, uma doença complexa, por envolver fatores fisiológicos, psicológicos e sociais, pois a pessoa anoréxica pode ser influenciada pelo grupo de amigos, colegas de escola e principalmente pela mídia, conforme podemos verificar pelas referências consultadas. Pode, ainda, coexistir com a bulimia, caracterizada quando a pessoa se alimenta e provoca a expulsão do alimento ingerido, seja pelo uso de laxantes ou pela indução do vômito (com a introdução de um dedo na garganta).

Desta maneira, tem-se a compreensão de que os espaços e canais de informação e comunicação juntamente com os vínculos afetivos e relacionais estabelecidos por estes jovens acabam sendo decisivos na e para fabricação deste comportamento ou atitude autodestrutiva.

A anorexia tem uma incidência muito maior entre o público feminino, pouco comum entre os homens, geralmente acomete mulheres jovens, durante a fase da adolescência, sendo a terceira enfermidade crônica mais comum durante essa fase de desenvolvimento humano. As características mais marcantes são a preocupação exacerbada com o peso corporal e com a estética, perseguindo incansavelmente a

condição de “magreza”, a imagem corporal passa a ser o principal referencial e suporte para a sua autoestima (DOMINGUES FILHO, 2000).

Com o desenvolvimento de novas tecnologias e equipamentos/produtos, cujos objetivos seriam os de suprir as demandas por mecanismos e/ou técnicas que facilitassem a “aquisição” da beleza estética e corporal, dar-se-ia vazão ao desenvolvimento e crescimento do que passou a ser chamado de *body bussiness*, que passou a aliar o desenvolvimento técnico-científico com o marketing corporal (BERGER, 2006).

Sob uma égide econômica/mercadológica que tem crescido aritmeticamente, representando um atraente espaço para *marketing* e investimentos financeiros, Pereira *et al.* (2003) alude que o consumo de suplementos alimentares tem crescido exponencialmente nas academias de ginástica e musculação, levando ao uso indiscriminado destas substâncias, que na maioria das vezes não apresentam comprovação científica sobre suas declaradas propriedades e efeitos positivos, podendo acarretar danos ao corpo em curto espaço de tempo, principalmente, nos rins e fígado.

Esses suplementos foram criados para suplementar ou complementar a ingestão de nutrientes por parte dos atletas ou superatletas, melhorando seus rendimentos nas competições e treinamentos. Portanto, essa prática deveria se restringir ao universo profissional e de alto rendimento característicos dos esportes individuais/coletivos, já que esses atletas não teriam tempo suficiente para ingerir, metabolizar e repor as energias gastas em seus esforços físicos (DE MARCO, 2011).

Ainda de acordo com Pereira *et al.* (2003) a grande parcela de frequentadores de academias que fazem a ingestão destes suplementos alimentares é composta pelo público masculino, com objetivo de aumentar o volume muscular e obter resultados satisfatórios em curto espaço de tempo; além disso, ressalta-se que essa ingestão é realizada a partir da prescrição indevida de pessoas e profissionais que desconhecem a composição e os efeitos destas substâncias, como instrutores, professores e amigos.

Com relação ao contexto social e político e o período histórico que prescreveram o surgimento dos esteroides anabolizantes, e, sobre seus efeitos benéficos e maléficos, apreende-se que

As substâncias denominadas anabolizantes eram administradas, durante a Segunda Guerra Mundial para os soldados alemães, com a finalidade de torná-los mais agressivos. Na década de 1950, os anabolizantes foram administrados para promover e acelerar o crescimento, mas a descoberta de

seus efeitos colaterais fez com que o seu uso clínico não fosse recomendado pela classe médica. Alguns efeitos colaterais dos anabolizantes [seriam]: endócrinos - atrofia dos testículos, calvície, impotência sexual, diminuição do número e da motilidade dos espermatozoides, redução do volume de esperma ejaculado, ginecomastia (crescimento das mamas em homens), masculinização das mulheres e alterações na tolerância à glicose, que podem desencadear quadros de diabetes em indivíduos predispostos; cardiovasculares - retenção de líquidos com a formação de edemas; hipertensão arterial; aumento do risco de doenças cardiovasculares: aumento do colesterol total, diminuição de HDL (colesterol +), aumento de LDL (colesterol -) e aumento de triglicérides; hepáticos - elevação das enzimas do fígado (transaminases, fosfatase alcalina, gama GT, etc.), quadros de icterícia e, mais raramente, câncer do fígado; musculoesqueléticos - lesões osteomusculares por sobrecarga; fechamento precoce das epífises, com consequente interrupção do crescimento ósseo. Ocorrem também alterações comportamentais, como queixas de agressividade exacerbada, irritabilidade, agitação motora e aumento ou diminuição da libido. Algumas doenças psiquiátricas podem surgir em consequência do uso de anabolizantes, como a síndrome do pânico e quadros depressivos. Não há tratamento específico para o uso abusivo de anabolizantes (DE MARCO, 2011, p. 16-17).

Complementarmente, Almeida (2009) adverte que não se tem dados estatísticos sobre o uso ilícito destes anabolizantes, sabe-se, apenas, que o público preferencial é composto por homens na faixa etária entre 18 e 34 anos. Estas substâncias são frequentemente utilizadas no tratamento hormonal masculino, uma vez que derivam da testosterona.

Reserva-se neste momento o espaço para a compreensão de que os cuidados para ascender junto a um corpo belo e escultural, fazendo do próprio corpo uma vitrine pelo qual passarão os olhares desconfiados e punitivos de uma sociedade que marginaliza o diferente (entendido aqui como condição de “não beleza”), dependem exclusivamente dos esforços individuais e dos comprometimentos e martírios alçados por cada um.

Berger (2006, p. 157) traz significativas contribuições sobre o esforço individual na “fabricação” da beleza corporal, enfatizando que a ideologia do corpo perfeito

passa pelo esforço do indivíduo, ou seja, a ênfase de que o indivíduo sozinho, utilizando-se de aparelhos, pesos, muita ginástica, alimentação e produtos químicos pode construir seu corpo ideal, tão veiculado e reforçado pela mídia. Ou seja, ele não precisa e nem deve “se conformar com o que Deus lhe deu”, já que, com seu esforço, ele pode corrigir o que não corresponde ao padrão cultural de sua época e lugar. Estamos na era da tecnologia do suor (*high-tech sweat*) e, através dela, acredita-se que podemos escolher o corpo que queremos ter.

Neste “hipermercado da beleza” encontraremos além das academias de ginástica/musculação, produtos de embelezamento e tratamento para rosto/cabelos/pele, cosméticos com as mais diversificadas funcionalidades (esmaltes, tinturas, maquiagem),

cirurgias plásticas e variados processos cirúrgicos/invasivos como implantes de próteses e lipoaspirações; massagens, acessórios para modelagem corporal como calças/cintas/bermudas/shorts, drenagens, produtos *diet* e *light*, suplementos alimentares, inibidores de apetite, aceleradores metabólicos, diuréticos, anabolizantes e outras drogas, equipamentos para exercício física corporal, livros e revistas especializadas.

As academias de ginástica se mostraram verdadeiros empreendimentos comerciais, valendo-se de discursos de saúde e qualidade de vida, alavancados por práticas como o fisioculturismo (tendo como principal “garoto propaganda” o ator, político e ex-fisioculturista Arnold Alois Schwarzenegger) e, posteriormente, pela ginástica aeróbica (criada a partir dos estudos do médico americano Kenneth H. Cooper), tornaram-se atualmente verdadeiros templos do corpo idealizado, ou seja, aquele corpo jovem, esbelto, tenaz, hipertrofiado, branco, sedutor, “saudável” e vigoroso (SÃO PAULO, 2008).

A empresa neozelandesa Les Mills, é um dos modelos mais representativos deste bem-sucedido empreendimento do mercado do *fitness*. Tendo inaugurado sua primeira academia já na década de 1960 na Nova Zelândia, decidiu ampliar seus negócios pelo mundo e criou um programa de aulas pré-coreografadas de ginásticas para ser vendido a partir de década de 1980; com um modelo de ginástica que alia a marca *Body Systems* com uma identidade visual, coreográfica e musical impecável, além de um poderosíssimo planejamento de *marketing*. Esse produto chegou ao Brasil em 1997, o qual junto com a Argentina representam os maiores “compradores” desta marca dentro da América Latina (SILVEIRA e NEVES, 2009).

Este produto oferecido pela *Les Mills* compreendendo “subprodutos” como: *BodyAttack*, *BodyBalance*, *BodyCombat*, *BodyJam*, *BodyPump*, *BodyStep*, *Bodyvive*, *RPM*, *PowerJump* e o *PowerPool*,¹⁵ cada qual correspondendo a uma franquia diferente, representam uma expressiva fatia dos lucros advindos do mercado do *fitness*, estando no interior de inúmeras academias de ginástica pelo país, especialmente, naquelas que prestam serviço e atendimento para as parcelas mais favorecidas social e economicamente, dado o alto custo requerido para obtenção e manutenção dessas franquias e dos respectivos profissionais credenciados a elas.

¹⁵ Todos esses “subprodutos” estão disponíveis e detalhadamente explicados no site da BODY SYSTEMS DO BRASIL, disponível em: < <http://www.bodysystems.com.br> >. Acesso em: 08 de julho de 2011.

Embora haja um discurso corrente por parte desta grande empresa (*Body System*) e de seus anunciantes e representantes de que a preocupação e a valorização da saúde sejam nucleares e fundantes nas propostas, intensões e treinamentos oferecidos, a observação cuidadosa sobre a gama de programas de ginástica disponibilizados e o lançamento trimestral de novas aulas sob o *slogan* de “novidades”, levam suspeitar que a preocupação desta empresa seria, sobretudo, com a estética corporal e a lógica mercadológica capitalista, na qual os produtos devem ser lançados, consumidos e “substituídos” na velocidade dos modismos e tendências. Portanto, as quantidades de programas de ginástica criados e pulverizados pela *Body System*, reforçam o fenômeno contemporâneo de culto ao corpo (SILVEIRA e NEVES, 2009).

Diante dos movimentos padronizados, ensaiados e executados a partir de ginásticas pré-coreografadas (princípio básico em todos os subprodutos/aulas da *Body System*) onde “professores não podem adequar suas aulas às dificuldades dos alunos, tendo que seguir com exatidão o manual, assim como não podem sair da posição de atores e *performers* para corrigir e/ou dar atenção especial ao aluno com dificuldades durante a aula.” (SILVEIRA e NEVES, 2009, p. 6) é possível admitir que estes não coadunem com práticas de treinamento e condicionamento saudáveis e adequadas.

Os esforços são individuais e antecipariam as angústias e frustrações provenientes do olhar do outro, o olhar que julga e condena aqueles que não apresentam uma condição de beleza corporal que seja igual ou similar àquela imbricada no tecido que constitui as práticas e relações sociais cotidianas.

Apreende-se, portanto, que

todo o investimento destinado aos cuidados pessoais com a estética vincula-se à visibilidade social que o sujeito deseja atingir – evitar o olhar do outro ou a ele se expor está diretamente relacionado as qualidades estéticas do próprio corpo! (NOVAES, 2005, p.4).

Segundo Barros (2001) a beleza estaria intimamente ligada às representações de *status* e poder no interior das relações sociais e da cultura na qual se inserem; e, ainda, como aponta o referido autor, a fixação no imaginário social de que o homem para gozar de *status* e prestígio deve necessariamente ocupar funções e/ou cargos que reflitam uma condição de poder, de dominação sobre alguém, de controle sobre as decisões a serem tomadas em um espaço/tempo.

Neste sentido, o poder e o dinheiro para um homem podem ser substitutivos para um corpo não atraente; mas, com relação à mulher, esta situação não se aplicaria. Ser abastada não diminuirá o desprestígio social e muito menos a tornará objeto de desejo e sedução para o sexo oposto. O mais curioso é que este cenário parece petrificado e sem perspectivas de mudança paradigmática; basta observar que na cotidianidade é frequente a formação de casais em que o homem é idoso ou feio e mesmo assim permanece ao lado de uma jovem e bela mulher, ao ponto que o contrário não acontece, ao menos com a mesma frequência. A beleza parece ser mais cobrada por parte do parceiro masculino quando comparada com a outra parte (mulher) (LIPOVETSKY, 2000).

Para poder ascender e compartilhar do mesmo reconhecimento, valorização, prestígio e status social, a mulher, além de figurar na mesma posição hierárquica, anteriormente mencionada, deve, concomitantemente, ser bonita, formosa e atraente.

Evidentemente, existem situações, momentos ou espaços em que esta cobrança pela beleza e pelo corpo belo é mais gritante e acaba sendo condição ímpar diante de uma determinada realidade. Embora estejam quase sempre ocultadas ou ofuscadas por outros condicionantes mais declarados ou pronunciados, as características corporais e estéticas dão o ritmo ou o colorido em espaços como o mercado de trabalho, especialmente, aqueles nos quais o funcionário acaba sendo uma extensão da aparência visual e estética da empresa/comércio/escritório entre outros(as).

Em matéria recente publicada no jornal “O Estado de São Paulo”, em 11 de julho de 2011, evidenciou-se que as discussões sobre a beleza e o mercado de trabalho vêm sendo realizadas desde a década de 1970, com pesquisas que mostram que as pessoas bonitas ganham melhor e ascendem nos seus espaços de trabalho mais rapidamente. Contudo, a reportagem traz informações sobre uma pesquisa realizada por dois economistas israelenses em 2010 e apresentada durante a conferência anual da *Royal Economic Society*, realizada na Universidade de Londres, em que afirmaram que as mulheres bonitas estão sendo alvo de discriminação e que esse atributo físico diminui em até 30% as chances de serem contratadas. A principal justificativa seria a de que mulheres muito bonitas no ambiente de trabalho poderiam tirar a concentração e atenção dos homens, comprometendo suas atividades laboriosas (ZARA, 2011).

Para Berger (s/d) a beleza seria uma espécie de capital simbólico que agregaria valor e prestígio às pessoas dando-lhes *status*, independentemente do sexo, particularmente, no campo dos relacionamentos afetivos e do já discutido mercado de trabalho. E, complementa, argumentado que

A beleza vira mercadoria, passível de ser comprada através de diversas técnicas, e mais do que tudo, desejada, contemplada. Todos querem ser belos e/ou ter ao lado pessoas belas. Hoje, ter um corpo malhado é um sinal de *status* e, num cenário em que os casamentos não são mais arranjados como eram na aristocracia, nem dependem tanto de nomes e sobrenomes. Em tempos de culto ao corpo, apela-se para a beleza (BERGER, s/d, p. 10).

O inquietante é compreender, ao menos hipoteticamente, que embora tenham sido cunhados sobre possíveis prioridades e preferências corporais/estéticas/visuais que subscrevem a tônica da beleza, poucos parceiros admitiriam que a fusão do casal deu-se a partir desta lógica, por entender que isso feriria os pressupostos de uma união verdadeira, sincera, despreendida de superficialidades e materialidades.

Na pesquisa que realizou com mulheres de classe média alta que frequentavam uma conceituada academia de um grande *shopping* paulistano, Berger (s/d) identificou uma tônica diferente no discurso de algumas entrevistadas, as quais não encontraram receio em professar a busca pela beleza em seus parceiros; porém, vale ressaltar que este cenário acadêmico-científico, onde se preserva a identidade dos participantes e prima-se por outros cuidados éticos, o dito ou confessado pode ser muito diferente daquele que se daria em situações cotidianas.

Para pontuar o exposto, optou-se por colocar a fala ou contribuição de uma das entrevistadas, precisamente quando afirmou que

Se você anda com uma pessoa bonita as outras pessoas te olham de uma maneira diferente, se a pessoa é bonita elas te olham diferente. No meu caso conta [a aparência na escolha dos parceiros], eu sou honesta em dizer, no meu caso conta, com certeza (BERGER, 2006, p. 162).

Queiroz e Otta (2000) ao discorrer sobre parte dos estudos (utiliza como material de pesquisa anúncios de relacionamento postados no “Classiline” da Folha de São Paulo) da psicóloga Lucia de Souza Campos, que analisa a importância da beleza como critério de seleção de parceiro afetivo/sexual, constataram que mulheres e homens fazem referências à beleza, oferecendo-a, mas, houve grande disparidade quanto à solicitação, neste quesito os homens foram maioria. Enquanto os homens solicitaram qualidades ligadas à sexualidade (sensual, ardente, ferosa) e ausência de filhos, as mulheres solicitaram sinceridade (confiabilidade, integridade, lealdade, fidelidade), recursos financeiros (rico, situação financeira definida, bom nível socioeconômico) e características religiosas (cristão, acredita em Deus, de preferência evangélico, espírita).

Para Novaes e Vilhena (2003, p.30) com relação à contemporaneidade, apreende-se que “a estética encontra-se vinculada a diversas formas de sociabilidade, impondo sua ordem como uma instância reguladora que abarca um número cada vez maior de contextos e formas sociais.” Os autores, neste sentido, atestam que o fenômeno da beleza tangencia uma expressiva quantidade de relações ou relacionamentos interpessoais.

Em seu livro intitulado “Peso, Sexo & Casamento”, Richard Stuart e Barbara Jacobson (1990) traçam um panorama intrigante das influências do peso (relacionado com a obesidade e/ou aumento da gordura corporal) - particularmente, aquele relacionado à mulher - nas relações conjugais estáveis, mostrando como essa referência estética e corporal pode ser decisiva na e para a rotina amorosa e afetiva dos casais. Para os referidos autores, as mulheres casadas que passam a exercer apenas as atividades domésticas (cuidar dos filhos, limpar a casa, cuidar das roupas, cozinhar) tendem a engordar mais do que aquelas que, mesmo depois do enlace matrimonial, figuram no mercado de trabalho. Um dos principais motivos estaria relacionado com a maior visibilidade social e cobrança estética por parte da última. Todavia, “o problema de excesso de peso da mulher não existe isolado do resto da sua vida. O peso e a imagem que temos de nós mesmos funcionam num equilíbrio frágil com a felicidade conjugal, a satisfação sexual e com a autoestima” (STUART e JACOBSON, 1990, p.15).

A satisfação com o próprio corpo é secundarizada na perspectiva de um corpo que deve servir ao “outro”, um corpo que deve apresentar uma beleza que sempre irá alimentar o “outro”, tornando-se, no caso do casamento, uma vigilância parental em que o corpo do parceiro deve satisfazer às necessidades que eclodem no “outro”, do/a parceiro/a, esposo/a.

Pode-se indagar, neste sentido, que a beleza vai servir, dentre outras coisas, para acalantar as cobranças estéticas, visuais e corporais que estarão sempre fora do sujeito que é alvo deste julgamento, mas, por serem parte da própria realidade cultural e social na qual ele está inserido, mobiliza-o. Esta beleza é fabricada pela necessidade que é exterior às vontades e desejos particulares de homens e mulheres, estabelecida a partir dos processos culturais do modelo social vigente.

Denota-se que a busca hedonista pelo cúmplice ou amado parceiro, a valorização social dos sujeitos, a entrada nos relacionamentos interpessoais, as práticas e objetivações sociais e culturais que permitem apreender o mundo, modificá-lo e por ele ser modificado, a construção das subjetividades, dar-se-ão numa visível (ou não tão

visível) negociação com um corpo cada vez mais ordenado pelos códigos e ditames do “culto ao corpo”.

As pessoas estão a escravizar seus corpos em sessões intermináveis de ginásticas, cirurgias plásticas, ingestão de esteroides e anabolizantes, produtos cosméticos, suplementos alimentares, diuréticos e outra infinidade de produtos e serviços à disposição deste “comércio do corpo”, tudo em troca de uma possível aproximação do belo, da beleza, do que é bom, dos padrões de beleza ordinários.

Contudo, deve-se atentar ao fato de que a história da humanidade é arquitetada e estabelecida por meio da trama das relações, ações e práticas sociais, concebidas no ventre fecundo da vida cultural, o que torna os sujeitos sociais e históricos potencialmente capazes de promover as mudanças necessárias para que a beleza corporal/física, assim como toda aquela que nos rodeia (natureza, artes, música, animais, nas formas, ciência etc.), sirva para promover a diversidade das formas, sentidos e sensibilidades estéticas e não apenas como objeto de consumo, distinção social e econômica e hierarquia entre os corpos.

3.4 – A PESSOA COM CEGUEIRA E A BELEZA: O PODER DAS IMAGENS NA REPRESENTAÇÃO SOCIAL E OS CAMINHOS POSSÍVEIS.

Neste segmento, salientam-se esforços no sentido de tentar tecer significados, conceitos, teorias e proposições que permitam correlacionar temas centrais no nosso estudo, antecipados já pelo título deste. A inexistência de trabalhos e pesquisas estreitamente vinculadas com as propostas de investigação deste estudo, fez com que o esforço de coser as bordas destas temáticas em uma malha firme e vistosa, fosse extremamente árduo.

Longe de acreditarmos na caminhada cujo desfecho fosse primoroso e inquestionável em seus achados e resultados, pretende-se trilhar por caminhos que façam do seu próprio trajeto e/ou processo o ponto relevante e inquietante deste estudo.

Dividindo-nos em três momentos específicos, tratamos de esboçar, brevemente, algumas reflexões e apontamentos que tratam, respectivamente, da definição e do histórico da cegueira, o poder das imagens na construção das representações sociais e

por último, mas não menos importante, alguns possíveis caminhos que levem à construção da representação social da beleza no universo das pessoas com cegueira.

3.4.1 – A Cegueira.

Desde a Antiguidade, as pessoas entenderam o "não ver" como ausência de sabedoria, trevas e escuridão, pois a luz era a representação simbólica do bem, da esperança e só a partir do olhar era possível compreender e se relacionar com a luz que torna visível o mundo, as pessoas e as formas/objetos. Entendia-se que a pessoa cega estava fadada a uma vida de isolamento e dependência, relacionando essa característica com possíveis poderes sobrenaturais e/ou divinos, inferidos sobre estas pessoas, tirando-lhes a visão para que fossem punidas pelos pecados e erros cometidos no passado. A visão, desde então, passou a ser a forma de percepção mais valorizada e explorada em nossa cultura (AMIRALIAN, 1992).

Ainda é possível notar na contemporaneidade a força destas representações históricas e culturais e “entender a força da estigmatização dos indivíduos cegos no jogo social pelo processo de reificação do imaginário ocidental, tendo a visão relacionada à razão, e logo, a cegueira, a falta de visão, ligada à irracionalidade.” (CORREA, 2007, p.32).

Queiroz e Otta (2000), ao descreverem a importância cultural e simbólica atribuída a determinadas partes, órgãos e sentidos do corpo humano, advertem que a visão receberia um dos maiores destaques observáveis, por exemplo, em usos discursivos e expressões verbais recorrentes no cotidiano, como “ver para crer”, “os olhos são a janela da alma”, “amor à primeira vista”, “pessoa iluminada”, “até à vista”, “pessoa bem-vista”, entre tantas outras.

Correa (2007) ressalta que a utilização de termos como “vidente”¹⁶ ainda carregam em sua raiz uma representação valorativa da visão, oriunda de tempos passados, enquanto que, o vidente ou a prática da vidência pode, ainda hoje, estar/ser associada com um olhar ao desconhecido, a um mundo invisível ao demais. O vidente

¹⁶ Termo comumente utilizado para se referir às pessoas que não apresentam comprometimentos visuais, ou seja, diz respeito a todas as pessoas que gozam de eficiência visual.

configuraria um “dom” assegurado por uma ordem divina, uma visão ou a visão que Deus coloca a serviço de outrem.

No Brasil, a educação e a preocupação com o desenvolvimento e instrução das pessoas com cegueira teve como marco histórico a criação no município da Corte, pelo decreto 1.428 de 12 de setembro de 1854, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos (JANNUZZI, 2004).

Este Instituto se transformaria décadas mais tarde no atual Instituto Benjamin Constant (IBC) por meio do

(decreto n. 1.320 de 24 de janeiro de 1891 in Diário Oficial [D.O.] de 18 de dezembro de 1981), tem sua origem ligada ao cego brasileiro José Álvares de Azevedo, que estudara em Paris no Instituto dos Jovens Cegos, fundado no século XVIII por Valentin Haüy. Azevedo regressara ao Brasil em 1851 e, impressionado com o abandono do cego entre nós, traduziu e publicou o livro de J. Dondet “História do Instituto dos Meninos Cegos de Paris”. O médico do imperador, José Francisco Xavier Sigaud, francês, destacado vulto, pai de uma menina cega, Adèle Marie Louise, tomou conhecimento da obra e entrou em contato com o autor, que passou a alfabetizar Adèle. O doutor Sigaud despertou o interesse de Couto Ferraz, que encaminhou o projeto que resultou no Imperial Instituto dos Meninos Cegos. Destinava-se ao ensino primário e alguns ramos do secundário, ensino de educação moral e religiosa, de música, ofícios fabris e trabalhos manuais (JANNUZZI, 2004, p. 11-12).

Existe um desacerto construído e enraizado na sociedade atual, que de maneira alienante, passa a entender a pessoa com deficiência visual como sendo uma pessoa totalmente cega, ou seja, com ausência total da visão, desconsiderando o fato de que as incidências destes casos dentro das deficiências visuais são mínimas e que os prejuízos visuais se dão em diferentes graus, impossibilitando entendê-las a partir de uma mesma classificação. Desta forma, compreender as deficiências visuais dentro das suas múltiplas variações possibilitará a modificação nas estratégias e ações que comporão os sistemas de apreensão e interpretação do mundo por parte desta pessoa (AMIRALIAN, 1997).

De acordo com Aguiar (2007), desde os primeiros anos de vida a visão caracteriza-se como uma das principais fontes de estímulo ao desenvolvimento físico e cognitivo; desta forma, a visão passa a ter um significado imensurável para a sociedade, que por meio deste *feedback* visual transmite suas significações, conceitos e valores. Então, para aqueles dotados de um harmonioso funcionamento visual, o processo de interação entre a pessoa e o meio cultural é facilitado, uma vez que a relação consigo e com os demais elementos sociais tem um percurso orientado pelas formas e imagens

que compõem o mundo visual; no entanto, nem todos podem gozar desta eficiência visual, sendo relegados a um desenvolvimento muito aquém do ideal e a todos os tipos de estigmas e preconceitos.

A classificação das deficiências visuais sempre esteve centrada em diagnósticos clínicos ao longo do percurso histórico. Porém, a constatação de que muitas pessoas identificadas como cegas e posteriormente, tendo sua escolarização desenvolvida por meio do método Braille, utilizavam-se da visão e não do tato para realizar as leituras, provocou significativas mudanças neste cenário. Atualmente, além de um diagnóstico clínico-oftalmológico, as pessoas precisam ser avaliadas por profissionais da Educação, Psicologia e outras áreas, antes de serem identificadas como deficientes visuais que necessitam de ensino pelo método Braille (AMIRALIAN, 1997).

Com relação às possíveis alterações na visão, entende-se que representam "uma condição em que há uma diminuição da capacidade visual. Pode ser em consequência da diminuição da acuidade visual, e/ou campo visual e/ou diminuição da sensibilidade de contraste, estando o paciente com a sua melhor correção em ambos os olhos" (CASTRO, 1994, p.1).

O Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, publicado pela American Psychiatric Association, tendo a sua 4ª edição conhecida pela designação "DSM-IV", define a cegueira como sendo uma perda total da visão ou ausência de projeção de luz e a baixa visão como sendo redução drástica desta visão, apresentando-se em diferentes níveis (APA, 2002). Dialogicamente a esta definição, Ventorini (2007, p.11) argumenta de maneira objetiva que "o termo deficiência visual engloba pessoas cegas e pessoas de baixa visão. A identificação dos deficientes visuais consiste na acuidade visual medida pelos oftalmologistas". Desta forma, seria um equívoco inaceitável universalizarmos estas pessoas, solapando suas especificidades.

Rocha (2000) explicita que a deficiência visual de origem congênita é aquela que ocorre no nascimento e suas principais causas são: coreorretinite macular, atrofia ótica, catarata congênita, retinopatia da prematuridade (fibroplasia retrolental), glaucoma e retinose pigmentar. Segundo Carvalho *et. al.* (1992) a deficiência visual adquirida ocorre por acidentes ou por doenças como diabetes, deslocamento de retina, glaucoma, catarata, degeneração senil e traumas oculares.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define Cegueira Legal como sendo a condição na qual a acuidade visual, no olho de melhor visão, igual ou menor que 3/60,

ou correspondente à perda de campo visual, com a melhor correção óptica (WHO, 1997).

A partir dos estudos desenvolvidos por Rocha (2000) e Bicas (2002) pode-se entender a cegueira total, denominada também como amaurose, como sendo aquela em que a acuidade visual é inferior à capacidade para distinguir luminosidade, pressupondo a perda completa de visão. Pessoas com este tipo de severidade visual não podem distinguir nenhum tipo de contorno, formas ou estruturas, tampouco discriminar a presença e deslocamento de sombras/vultos, não há nenhum tipo de resquício visual.

Assim, a base conceitual e estrutural deste presente estudo referencia como temática norteadora o universo das pessoas com deficiência visual, direcionando-se, mais especificamente, às pessoas com cegueira; desta maneira, acredita-se ser de extrema relevância a construção de uma teia de conhecimentos, identificações e demais saberes que permeiam este contexto, possibilitando a fixação de parâmetros que viabilizem um caminhar mais límpido e coeso para as propostas objetivadas.

Isto posto, admite-se que o presente estudo incidirá sobre as pessoas com deficiência visual com cegueira total (amaurose), optando, desta forma, por uma definição médico/clínica (apenas e, exclusivamente, como uma opção que torna possível o delineamento dos participantes e não por entendê-la como melhor ou pior do que os outros modelos de definição) para este estudo, intencionando trilhar na contramão dos (des)entendimentos e das práticas excludentes, desmedidas e ilegítimas, que ainda hoje teimam em cercear essas pessoas.

3.4.2 – O poder das imagens na construção das representações sociais.

Poder-se-ia assumir que a representação social de um objeto ou fenômeno ocupou-se como afirma Moscovici (2004) de uma dialética que permitiria a sua ressignificação na base das relações sociais e concomitantemente exercendo influência e controle sobre essas mesmas relações sociais. Portanto, os campos social, cultural e histórico são decisivos para a construção e reconstrução do imaginário e/ou simbólico que se naturaliza nas relações com o outro e com o mundo ao redor.

Moscovici (2004) aponta que além deste saber desenvolvido no cotidiano das relações sociais, produto de uma interação entre fenômenos de comunicação, divulgação e propagação dos conhecimentos e que traduzem os elementos cognitivos deste

processo de construção das representações sociais, dever-se-ia empregar a mesma atenção a outros aspectos igualmente importantes, estes ligados ao inconsciente, às emoções e afetividades no mecanismo de produção e reprodução das representações sociais.

Garante-se, assim, um novo olhar para as representações coletivas, admitindo que os sujeitos são ativos e dinâmicos; que vem exercendo influência sobre o conhecimento produzido na cotidianidade e na mesma medida em que são modificados cognitivamente e afetivamente por uma dada realidade social (MOSCOVICI, 2004).

Contudo, as representações muitas vezes são naturalizadas, admitidas como produto de uma ordem governada por acontecimentos impessoais, quando na verdade acabam sendo alicerçadas e maquinadas objetiva e intencionalmente, refletindo interesses e as estruturas de poder e dominação (moral/física/ideológica/política) no seio das sociedades. Neste sentido, mais do que síntese e/ou diálogo entre pensamentos, reflexões, acontecimentos e informações colhidas nas relações sociais “despreocupadas”, uma representação sobre determinado objeto, pessoa ou fenômeno pode – e na maioria das vezes o é – ser resultado de arquiteturas sorrateiramente objetivadas por interesses de outrem.

As concepções de beleza e as indissociáveis representações sociais da beleza expressam a busca e a necessidade de atender a uma estética corporal pacificada no bojo das vivências e objetivações sociais cotidianas; ter um corpo belo torna-se *slogan* de uma materialidade consumista que disfarça os interesses sociais, afetivos, políticos e econômicos de uns (poucos) sobre outros (muitos).

Lançando-nos no universo da beleza corporal trazemos à tona a compreensão de que as representações sociais da beleza se valem dos discursos correntes e na mesma medida estes discursos só existem a partir da sua materialização nas e pelas práticas sociais. A exibição visual e figurativa do corpo belo ou belo corpo, massivamente propagada em espaços midiáticos como a televisão/cinema/revistas/internet e que fetichiza a beleza como mercadoria-objeto, implicaria, hipoteticamente, numa construção imagética do belo e a sustentaria no universo simbólico coletivo.

Berger (2006, p. 277) traz uma valiosa contribuição neste sentido, ao destacar que as “academias de vidro que lembram o panóptico de Bentlan, são também templos de consumo onde se vende a todo o momento o corpo perfeito como uma mercadoria, que pode ser comprada por quem puder pagar por todos os aparatos que o sustentam”.

Canevacci (2001), ao tratar da natureza particular das mercadorias contemporâneas e suas características intrínsecas ligadas a uma valorização de caráter comunicativo, observa que as mercadorias-visuais são, por 'essência', fantasmáticas. A dimensão visual criaria um valor acrescido entre o corpo desta mercadoria e o consumidor, deixando ser mercadorias emudecidas, uma vez que comunicam, expressam e reforçam uma estética e estilo visual que confere às mercadorias-visuais um *status* de consumo e destaque na cultura econômica contemporânea. Isso é o que confere um modelo centrado no fetichismo visual que se multiplica na base de uma economia mercadológica pulverizada a partir das comunicações de massa, altamente tecnologizadas e aparamentadas com o que de melhor a ciência pode oferecer.

Moscovici (2004) e Jodelet (2001) apontam que a comunicação de massa, seja por meio de comerciais, propagandas, novelas, programas, filmes, desenhos, jornais, reportagens e outras(os), tornou-se nuclear no processo de interação e interposição que se estabelece no encontro entre ideologia, senso comum e representação, estabelecendo conceitos, sentidos e valores que acabam sendo naturalizados nas relações e objetivações sociais.

As mercadorias-visuais são na verdade sujeitos, devem ter suas anatomias entendidas numa perspectiva antropológica. Tem uma individualidade própria, com idade, formas e possibilidades outras (muitas), nascem, amadurecem, envelhecem, morrem. Possuem inúmeras simbolizações, mutações, nomes, parentescos, ramificações, uma biografia própria (CANEVACCI, 2001).

Nesta perspectiva, admitir-se-ia a beleza como uma qualidade, exigindo que ladeie nossa existência para que possamos atender a esse culto por ser belo, por andar na companhia da beleza, enamorar-se com a beleza e dela não estar desacompanhado. A beleza deixaria de ser adjetivada para gozar de um substantivo que anula o sujeito, fazendo dele a própria mercadoria-matéria-beleza.

Portanto, pode-se pensar da seguinte maneira:

Qual seria o significado desta coisa inútil sem a qual não podemos passar?
Reza o ditado popular que uma imagem vale mais do que mil palavras! Em uma cultura, com cada vez mais telas e menos páginas, as imagens passam a constituir, por si só, a realidade (...) A imagem toma o lugar do sujeito e, sem perspectiva de si mesmo, haverá identidade possível? (NOVAES, 2005, p.10)

Ainda sobre o poder da publicidade identifica-se que esta requer um grande arsenal de imagens da cultura visual para impor aos espectadores/consumidores

produtos, objetos e modelos de vida, renovando-se e ressignificando-se ao longo dos tempos; já que as pessoas e seus hábitos/vontades/desejos modificam-se constantemente, as técnicas de comunicação, informação, linguagem visual, oral e escrita referentes à publicidade transformam-se na mesma proporção.

Para pontuar o exposto, Canevacci (2001, p. 158), ao descrever a figura corporal e estética da “nova” dona-de-casa em um comercial de TV, observou que sua

Imagem televisiva, não é mais a costumeira “mãe-de-família”, modesta no vestir, o corpo em fase declinante, as expressões conciliatórias e prontas a maravilhar-se: agora ela é jovem, elegante, magra, atraente, inserida numa família nuclear otimamente definida em sentido sociológico.

Torna-se urgente a compreensão de que a linguagem e o discurso em defesa de um ideal de beleza corporal, marca a realidade social ou pensamento vigente (o qual a partir das novas ferramentas de disseminação/propagação/expansão de comunicação e informação na contemporaneidade tomou proporções astronômicas), que “perambulou” pela história e espaços/relações sociais incontáveis associando-se às construções imagéticas (SOUZA, 2004).

Desta maneira, as diversas imagens da beleza formuladas ao longo dos tempos se sobrepuseram para que pudéssemos chegar ao que se admite atualmente como belo, harmônico, sensível aos olhos.

Isso explicaria o esforço humano em transferir os pensamentos, ideias e discursos sobre a beleza ou sobre aquilo que se acreditava ser belo para o plano material e estético das formas, contornos, dimensões e composições físicas dos corpos, que por sua vez eram representados nas produções artísticas como pinturas e esculturas.

Os artistas imprimem em suas obras ou feitos artísticos, os estereótipos que transitam na coletividade e na cultura em um período histórico distinto. Tome-se, por exemplo, as imagens retratando as deficiências, consolidando atitudes sociais frente às mesmas e estabelecendo um espaço iconográfico de escrita e leitura através dos sentidos visuais (GILMAN, 1994 apud REILY, 2008).

Umberto Eco, em seu livro “História da Beleza”, logo no início da obra expõe que os motivos que o levaram a utilizar obras de artes para retratar o fenômeno da beleza ao longo das culturas e períodos históricos devem-se ao fato de que foram os artistas “que nos contaram através dos séculos o que eles consideravam belo e que nos

deixaram seus exemplos” (ECO, 2010, p.12), que possivelmente refletiam os pensamentos, ideias e valores da sociedade e cultura vigente.

Reily (2008) valendo-se de esforços nesta trilha de pensamento procurou demonstrar quais eram as representações sociais e históricas sobre a figura do músico cego baseando-se em obras de artes cunhadas ao longo dos séculos, acreditando-se que essas produções artísticas e culturais contêm uma infinidade de símbolos, elementos e códigos que expressam as concepções sociais de uma determinada época e as vicissitudes sobre a figura daquele que era cego e músico.

Souza (2004, p. 31-32) amplia essa análise ao argumentar que

O cinema e as revistas também criam imagens da beleza com partes ideais de corpos. Atualmente, as revistas voltadas para o público masculino, a exemplo de *Playboy*, exibem em suas páginas corpos considerados perfeitos. No entanto, é sabido do grande público que esses corpos são devidamente maquiados, “cirurgiados” para esconder imperfeições aqui e acolá, e que essas mesmas imagens são retocadas com o auxílio do computador quando outros recursos não conseguem camuflar as “imperfeições” imaginárias. Tal ideia denuncia o efeito das interpretações que os sujeitos fazem dos fatos, que regidas por produções específicas, aparecem como sendo universais. No imaginário, constrói-se desde tempos longínquos uma idealização de belo que nunca se coadunou com a realidade dos corpos que circulam por aí, pois o modelo torna-se a exceção daquele ideal. Porém, todos são interpelados pelos sentidos de uma beleza ideal, e ao longo do tempo têm-na perseguido, mesmo sabendo-se impossível atingi-la.

Quando levada para o campo material da formosura e da estética corporal, os estudos sobre beleza e corpo tornam-se intrigantes, apreendendo que o universo do belo aprisiona e escraviza as pessoas em corpos fracionados, segmentados e cobrados incessantemente, reduzindo essas mesmas pessoas a um belo par de pernas, glúteos e seios (no caso da mulher) e a um belo par de braços e peitorais (no caso do homem); perdem-se com isso as identidades, que em tempos (outros) distantes marcavam fortemente a realidade social, afetiva, cultural, histórica e política da existência humana.

Esse fracionamento do corpo na perspectiva de uma exaltação de determinadas partes do corpo e o seu subsequente remapeamento a partir da valorização estética e hierárquica dos segmentos corporais permite que

(...) alguns ganhem maior expressividade, como por exemplo, a bunda, uma das partes convexas do baixo corporal (...) que historicamente se afirma a partir de uma perspectiva machista e simplificadora, decalcada que é na crônica de exaltação estética do corpo feminino, não se reduz apenas ao mundo das mulheres. O remapeamento e a supressão de áreas proibidas e não proibidas, a valorização e a erotização da topografia do corpo masculino pela

mulher quebram tabus e criam uma espécie de espaço de exaltação do físico belo – o culto ao corpo – comum aos dois sexos (PEREIRA, 2000, p.81).

Nas palavras de Berger (2006, p. 4) “graças à supremacia das imagens, instalou-se a tirania da perfeição física. Hoje todas querem ser magras, leves e turbinadas”.

Ainda, este mesmo autor, traz importantes contribuições a respeito do “poder” das imagens na arquitetura simbólica e representacional de um modelo ideal de beleza, ao imprimir que

o poder da imagem é algo incontestável e passível de apreensão imediata. A imagem toca diretamente os sentidos, é imediatamente captada não só pelo olhar, mas também pela emoção e pela razão. Ela sugere uma variedade de coisas que só com dificuldade uma outra forma de apreensão do real e do imaginário percebe e transmite, além de ter um grande poder de síntese. Uma só imagem condensa uma série de elementos e diz muito sobre a percepção do real que a pessoa que a registrou ou criou possui (BERGER, 2006, p. 119).

Mesmo vivendo em tempos de aparente “democracia e diversidade desta beleza” (VIGARELLO, 2006), ao propagar e propagandear um padrão de beleza que se alastra através de *outdoors*, novelas, internet, desenhos, filmes, seriados, revistas, jornais, comerciais, corroborando para a validação, naturalização e legitimação de uma beleza que é subjetivada nas representações sociais, os diversos veículos midiáticos e seus advogados objetivam e alicerçam suas técnicas/ações/estratégias, principalmente, a partir do campo visual. Assim sendo, poder-se-ia entender que essas representações sociais de beleza, então, hipoteticamente, diferenciar-se-iam daquelas oriundas de grupos e/ou pessoas que foram privadas desta sensação visual e imagética.

3.4.3 – Caminhos possíveis para o casamento entre a beleza e a cegueira.

As perspectivas teóricas e analíticas diante daqueles que são privados desta sensação visual podem nos levar até outros caminhos e questionamentos. Como se manifestariam então as sensações, sentidos e/ou abstrações que comporiam as representações sociais da beleza para as pessoas com cegueira?

Sem a pretensão de encerrar essa inquietação neste momento, haja vista que o questionamento supracitado é nuclear dentro do estudo que ora se apresenta, permitir-se-á vagar por algumas contribuições, que de uma maneira ou outra possam antecipar

algumas reflexões e entendimentos sobre a beleza e o universo das pessoas com cegueira.

O universo sensível que permite admirar e sentir a beleza e suas formas estéticas, oriunda do mundo das coisas físicas, torna essa percepção possível, principalmente, por meio dos sentidos como a visão e a audição, agentes que auxiliam na “captação” do universo das formas materiais e concretas. E, quando se passa para o mundo das ideias e dos pensamentos, os conceitos que se atribuem à beleza são mais liberais e comportam uma extensão de representações ligadas ao campo dos valores e preceitos morais, intelectuais e artísticos (SOUZA, 2004).

Pode-se, contudo, apresentar outras argumentações que diferem da argumentação supracitada, no sentido de assumir que a beleza e no nosso caso, aquela que é invadida pelas formas físicas, corporais e estéticas, poderia, de alguma maneira, ser sentida, absorvida, objetivada e entendida na esteira de outras sensações, simbolizações e/ou estruturas cujas possibilidades interpretativas e perceptivas seriam outras, a exemplo do tato e da linguagem, alimentando assim as representações do belo.

Correia (2007) realizou interessante análise e discussão acerca das sensações, sentidos e sensibilidades impressas nos trabalhos de Evgen Bavcar, filósofo e fotógrafo sueco com cegueira, atendo-se às particularidades do seu fazer artístico e desvelando os caminhos percorridos pelo artista cego para captar, apreender e exteriorizar a beleza e a estética de pessoas, paisagens, objetos e outras formas ao seu redor, a partir das lentes de sua câmera fotográfica. Para tanto, relata que o fotógrafo em seu processo de criação recorre às descrições fornecidas por interlocutores ou quando possível, também utiliza o tato para explorar os contornos, estruturas e espaços, compondo um intrincado quadro de informações e percepções que permitirão deslocar o seu entendimento sobre a compreensão deste mundo físico para uma narrativa imagética.

Quanto à linguagem, entende-se que esta funciona como um sistema simbólico ligado a um determinado grupo social e servindo para a mediação entre o sujeito e o mundo, o cego pode formular conceitos e ordenar suas experiências, categorizando-as conceitualmente em objetos e eventos com os quais entra em contato nas suas realizações concretas e abstratas com o mundo (ORMELEZZI, 2000).

No caso das pessoas com cegueira e sua relação com o corpo do outro, entende-se que a linguagem não apenas permite a definição, explicação ou detalhamento deste corpo que lhe é estranho/externo, mas também o cria; pela linguagem pode-se criar o

corpo, tendo o poder de nomeá-lo e instituí-lo como belo e/ou bonito (GOELLNER, 2003).

Já o tato constitui um sistema sensorial com características distintas daquelas referidas e inscritas pela visão, permite capturar texturas, temperaturas, formas, proporções e criar relações espaciais com os objetos. A percepção através do tato se dá pelo contato com os objetos ou coisas que permitem uma lógica sequencial de análise para o seu todo, processando-se de maneira lenta e gradual, diferente da visão que pode apreender o objeto todo, simultaneamente e a qualquer distância (BATISTA, 2005).

Assim sendo, num segundo momento, Souza (2004) parece dialogar com outras possibilidades que favoreceriam a percepção da beleza, acaba ampliando a experiência perceptiva do belo, externando que esta sofreria uma interferência incontestável da razão, a qual significaria uma capacidade intelectual de identificar, discriminar e apreender. A razão por sua vez seria influenciada por fenômenos externos e imprevisíveis, obedecendo às múltiplas possibilidades que assumiriam o percurso de vida de cada um, dando aos conceitos individuais e coletivos sobre o belo uma ligação com suas experiências externas.

Poder-se-ia admitir, então, que as concepções, ideias, valores, significados, conceitos que serviriam para a arquitetura de uma dada representação social sobre a beleza seriam acessadas pelas pessoas com cegueira através de sentidos (outros) como o tato e a audição – sendo esta última necessária na captação e processamento da linguagem verbal – além de outros mecanismos salutares na construção e estruturação das representações de um objeto ou fenômeno.

“O progressivo desnudamento do corpo (...) o que nada mais é do que a exaltação da beleza física em si” (PEREIRA, 2000, p. 80), uma beleza corporal cada vez mais à mostra, particularmente, em terras tupiniquins onde prevalecem as falácias de que em país tropical as pessoas devem expor seus corpos, colocá-los em evidência, esconde um modelo narcísico de contemplação e veneração do corpo, de um corpo tratado como marca ou insígnia que confere um elevado nível de reconhecimento e *status* social.

Desta feita, faz-se necessária a compreensão de que passamos por um período histórico-social em que

Aumenta progressivamente a quantidade de espelhos, bem como do prazer de neles buscar nosso reflexo, ansiando por ver o corpo desabrochar. As roupas diminuem e exibir o corpo passa a ser tão importante quanto conquistá-lo.

(...) O corpo, se espetaculariza; e o espetáculo corporifica-se, está inscrito no corpo e ao mesmo tempo, comanda-o. Nosso corpo já não é mais o corpo coberto da modernidade e sim o corpo desnudo, espetacularizado. Roupas menores e mais justas, bem como a nudez invadem não só o mundo privado das nossas entrevistadas, mas o público, estão estampadas em *outdoors*, comerciais, novelas e outros produtos (BERGER, 2006, p. 277).

Neste sentido, a pessoa com cegueira ao se valer exclusivamente do tato e das suas experimentações poderá ter uma representação do corpo dificultada já que se restringirá apenas ao contato do seu próprio corpo para traçar paralelos e similaridades que o levem a representar os corpos de outrem. Representar a beleza na materialidade do corpo também será dificultoso pelas mesmas razões, acrescido do fato de que os modelos sociais hegemônicos de beleza amplamente difundidos e alojados no imaginário coletivo, principalmente, pela informação visual propagada pelos veículos midiáticos, não poderá ser apreendido espontaneamente.

Complementarmente, Laplane e Batista (2003) advertem que alguns conceitos e conhecimentos não são possíveis de ser aprendidos, descobertos ou ensinados pelo tato por configurarem situação em que o toque seria proibido ou pouco convencional, como é o caso do corpo ou de algumas partes dele, isto pensado na relação com o corpo do outro, aquele que é diferente e deveria ser entendido.

Uma menina cega, por exemplo, sem um trabalho dirigido e/ou intervenção de outra(s) pessoa(s), podendo ser realizado através da linguagem/discurso/conceitos, modelos/miniaturas ou contato direto com o corpo de um menino, dificilmente conseguiria abstrair a imagem e a constituição corporal e estrutural do sexo oposto.

Lebedeff (1994, p. 31) enuncia algumas dificuldades encontradas pelo cego para representar o corpo do outro e identifica como é nebuloso e instigante o campo das representações sociais de beleza no universo da pessoa com cegueira, indagando que

A anatomia de seu próprio corpo é muito fácil, mas e a anatomia do sexo oposto? Como o ocorre o conhecimento do corpo do outro, se o toque é proibido na nossa cultura? E sedução, se a paquera se dá pelo olhar? Será que a sexualidade do cego é uma sexualidade sem estética, sem altos nem baixos, gordos ou magros, não importa a cor dos olhos?

Revela-se que as formas e aspectos físicos que configuram a beleza, a unidade e a riqueza corporal, não se curvam apenas sobre o adestramento e a moldagem dos corpos de acordo com um padrão estético dominante, que os escraviza e penitencia,

mas, e, majestosamente, enriquecem toda a existência humana e os relacionamentos sociais e afetivos.

Se de um lado percebe-se que “o corpo do outro para o cego é um mistério que só é desvendado na experiência sexual, principalmente para os que não têm irmãos de outro sexo, pois até tocar no sexo oposto, a pessoa com deficiência visual não tem a mínima ideia de como ele se configure” (LEBEDEFF, 1994, p.32); de outro, temos um cego que segundo Ormelezzi (2000) constrói suas imagens e conceitos a partir da experiência não apenas tátil, mas também auditiva e olfativa inter-relacionadas com a linguagem e discurso das pessoas com quem interagem e/ou integram seu universo social e relacional/afetivo.

Como ressaltado anteriormente, sem a pretensão de esgotarmos os questionamentos, saberes e conhecimentos que se estabelecem na cotidianidade e nas relações socioafetivas das pessoas com cegueira quando do estreitamento com o universo sensível e das representações sociais de beleza, espera-se que as contribuições e argumentações apresentadas, embora tenham abraçado hipóteses, realidades empíricas e estudos diversos, sirvam para apontar caminhos profícuos e desmistificadores para as temáticas apresentadas.

4 - MÉTODO

Este estudo, de caráter qualitativo e cunho descritivo, destinou-se a investigar e compreender as representações sociais de beleza a partir da concepção de pessoas com cegueira. E, ainda, explicar, discutir e refletir as implicações destas representações no convívio e entendimento do outro e do mundo no qual habita, a partir da voz dos próprios adolescentes. Segundo Vilelas (2009, p.121)

(...) a preocupação primordial dos estudos descritivos radica em descobrir algumas características fundamentais de conjuntos homogêneos de fenômenos. [...] descreve uma realidade. O investigador acerca-se da realidade, procurando descrever e documentar os fenômenos que nela acontecem.

Sampieri et. al. (2006, p.7) apontam que nas pesquisas qualitativas admite-se que “em vez de clareza sobre as questões e hipóteses preceder à coleta e análise dos dados

(como na maioria dos estudos quantitativos, pelo menos em intenção), os estudos qualitativos podem desenvolver questões e hipóteses antes, durante ou depois da coleta e da análise”.

Segundo Bardin (1977, p. 115)

(...) a análise qualitativa é válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre corpus reduzido e estabelecer categorias mais discriminantes, haja vista não estar ligada, enquanto análise quantitativa, às categorias que deem lugar a frequências suficientemente elevadas para que os cálculos se tornem possíveis.

Para obtenção dos dados optou-se por entrevistas semiestruturadas guiadas por uma pauta que possibilita ou que tem a vantagem “de permitir um diálogo mais profundo e rico, de apresentar os fatos em toda a sua complexidade, captando não só as respostas dos temas eleitos, como também as atitudes, valores e formas de pensar dos entrevistados, às vezes inacessíveis por outras vias” (VILELAS, 2009, p. 282).

As entrevistas semiestruturadas possibilitam acessar informações e/ou dados que dificilmente seriam possíveis ao se utilizar outros mecanismos para coleta de dados. Para a efetivação das entrevistas deste estudo, optou-se também pela utilização de um roteiro básico com perguntas que, embora apresentassem uma organização sequencial, quando da sua aplicação não foram proferidas ordenadamente, permitindo uma dinâmica e participação mais flexível e espontânea nas entrevistas, já que algumas perguntas foram apresentadas de acordo com a fluência das entrevistas e da sensibilidade/percepção do pesquisador, optando por inseri-las em momentos distintos para cada entrevista/entrevistado.

Destaca-se também que muitos assuntos ou conteúdos puderam emergir a partir desta dinâmica, indo além daqueles previamente objetivados ou intencionados pelo pesquisador e pelo estudo.

Todas as entrevistas seguiram os mesmos critérios de aplicação, despendendo-se cuidados quanto à similaridade na aplicação, condução e duração das entrevistas. Todas ocorreram em locais tranquilos, sem a interferência de ruídos ou pessoas externas a este estudo. Ressalta-se que as entrevistas foram realizadas individualmente e em horário e turno oposto àqueles em que os alunos¹⁷ estavam matriculados.

¹⁷ Optou-se nesta parte do estudo por utilizar o termo alunos para se referir às pessoas com cegueira congênita que participam das entrevistas.

As entrevistas foram todas transcritas na íntegra, mantendo-se todo o seu conteúdo, inclusive os erros gramaticais, linguísticos e as gírias e vícios de linguagem, dando desta forma maior credibilidade e importância às falas dos entrevistados, reconhecendo a validade de todo o material produzido a partir destas entrevistas. Após a transcrição, o conteúdo das entrevistas foi analisado por dois juízes independentes (alunos de pós-graduação em Educação Especial) para assegurar a confiabilidade dos dados.

4.1 - PARTICIPANTES

Com o propósito de selecionar os participantes para a efetivação deste estudo, realizou-se um mapeamento junto a duas Diretorias Regionais de Ensino da região central do Estado de São Paulo, visando o levantamento e identificação de todos os alunos com cegueira congênita matriculados no ensino médio, e que tivessem disponibilidade e interesse em colaborar e/ou participar do estudo, formalizando-o por meio da assinatura dos pais e/ou responsáveis e dos participantes de um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Com isso, obtivemos uma amostra composta por três alunos, ambos do sexo masculino e residentes em cidades diferentes que integram as referidas Diretorias de Ensino.

A opção anunciada por esta faixa etária justifica-se pelo fato de que durante a adolescência, os alunos apresentam mudanças corporais/emocionais/afetivas muito intensas e conseguem elaborar suas ideias, sentimentos e discursos com mais propriedade e complexidade quando comparados às crianças. Além disso, optou-se por selecionar pessoas que também estivessem imersas no contexto escolar por entender que este é um espaço de múltiplas e ricas vivências interpessoais, permeadas por atmosfera inclusiva da qual eclodem as mais variadas situações e problematizações éticas, pedagógicas, políticas, culturais, sociais, afetivas e relacionais da contemporaneidade.

Segue um quadro com uma identificação dos participantes, já com os nomes fictícios para preservar suas identidades, destacando-se algumas características que ajudarão a compreender um pouco mais sobre os mesmos:

Quadro 1 - Identificação dos participantes:

NOMES	IDADE	SÉRIE	TEMPO NA ESCOLA	OUTRAS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES	CAUSAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL
PAULO	19	3º Colegial	6 anos	Instituto dos Cegos Santa Luisa.	Acidente com a incubadora.
MAURO	18	3º Colegial	3 anos	Espaço Braile	Nascimento prematuro.
JOSÉ	18	2º Colegial	2 anos	Espaço Braile	Nascimento prematuro.

Nota-se que a idade cronológica e a série em que estão matriculados apresentam uma relação desigual, identificando-se que a relação idade/série escolar apresenta um déficit que variou entre 1 e 3 anos. Como o presente estudo não se ocupou de análises quanto ao desempenho acadêmico e escolar dos alunos com cegueira no ambiente escolar, todos os questionamentos e informações acerca deste contexto, por mais pertinentes que sejam não serão enfatizados ou destacados aqui. Portanto, pode-se supor que a cegueira congênita pode ter representado um impeditivo para que acessassem as respectivas séries escolares nos períodos cronológicos adequados.

Todos os participantes tiveram a origem da sua cegueira associada ao nascimento prematuro. Contudo, não é possível definir se a cegueira congênita apresentada por Mauro e José era do tipo retinopatia da prematuridade (fibroplasia retrolental), destacada por Rocha (2000) como uma das mais frequentes nos casos de cegueira em crianças prematuras e com baixo peso. Ainda, observa-se que embora tenha nascido prematuro, o aluno Paulo destacou que a causa primeira e única da sua cegueira foi um acidente com a incubadora¹⁸, ocasião em que uma das enfermeiras descuidou-se dos procedimentos de rotina, levando a incubadora a pegar fogo. A enfermeira

¹⁸ A descrição do fato foi feita pelo aluno em uma das visitas feitas pelo pesquisador, quando este indagou sobre as causas da sua deficiência visual (cegueira); não sendo de interesse do pesquisador a investigação sobre os detalhes e concretudes do ocorrido.

controlou o fogo, mas não comunicou o ocorrido logo em seguida, fazendo-o somente depois de transcorridas muitas horas do incidente.

A educação filantrópica fez parte do desenvolvimento destes alunos e para alguns o contato com essas instituições especiais ainda continua em períodos/turnos opostos ao da escolarização realizada no sistema público de ensino regular. Faz-se necessário salientar que também não foi objetivo de investigação e análise o papel destas instituições ou escolas especiais no desempenho educacional, cognitivo, comportamental, profissional, artístico ou outro destes alunos.

4.2 - LOCAL

As entrevistas foram realizadas em três escolas estaduais diferentes, estando ambas em municípios diferentes da região central do estado de São Paulo. Essas escolas foram selecionadas por serem as únicas com matrículas de alunos com cegueira congênita no ensino médio.

A opção por utilizar as escolas como espaços para a coleta de dados deu-se pelo fato destas serem espaços/ambientes familiares aos alunos com cegueira congênita participantes do estudo e de fácil acesso aos mesmos. Além disso, inicialmente tinha-se a convicção de que a escola facilitaria também o contato direto com os pais e com os alunos, passando para estes segurança e credibilidade quanto ao estudo a ser realizado.

As escolas tornaram viável este estudo por ofertarem espaços privilegiados para as entrevistas, permitirem observações a partir do convívio coletivo e escolar cotidiano destes alunos, acesso irrestrito ao ambiente escolar em diversos momentos/horários, conhecimento prévio dos alunos e suas histórias de vida, estreitamento da relação entre alunos e pesquisador, aumentando a confiança e vínculo afetivo entre as partes envolvidas.

Todas as escolas atenderam prontamente as solicitações e anseios do pesquisador, principalmente, na figura dos seus respectivos diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários, dignos de reconhecimento e consideração.

4.3 - MATERIAIS E INSTRUMENTOS.

Para a realização das entrevistas utilizou-se uma câmera digital e tripé para câmera digital ou filmadora (alt. 1,39m). Depois de realizadas as filmagens, utilizou-se o programa WavePad Sound Editor 4.46¹⁹ para extrair o áudio das filmagens e tratá-lo, o que possibilitou melhorar a qualidade do áudio das entrevistas realizadas.

Todos os dados foram transcritos e tratados com o auxílio de computador e software para a edição de textos.

5 - ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Inicialmente, este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, em conformidade com a Resolução nº 196, intencionando sua validação ético-acadêmica. Posteriormente, mediante sua validação, deu-se prosseguimento ao estudo realizando o contato com as escolas e os pretendidos participantes.

Além disso, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue aos pais e/ou responsáveis legais e outro aos próprios participantes deste estudo, ao passo que estes foram devidamente assinados, autorizando suas participações e/ou envolvimento no estudo. Salientamos também que os riscos à integridade física e moral dos participantes foram mínimos, tendo transcorrido todas as etapas sem problemas ou maiores empecilhos. Mesmo os participantes tendo obtido a maioridade legal ficou decidido que o TCLE também seria entregue aos pais e/ou responsáveis por dois motivos: o primeiro trata do indeferimento expedido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, alegando que os participantes por serem cegos não poderiam assinar o TCLE; o segundo partiu da compreensão de que já que os participantes ainda se encontravam sob os cuidados, proteção e assistência dos pais e/ou responsáveis, seria uma medida sensata pedir para que assinassem o TCLE.

¹⁹ A opção por colocar o nome do programa utilizado para extrair e “tratar” o áudio das entrevistas deve-se ao fato de que foi razoavelmente difícil encontrar na internet um programa que desempenhasse essas funções com qualidade e que estivesse disponível gratuitamente na internet. Por isso, a intenção em colocar o nome do programa e, ainda, relatar que o download do programa pode ser feito no endereço eletrônico: < <http://www.baixaralone.com/2011/05/baixar-wavepad-446-edicao-de-audio.html> >.

6 – APRESENTANDO E ANALISANDO OS DADOS.

Realizou-se inicialmente um contato por telefone com as Diretorias Regionais de Ensino das regiões de São Carlos e Araraquara com o intuito de viabilizar um mapeamento e seleção dos pretensos alunos com cegueira congênita matriculados no ensino médio da rede pública estadual de ensino destas regiões.

As duas Diretorias de Ensino se dispuseram a colaborar com o pesquisador nesta fase, permitindo que este consultasse os arquivos para identificar quem eram e em quais municípios e Unidades Escolares estavam matriculados esses alunos.

Dada a especificidade e/ou caracterização da deficiência e da faixa etária escolhida, já se sabia que a amostra encontrada seria possivelmente pequena, sendo este um problema, já que a participação e envolvimento destes alunos dependeria de uma série de circunstâncias. Com este trabalho de mapeamento foram selecionados três alunos que estavam matriculados em unidades escolares e municípios diferentes.

Dois dos participantes selecionados estavam matriculados na Diretoria de Ensino da Região de São Carlos, no município de São Carlos e no distrito de Santa Eudóxia. O outro participante estava matriculado na Diretoria de Ensino da Região de Araraquara, no município de Matão.

Posteriormente, fez-se contato por telefone com as unidades escolares e agendou-se uma visita para apresentação do pesquisador, exposição das intenções e objetivos do estudo. A direção de todas as unidades se dispôs a colaborar e logo agendaram um encontro com os pais e os alunos com cegueira.

No encontro com os pais e alunos o pesquisador explicou detalhadamente o estudo e sanou as dúvidas que surgiram naquele momento. Ainda neste encontro o pesquisador entregou uma cópia do Parecer expedido pelo Comitê de Ética em pesquisa em Seres Humanos (sob nº. 231/2011) que garantia que o Projeto havia sido certificado e autorizado pelo comitê responsável. Por fim, mediante concordância com procedimentos e demais disposições apresentadas sobre o estudo, os pais e/ou responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando e formalizando a participação dos respectivos alunos.

Foram realizadas visitas com a finalidade de conhecer o espaço e os participantes na conversa com o espaço físico; contudo, ressalta-se que não houve preocupação com a rotina acadêmica de sala de aula, uma vez que não é intuito deste

estudo verificar assuntos de interlocução com as questões pedagógicas e didáticas referentes aos processos de ensino e aprendizagem escolares.

Para analisar os dados utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), sendo esta um conjunto de técnicas de análise, não se tratando de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto.

A análise de conteúdo categorial consiste em uma sequência de operações pelas quais certas unidades são identificadas e classificadas de modo a permitir a descrição sistemática do conjunto ou produção, essas unidades podem ser divididas em unidades de registro ou de conteúdo (BARDIN, 1977).

7 – RESULTADOS

Para o presente estudo foram criadas cinco categorias, sendo que as quatro primeiras comportam subcategorias que foram definidas a partir das questões utilizadas no roteiro para as entrevistas e levam, assim, o título das respectivas questões. A última categoria foi criada para contemplar assuntos que emergiram no decorrer das entrevistas e que nos poucos referenciais teóricos encontrados pelo pesquisador sobre a cegueira e a formação de conceitos, simbolizações e representações da beleza e do corpo, recebem grande destaque: o tato e a linguagem. As questões que integram esta última categoria foram identificadas e/ou numeradas obedecendo à sequência numérica estabelecida no roteiro pré-definido, dando-lhes continuidade.

Portanto, enfatiza-se que a quinta categoria criada para facilitar a análise dos dados, contém questões que não foram definidas previamente e, portanto, não integravam o roteiro utilizado para as entrevistas. Essas questões surgiram no decorrer das entrevistas e serão expressas da mesma maneira como apareceram durante a comunicação entre o entrevistador e o entrevistado; e, ainda, embora algumas sejam similares, não foram definidas previamente, tornando inviável generalizá-las para as respostas obtidas, já que isto colocaria em risco a sutileza e riqueza dos dados.

A organização das questões dentro de cada uma destas categorias deu-se a partir de aproximações temáticas; e a numeração das questões obedeceu à ordenação e/ou numeração utilizada no roteiro para as entrevistas; isso não significa dizer que essas questões foram feitas a partir da sua sequência numérica, como já salientado anteriormente. Segue -se um quadro esquemático desta categorização:

Quadro 2 - Organização e esquematização das categorias:

CATEGORIAS	QUESTÕES UTILIZADAS
I – Entendimentos sobre a beleza.	Q1 - Você conhece pessoas bonitas? Q2 - Como você sabe que elas são bonitas? Q3 - O que é ser bonito(a)? Q5 - Você se considera uma pessoa bonita? Por quê?
II - Os atributos da beleza.	Q4 – Quais seriam as qualidades (atributos) de uma pessoa bonita? Q6 - Todos(as) podem ser bonitos(as)? Q7 - Como uma pessoa pode se tornar bonita? O que ela precisa fazer?
III - A importância da beleza (ou como diria o poeta: “beleza é fundamental”).	Q8 - Onde podemos encontrar pessoas bonitas? Q9 - Ser bonito(a) é importante? Por quê? Q11 - Qual a importância da beleza para os relacionamentos humanos?
IV - Padrões de beleza (encontro da beleza com o corpo).	Q10 – Como são as pessoas que não são bonitas? Será que isso atrapalha suas vidas de alguma forma? Q12 - Como é para você um corpo ideal/perfeito? Q13 - Existe um padrão ou modelo de beleza dominante na sociedade? Como ele é criado? Q14 - A televisão ajuda a construir esse padrão ou modelo de beleza? De que forma? Q15 - Existem diferenças entre os padrões de beleza femininos e masculinos? Se sim, quais?
V - O toque e a linguagem na representação da beleza.	Q16 – Então a parte que você mais gosta é a mão? Você gostaria de poder tocar nas mãos das pessoas que você conhece? Por exemplo, dessas meninas que você falou que eram bonitas? Q17 – Você costuma perguntar para outras pessoas sobre como uma pessoa é ou não? Q18 - Sente curiosidade em conhecer as pessoas, o corpo delas?

A seguir serão apresentados os resultados das entrevistas e a cada categoria colocada no topo seguem-se as questões a estas relacionadas, bem como as respostas mantidas nas formas como declaradas pelos participantes.

I - Entendimentos sobre a beleza

Q1 - Você conhece pessoas bonitas?

Conheço (...) várias. (Paulo)

Conheço (...) mulheres. Ahh, um monte hein. (Mauro)

Conheço (...) muitas. É, muitas. (José)

Percebe-se, pois, que o conceito de beleza parece ser comum a todos os participantes; contudo, como aponta Sá (1998) se um grupo apresenta um conjunto de opiniões ou informações acerca de um objeto ou fenômeno, não significa dizer que exista ali uma representação social.

Embora, poder-se-ia acreditar que este primeiro questionamento, frente à sua objetividade e clareza, não abarcaria maiores contribuições, identifica-se aqui uma discussão nuclear dentro do estudo, a existência ou não de uma representação de beleza para este grupo. Ainda, para Sá (1998) não haveria sentido tentar estudar a representação de algum objeto por um dado conjunto social se esse fenômeno não existe.

Para Moscovici (2004) as representações sociais tratam de um saber que é comum a uma determinada população/cultura/tempo e convívio social, revelando conceitos e pensamentos acerca de coisas, objetos ou fenômenos que são familiares. Assim sendo, pode-se admitir inicialmente, ao menos minimamente, que as representações acerca do universo da beleza se fazem presentes para este grupo de pessoas com cegueira congênita. Portanto, se como aponta Moscovici (2004), a representação social de um objeto/pessoa/fenômeno permite agir ou pensar sobre algo

sem que isso lhe impute um sentimento de estranhamento, constata-se que no discurso dos participantes essa assertiva estaria presente.

Retomar-se-á esta inquietação acadêmico-científica posteriormente, reservando-se apenas mais uma contribuição deste autor, ao afirmar que “se ao final da pesquisa se chega à conclusão de que não há uma representação, isto não deixa de ser um resultado válido e pode ser objeto de uma discussão crítica conclusiva” (SÁ, 1998, p. 47).

Marwick (2009) ao admitir uma conceituação de beleza mais pontual, assegurando que a mesma traduz as formas e configurações corporais e faciais perfeitas, anatomia e fisionomia que chamem a atenção pela exuberância, precisão, simetrias e proporcionalidades, independentemente de raça e/ou configuração étnica, uma presença física invejável, externa que a quantidade de pessoas bonitas é muito pequena. A partir de seus estudos e pesquisas Marwick (2009) discorre que somente 5% da população masculina e feminina, com idade por volta de 16 e 40 anos, são bonitas, em qualquer país (da América à China, da Índia à Austrália). Ainda, dentro desta lógica poder-se-ia apreender que os “bem-apegoados”, talvez cheguem até cerca de um terço desta mesma população. E aqueles denominados “desfavorecidos”, representariam mais da metade da população restante.

A partir destas exposições, longe de tender a configurações numéricas e percentuais de beleza, é interessante refletir sobre a pertinência e importância daquilo que irá ser conceituado como beleza para que, posteriormente, possamos compreender o impacto que isto causa na realidade social e cotidiana das pessoas. Possivelmente, admitir limites estreitos ou flexíveis para a beleza, identificando a presença massiva ou reduzida de pessoas bonitas na vida social, poderá exercer influências diversas e variadas entre as pessoas e seus pares.

Q2 – Como você sabe que elas são bonitas?

Ah ... acho que pelo jeito de conversar (...) Assim, acho que pelo jeito que elas conversam comigo já deu para perceber que elas são bonitas, pela voz. Ah, acho que pelo jeito de falar, pelo jeito de conversar. (Paulo)

Então, eu sei pela simpatia, pela voz né, pelo cabelo, pelo rosto, pelo jeito da pessoa né, porque tem pessoa que “se acha”. Entendeu? Então, o que faz a pessoa não

é a beleza, é a humildade e coração eu acho (...) pelo jeito que elas me tratam, isso faz com que a pessoa seja bonita. Eu volto a falar de novo que boniteza não tá na beleza. O rosto, o cabelo, até o jeito da pessoa né, o jeito de conversar (...). (Mauro)

É, pela ... é, acho que é pela voz ... pelo, pelo jeito né. É porque elas vêm cheirosas e perfumadas. Dá, é, aqui dá, é, dá pra saber, dá pra você definir quem é bonito aqui, quem é feio. É, dá, porque você tem uma noção né da... da pessoa né, você tem, assim, eu já tenho já gravado em mente a fisionomia da pessoa, então dá pra você ter mais ou menos uma noção. (José)

Tem-se a impressão de que a beleza é adjetivada como uma conduta ou comportamento moral, algo atrelado à personalidade daquele que é o outro, fazendo com que os atributos físicos recebam uma importância em menor grau/intensidade. Na passagem destas argumentações temos um estreitamento com as defesas e ideais de beleza admitidos, por exemplo, na Idade Média, pois naquela época, segundo Olivier (1999), Souza (2004), Rousseau (2000) e outros, ser belo ou bela cobrava a necessidade de que a pessoa apresentasse valores como a pureza, serenidade, bondade, simplicidade e simpatia. Ainda, para Souza (2004) existiria uma pressão psicológica e ideológica diante da exigência de uma beleza não apenas exterior, mas, e, principalmente, estreita às virtudes de um comportamento moral “adequado”. Dessa forma, a beleza ideal não diz respeito somente às formas, mas também às funções psicológicas e ao comportamento moral e ético, como pode-se inferir pela expressão de Mauro: *Então, o que faz a pessoa não é a beleza, é a humildade e coração eu acho.*

Outro destaque fica a cargo das percepções sensoriais auditivas, pois ao se referirem à voz, expressam um apreço/gosto com relação ao som produzido por esta voz. A voz, ao mesmo tempo em que é representada por uma linguagem e seus respectivos códigos linguísticos, produz um som que é captado pelos ouvidos e possuem características próprias como tom/intensidade/ritmo/frequência/gênero e outras, fazendo deste canal uma forma perceptiva para a beleza que se materializa nos corpos dos outros. Assim sendo, ao serem questionados sobre as maneiras utilizadas para identificar uma pessoa bonita, José expressa, por exemplo, que “É, pela ... é, acho que é pela voz”. Paulo também enfatiza a importância da voz na representação da beleza, contudo, parece que em seu discurso, ao destacar a voz, esta estaria associada a um

comportamento adequado/agradável/amigável/gentil apresentado pela pessoa, ou seja, a voz confere beleza desde que esteja associada a um comportamento ou tratamento amigável/gentil. Para tanto, Paulo externa que “(...) *acho que pelo jeito que elas conversam comigo já deu para perceber que elas são bonitas, pela voz. Ah, acho que pelo jeito de falar, pelo jeito de conversar. Assim, acho que pelo jeito que elas conversam comigo já deu para perceber que elas são bonitas, pela voz. Ah, acho que pelo jeito de falar, pelo jeito de conversar*”.

Como destacam Souza (2004) e Ormelezzi (2000) a complexidade de todas as formas e estética oriundas da percepção de uma beleza física passaria por universos sensíveis que não se limitam ao campo visual, envolvendo múltiplos sentidos e sensações, com destaque para a audição. Além disso, ao explicitar que pode identificar facilmente quando as pessoas que se aproximam e “*vem cheirosas e perfumadas*”, José anuncia que a percepção olfativa também auxiliaria na representação de beleza que passaria a ter daquela pessoa.

Aquilo que agrada aos ouvidos, que causa um prazer sensível na apreensão do som e/ou sonoridade, parece estar sendo representado e/ou materializado na pessoa bela, bonita. Para Moscovici (2004) o movimento de transportar aquilo que reside no plano dos pensamentos e ideias para um estado de existência concreta, ou seja, para materialização num plano real, tornando o objeto/pessoa/fenômeno presente, palpável, pertencente ao universo físico, é chamado de mecanismo de objetivação e permite que as pessoas construam suas representações de maneira mais sólida e detalhada. Neste sentido, uma voz amigável, tranquila, apaziguadora, serena, calma e acolhedora, possivelmente, seria representada como a personificação de uma pessoa bonita e/ou bela. Ao pontuar que “*É, dá, porque você tem uma noção né da... da pessoa né, você tem, assim, eu já tenho já gravado em mente a fisionomia da pessoa, então dá pra você ter mais ou menos uma noção*”, José apresenta evidências de que a partir de algumas percepções sensoriais vivenciadas e apreendidas durante as práticas cotidianas e as relações sociais e afetivas estabelecidas, seria possível captar e armazenar informações que ajudariam na elaboração de um esquema mental da fisionomia de uma pessoa bonita.

Numa apreensão filosófica, a beleza neste caso nada mais seria do que uma maneira de fazer reluzir em formas sensíveis às várias percepções, emoções, sentidos e estados que emanam de uma estrutura de linguagem/comunicação descrita pelo som da fala. Parecido com o tipo de beleza que se entrevê no contato de uma sinfonia musical

com o universo perceptivo dos ouvidos, é uma beleza inteligível, captada pelas emoções (BODEI, 2005).

Outro ponto que merece destaque na fala de Mauro diz respeito à menção feita sobre os cabelos “(...) *eu sei pela simpatia, pela voz né, pelo cabelo*”, colocando-os como uma qualidade ou atributo de beleza no momento de definir uma pessoa como bela ou não. Para Queiroz e Otta (2000) os cabelos podem revelar desde a trajetória de vida de determinada pessoa até mesmo a sua condição ou posição no interior de um determinado grupo social, símbolo de poder e beleza, tal como representado em épocas distantes, conforme mencionado anteriormente neste estudo.

Porém, Marwick (2009) entende a beleza humana como aquela que é notada pelo olhar, uma beleza que se reconhece em qualquer lugar, pois causa um impacto naqueles que se deparam com ela. Neste sentido, como ficaria a representação da beleza humana para as pessoas com cegueira? O que despertaria o desejo de possuir ou contemplar a beleza que está no outro? Ainda, ao retomar um dito popular “A beleza está nos olhos de quem a vê”, como poderíamos pensar a representação de beleza para as pessoas com cegueira?

Ao entendermos que as pessoas cegas muitas vezes não terão acesso a todas as informações e detalhes que integram a beleza corporal e/ou física das outras pessoas e que a representação e interpretação das formas a partir do tato e da linguagem (BATISTA, 2005; ORMELEZZI, 2000) são diferentes daqueles produzidas pelo contato visual, admitir a beleza que está no outro dependerá de inúmeros outros fatos além dos aspectos físico-corpóreos descritos por Marwick (2009).

Q3 - O que é ser bonito(a)?

É assim ... é uma pessoa não ser metida, não querer ser mais do que o outro e ter respeito. O comportamento da pessoa, o jeito de se vestir. É, o comportamento né.
(Paulo)

Ser bonito é ser uma pessoa simpática, ser uma pessoa humilde, que não tem preconceito com ninguém, que não tem aquela ... como eu posso falar? “Não se acha” né, não fica “se achando”. A voz, a simpatia, humildade, é isso aí. (Mauro)

Olha, a beleza é, assim, é, a pessoa pode ser assim, como posso dizer? Pode ser assim simpática, é por fora, mas não sabe por dentro né? Por dentro a pessoa pode ser uma pessoa né, assim, né, falsa, que pode estar escondendo só pra, é, por fora ela, ela fala que assim é uma pessoa suave, né tranquila de conversar, mas por dentro pode ser que é, né, ela esconda outras, é, outros, meios de, assim, outra face, outra cara da pessoa. (José)

Evidencia-se, assim, que para os cegos congênitos, talvez, o culto ao corpo, destacado por Berger (2006) como uma prática na qual o corpo é trabalhado, moldado e contemplado a partir de alguns padrões ou modelos de beleza pré-estabelecidos, evidenciando pertencimentos sociais e visões de mundo e estilos de vida de grupos específicos, não seja uma realidade tão concreta. Já que a partir das falas anunciadas para esta questão e em outros relatos durante a entrevista, a “beleza interior” parece exercer maior admiração, reconhecimento e fascínio por parte das pessoas com cegueira participantes deste estudo. A fala de Mauro pode ser tomada como um exemplo desta pronunciada beleza, a qual é reflexo de um bom comportamento moral, valores e condutas éticas/humanas invejáveis, para tanto: *Ser bonito é ser uma pessoa simpática, ser uma pessoa humilde, que não tem preconceito com ninguém, que não tem aquela ... como eu posso falar? “Não se acha” né, não fica “se achando”.*

Embora Marwick (2009) se paute em uma análise a partir das referências e estudos sobre beleza humana realizados com pessoas que gozam de uma eficiência visual e, portanto, são contaminadas por todo o universo de imagens e aparências visuais que integram a materialidade dos corpos sociais e históricos, colabora com a compreensão de que muitas vezes a beleza física, só poderá ser afirmada como “beleza verdadeira” se a pessoa além de bela for bondosa, gentil e amigável.

Talvez, a conexão entre beleza física e comportamentos/atitudes/valores sociais seja ainda mais intensa quando pensada no interior de grupos privados da sensação visual, uma vez que, muitas vezes, a materialidade dos corpos de outrem não pode ser acessada pela exploração tátil ou pela descrição detalhada do corpo por meio do uso da linguagem. Ao relatar que *“Olha, a beleza é, assim, é, a pessoa pode ser assim, como posso dizer? Pode ser assim simpática, é por fora, mas não sabe por dentro né? Por dentro a pessoa pode ser uma pessoa né, assim, né, falsa (...)”*, José, logo evidencia a necessidade de conhecermos o “interior” das pessoas para que possamos atribuir-lhes

beleza; pode-se admitir que, neste caso, a associação da beleza com o universo abstrato é direta, sem rodeios.

De acordo com Eco (2010, p. 8) “neste sentido, aquilo que é belo é igual àquilo que é bom e, de fato, em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o Belo e o Bom.” Isso leva a constatação de que ao criarmos julgamentos com base nas nossas vivências e experiências cotidianas, somos levados a conceituar como bom e, portanto, belo, não somente aquilo que nos agrada, mas também aquilo que por motivos variados acabamos desejando ter/possuir. Porém, algumas vezes acabamos apreendendo como bom algo que tenha relação com um princípio ideal, mas que seja doloroso e que por isso não queremos para nós, a exemplo de uma pessoa que numa ação heroica entrega sua vida para salvar o próximo (ECO, 2010).

Nas falas dos entrevistados essa percepção da beleza como simbolização do bom/bondade parece transparecer e, como apontado por Eco (2010), talvez, indicaria uma inclinação destas pessoas a ter/possuir aquilo que estão conceituando como beleza. Isto poderia ser constatado na fala de Paulo, que ao definir uma pessoa como bela, expõe: *É assim ... é uma pessoa não ser metida, não querer ser mais do que o outro e ter respeito. O comportamento da pessoa (...).*

Q5 - Você se considera uma pessoa bonita? Por quê?

Sim ... Ah, pelo meu comportamento e pelo jeito de se vestir (...) Pelo meu jeito de se vestir. (Paulo)

Olha, não assim me achando, mas eu acho que sou sim (...) Eu acho assim, só pelo fato de eu procurar fazer amizade com os outros, procurar ser amigo de todo mundo, aliás, difícil é agradar todo mundo, mas a gente tenta, fazer o quê? Eu falo de conhecer as pessoas, sabe? Amizade nova assim. (Mauro)

Sim (...) as pessoas que passam na rua lá me cumprimentam: Oh José, tudo bom? Chegam em mim conversam, assim, a minha mãe, meus pais falam, José você é uma pessoa fácil de ter amigo. Você é fácil de fazer amizade com você, todos gostam, tem o prazer de conversar com você (...). Eu acho que a maneira como eu me visto também né, é, né, bonito também assim na fala, na conversa. Eu sou muito educado.

Eu... assim... eu sou um esportista, eu sou atleta né, e, eu acho que isso vai moldando o corpo né, o corpo vai se desenvolvendo mais rápido né. Isso que me faz ser um cara bonito. (José)

A beleza quando admitida para si, fruto de seus próprios atributos e esforços, pode ser identificada no discurso de todos os entrevistados como recorrente em suas práticas e realidade cotidiana, ambos apontaram que eram pessoas bonitas. Contudo, pode-se notar uma aproximação maior entre as falas de Mauro e José, especificamente quando fazem menção ao fato de sempre procurarem ser gentis e buscarem fazer novas (outras) amizades, estabelecer vínculos de afetividade e respeito com as pessoas ao seu redor, tem-se a preocupação de agradar a todos.

Neste sentido, apreende-se que o trecho da fala de Mauro, “*Eu acho assim, só pelo fato de eu procurar fazer amizade com os outros, procurar ser amigo de todo mundo, aliás, difícil é agradar todo mundo, mas a gente tenta, fazer o quê?*” e o trecho da fala de José, “*Chegam em mim conversam, assim, a minha mãe, meus pais falam, José você é uma pessoa fácil de ter amigo. Você é fácil de fazer amizade com você (...)* *Eu sou muito educado.*”, podem ser tomados como possíveis indícios de uma definição ou representação de beleza que se aproxima do comportamento e/ou personalidade e, ainda, remetendo-se a uma autodefinição de beleza.

Isto reforçaria a ideia cunhada anteriormente, ou seja, a percepção de que a representação de beleza para os entrevistados estaria intimamente ligada aos valores morais e não restrita ao universo sensível das formas físicas/corporais, descrevendo, segundo Olivier (1999) um comportamento observável em períodos históricos como a Idade Média e a Grécia Antiga, quando a alma (bondosa, caridosa, amorosa) deveria ser cuidada e entendida como ideal de beleza.

Ainda, de acordo com Bodei (2005) a associação entre o belo e bom surgiu muito antes, com o pensamento de Pitágoras quando se baseou nos números e em suas medidas calculáveis, harmoniosas e simétricas, para explicar que a ordem está em toda a parte do universo e garante a unidade da realidade total. Os números tornam o mundo acessível à razão. Por isso, “o que é bom é simultaneamente belo, pelo fato de ser constituído pela medida correta, pelo equilíbrio do seu conjunto”. (BODEI, 2005, p.34). Ao ser questionado sobre a possibilidade de ser ou não uma pessoa bonita e as justificativas para o seu posicionamento, Paulo explicita que “*Sim ... Ah, pelo meu*

comportamento”, denotando que ser uma “pessoa boa” seria quase a mesma coisa que ser uma “pessoa bonita”.

Para Marwick (2009) os equívocos na conceituação e representação da beleza, aproximando-a de outros sentidos e valores ligados à personalidade e ao comportamento humano e social, não se apresentam apenas no instante em que as pessoas observam e avaliam a beleza do outro, mas, também, quando passam a avaliar sua própria condição de beleza, de maneira que

O ciclo comum do autoengano começa pela percepção sincera, “Eu não sou bonito como apresentador de televisão, a modelo, o artista de cinema”, prossegue com o consolo, “mas tenho qualidades de inteligência e perspicácia, ou charme e simpatia, ou humor e vivacidade, ou...” (complete de acordo com a sua convicção pessoal do que o torna atraente e desejável para os outros)... e conclui, “portanto, na verdade, eu sou bonito” – e, como todo mundo quer (apesar do transcendentalismo) ser considerado fisicamente bonito, as qualidades morais da inteligência e da perspicácia, do charme e da vivacidade ou seja lá o que for transmudam-se, à maneira do alquimista medieval (e com tanto sucesso genuíno quanto), em beleza física (MARWICK, 2009, p. 15).

Isto não significa, no entanto, que as pessoas com cegueira que se entendem como belas, não o sejam verdadeiramente. Acontece que muitas vezes a cobrança social e valorização da beleza nas práticas e objetivações sociais é tão intensa que todos querem ser entendidos/aceitos como belos, forçando um alargamento quase natural dos limites e fronteiras daquilo que entender-se-á como beleza, já que, como exposto por Bodei (2005) e Eco (2010), a beleza desde longos períodos históricos tem sido admitida como tudo aquilo que é bom, verdadeiro e justo. Desta feita, ser feio seria o mesmo que ser chato, ranzinza, malcriado, orgulhoso e falso. José, ao admitir a satisfação que tem quando seus pais comentam aquilo que as pessoas dizem sobre ele, “*todos gostam, tem o prazer de conversar com você*”, demonstra como o fato de ser simpático, bom e amigável com as pessoas poderia justificar a sua condição e/ou estado de beleza.

Nas exposições de José “*assim... eu sou um esportista, eu sou atleta nê*”, tem-se como diferença o fato de que pela primeira vez um dos participantes fez referência a uma beleza corporal, sendo esta, fruto de uma atividade física/esportiva. Neste sentido, Teves (1999, p.42) a partir de seus estudos sobre a representação social que crianças de rua faziam de seus próprios corpos, identificou que nas representações de beleza física ideal predominava a figura do esportista e, portanto, “a imagem do jogador de futebol Bebeto. Este aparece como possuidor de um corpo atlético, admirável”. Ao discorrer

sobre os benefícios advindos da prática esportiva, José enfatiza que: *eu acho que isso vai moldando o corpo né, o corpo vai se desenvolvendo mais rápido né.*

Ainda, segundo Novaes (2008) junto com as cirurgias plásticas, cirurgias bariátricas e implantes, os exercícios físicos integram os principais mecanismos utilizados por homens e mulheres para a modificação, transformação e modelagem dos corpos. Contudo, os exercícios físicos seriam os mais indicados por não recorrerem a procedimentos e intervenções cirúrgicas.

Outro ponto intrigante é a presença do vestuário como uma qualidade ou atributo da beleza na percepção destes alunos com cegueira. Se por um lado eles não fazem praticamente nenhuma referência ou associação entre a beleza e a vestimenta quando descrevem a beleza que está no outro, que é do outro (fato que ocorre quanto ao comportamento e/ou personalidade, característica destacada tanto na descrição da sua beleza do outro quanto na sua própria), quando tomada para si próprios, a beleza passa a ter ligação com as roupas e/ou maneira de se vestir.

Destarte, em alguns trechos das falas de Paulo e José nota-se que as roupas, bem como o modo de se vestir, compreendem uma condição necessária à beleza. Para o primeiro, a justificativa para ser considerado uma pessoa bela dar-se-ia *“pelo jeito de se vestir (...). Pelo meu jeito de se vestir.* Já para o segundo: *“Eu acho que a maneira como eu me visto também né (...).”* Algo perceptível no discurso dos entrevistados e não tão simples de ser constatado apenas a partir da transcrição de suas falas, diz respeito à maneira pontual e incisiva com que expressaram a relevância da roupa na cotidianidade mediante sua necessária proximidade com aquilo que seja avaliado como moda ou tendência. Para Faux et. al. (2000, p. 14) *“em todos os tempos, a moda impôs seu estilo à beleza, e vice-versa”*.

No entanto, admitir-se-á, neste caso, que a moda tem muito mais a ver com um comportamento que seja condizente com a realidade objetiva e momentânea do sujeito, admitindo-a como expressamente transitória e imprevisível (PIRES, 2005), do que com o uso e consumo de roupas de butiques e de *grifes*, alta costura e/ou marcas renomadas. Além disso, a moda permite

solucionar duas grandes questões que atormentam a alma humana. A primeira diz respeito à necessidade que o sujeito tem de se diferenciar dos demais e ser reconhecido por alguma característica particular, pessoal, intransferível. A segunda se refere ao desejo de se sentir inserido em um grupo social, em um contexto de semelhantes. (PIRES, 2005, p. 51).

Portanto, para Nery (2009, p. 272) “até hoje permanecem válidas as regras – criadas pelos antigos gregos – da beleza e função da vestimenta humana”.

II - Entendimentos sobre a beleza.

Q4 - Quais seriam as qualidades (atributos) de uma pessoa bonita?

Morena, loira ... menos aquelas que gostam de “se achar” (...) É, o comportamento né (...) a maneira de se vestir. (Paulo)

Ah ... ela tem que agir de uma forma, tem que ter, tem que saber assim conversar viu, tem que tratar as pessoas iguais, porque ninguém é diferente de ninguém. Eu mesmo (...) não é porque eu tenho essa ... essa deficiência que eu me sinto diferente, não, pelo contrário, eu sou igual a todo mundo. (Mauro)

Ah! Qualidades? Você tem que ser uma pessoa educada pra né, para todos gostarem de você. Pra falar: Ah, que legal, ele é bonito, ele é legal né?! Ele é muito simpático, você conversa com ele, ele te entende, o que você quer falar, ele sabe dos seus problemas, aí você. É, você tem que ser uma pessoa assim, é, é, não pode ser sem educação (...). Olha, eu acho que ela, pra ela se tornar uma pessoa bonita e elegante, assim né, a primeira coisa: ela tem que ter uma educação exemplar, educação nota dez, sabe, não brigar com ninguém, não arrumar encrenca, não fazer rolo, não cometer erros gravíssimos na vida e em segundo: a pessoa, né, assim, algum lugar que ela for frequentar ela tem que ir com uma roupa igual a todos e não, por exemplo, eu vou lá, uma pessoa tá de shortinho e eu vou de calça social e terno e gravata e butina (bota), aí não, aí eu vô tá sendo diferente dos outros. A pessoa tem que ser igual a todas, igual a outra. (José)

Identifica-se, novamente, a presença de qualidades (atributos) ligadas ao comportamento social/afetivo/moral, a personalidade e ao vestuário utilizado. A presença de uma descrição da cor de pele na fala emitida por Paulo, embora

significativa, parece ter sua importância diminuída já que a prerrogativa maior é dada ao comportamento e/ou personalidade daquela pessoa, que poderia ser tanto loira quanto morena. Nada comparado ao detalhamento feito por José sobre a postura/comportamento e o uso das roupas para aqueles que querem ser admitidos como bonitos; pela exposição de José, fica claro que ter educação e se vestir bem são condições ímpares para que a pessoa possa ser considerada bonita, ou seja, alguém que merece ser reconhecido por sua beleza, com destaque para este trecho da sua fala: *a primeira coisa: ela tem que ter uma educação exemplar, educação nota dez, sabe, não brigar com ninguém, não arrumar encrenca, não fazer rolo, não cometer erros gravíssimos na vida e em segundo: a pessoa, né, assim, algum lugar que ela for frequentar ela tem que ir com uma roupa igual a todos e não, por exemplo, eu vou lá, uma pessoa tá de shortinho e eu vou de calça social e terno e gravata e butina (bota), aí não, aí eu vô tá sendo diferente dos outros.*

A partir de alguns estudos, Lopes e Casotti (2008) constataram que a beleza pode ter relação com a aparência física e, portanto, promover sentimentos de atração e admiração por parte do outro, mas não se resume a isto, pois a beleza também cobraria qualidades ditas internas, como valores, hábitos, personalidade e comportamentos, configurando aquilo que poder-se-ia chamar de “a alma da beleza”. Já para autores como Novaes e Vilhena (2003), Vigarello (2006), Marwick (2009) e outros, a beleza nada tem a ver com preceitos morais e éticos individuais. Ao externar que “*tem que tratar as pessoas iguais, porque ninguém é diferente de ninguém*”, Mauro anuncia a importância desta beleza, a qual deve ser sentida, percebida e compreendida a partir das atitudes e condutas sensíveis e humanas, principalmente, no que tangencia as relações interpessoais na cotidianidade.

Além disso, têm-se a partir das exposições de Mauro a necessidade e a cobrança para que as pessoas respeitem as diferenças de cada um, inclusive aquelas marcadas pelas deficiências. Segundo Omote (1999, p.5), tratam-se daquelas “diferenças que chamam a especial atenção das pessoas porque são percebidas como desvantajosas e são atribuídas significações especialmente negativas, levando o seu portador ao descrédito social”.

Não é possível identificar por meio destas questões se Mauro ou os outros participantes entendem a deficiência, particularmente, as suas próprias, como uma condição de não beleza; porém, como nos questionamentos e momentos outros das entrevistas todos assumiram ser bonitos, subentende-se que essa realidade não se aplica

para o grupo pesquisado. Contudo, ao argumentar que “*Eu mesmo (...) não é porque eu tenho essa ... essa deficiência que eu me sinto diferente, não, pelo contrário, eu sou igual a todo mundo*”, Mauro dá pistas de que embora a sociedade possa, ao menos hipoteticamente, atribuir uma carga depreciativa e/ou negativa para as deficiências, isso não faria com que ele se sentisse pomenorizado.

Assim sendo, não significa dizer que na contemporaneidade a condição de deficiência ainda não receba uma conotação pejorativa ou adjetivação ligada à feiura, assim como destacado por Queiroz e Otta (2000) e Marwick (2009) ao expressarem que a beleza humana pressupõe integridade física e as deficiências configurariam uma oposição desta estética do belo.

Uma aproximação maior dos cegos congênitos deste universo das imagens, do materializado e concretizado nas formas e contornos corporais idealizados e reificados pelo culto ao corpo e disseminados/naturalizados pelos veículos midiáticos, talvez (ao menos hipoteticamente) tornasse este cenário diferente. Pois a ausência de referenciais físicos e corporais no tocante às qualidades e/ou atributos da beleza é evidente, como destacado na fala de José: *Ah! Qualidades? Você tem que ser uma pessoa educada pra né, para todos gostarem de você. Pra falar: Ah que legal, ele é bonito, ele é legal né?!* Ao se depararem com belezas corporais invejáveis, tocando-as, explorando-as a partir do mapeamento tátil e as comparassem com a estética e as formas que emergem de suas próprias configurações corporais, talvez pudessem modificar as representações e/ou compreensões de si próprios. Contudo, o fato de suas deficiências serem restritas ao universo dos sentidos e não encerradas no corpo, não os enquadram na condição de deficiência e “não beleza” supracitada.

Contudo, deve-se ressaltar que durante os contatos iniciais realizados com os participantes e, posteriormente, durante algumas observações feitas no espaço/tempo escolar, particularmente, com relação aos períodos de intervalo para o lanche, aulas de Educação Física e Informática, foi possível perceber que tanto Paulo quanto Mauro, não utilizavam suas bengalas. Depois de concluída a fase das entrevistas, tive a oportunidade de perguntar para ambos “o porquê” de não utilizarem suas bengalas na escola e, então, responderam que não se sentiam à vontade para utilizá-las, tinham um pouco de receio de andar com a bengala pela escola. Mas não ficou muito claro se a preocupação deles era com relação à estética ou referente a uma condição de incapacidade, dificuldade ou limitação que possivelmente pudesse ser atribuída a partir do uso da bengala.

Correia (2007) descreve que a bengala pode ser entendida como um elemento central nas práticas cotidianas das pessoas com cegueira, exercendo influência direta nas formas de sociabilidade que estabelecem e, por isso, às vezes, podem ser deixadas de lado e/ou abandonadas em algumas situações ou momentos da vida, porque frequentemente são apreendidas como uma demonstração pública de sofrimento e dificuldade imputada pela perda da visão. Esta seria uma percepção apresentada pela pessoa com cegueira, particularmente, aquelas que adquirem a cegueira e podem não refletir, necessariamente, o ponto de vista de uma pessoa ou sociedade com a qual a pessoa com cegueira se relaciona. No caso dos participantes deste estudo, o uso da bengala era pouco frequente, já que estes preferiam se deslocar com o auxílio de outros colegas, no entanto, não foi possível saber se o abandono da bengala era devido a uma questão de estética, aparência ou sociabilidade; porém, na única argumentação feita pelos participantes sobre a sua deficiência visual, Mauro destaca que “*eu sou igual a todo mundo*”.

Q6 - Todos(as) podem ser bonitos(as)?

É só querer. (Paulo)

Pode. Todo mundo pode ser. (Mauro)

É só a pessoa ter força de vontade. (José)

Percebe-se que os entrevistados são unânimes em admitir que a beleza pode ser alcançada por qualquer pessoa, basta ter convicção e força de vontade. Essa também é a argumentação daqueles que advogam em favor do culto ao corpo e da beleza na contemporaneidade, ressaltando que esta estaria à disposição de todas as pessoas, sem diferenças, discrepâncias ou desigualdades de acesso. O que não coaduna com a realidade social e econômica vigente, já que embora as tecnologias, recursos e produtos tenham se diversificado e sofisticado numa velocidade absurda, o poder de consumo das pessoas não tem crescido na mesma razão, a exemplo das cirurgias plásticas e implantes

de silicone que estão cada vez mais à disposição do público, o que não significa dizer que todos tem capital financeiro para poder custeá-las.

Para Vigarello (2006) na atualidade, assim como em outros períodos históricos, a beleza apresenta-se como um projeto individual, trata-se de uma conquista pessoal/particular que imputa mérito e reconhecimento àqueles que conseguem atingir as condições/qualidades de beleza validadas e reconhecidas pela cotidianidade. Por outro lado, aqueles que não ascendem ao universo do belo, da beleza física idealizada, são colocados sobre julgamento, cobrança e demérito. Você é responsável pela sua beleza, pela sua aparência, portanto, será sentenciado frente a tua condição estética. Nas palavras de Goldenberg (2008, p. 146) “os problemas com a má aparência (...) São concebidos como uma transgressão moral, traduzindo um modo inadequado de relacionamento com o corpo”.

Lipovetsky (2000) externa que estamos vivendo tempos de uma democratização no acesso aos bens e serviços estreitos ao universo do belo, a beleza torna-se possível a todos(as), homens e mulheres. As fronteiras que antes eram muito bem definidas separando aqueles (ricos) que poderiam ser belos e os que não poderiam (pobres) diminuíram substancialmente, no entanto, não foram suprimidas. “Cria-se, com isso, uma massa de excluídos – aqueles que não dispõem tempo e/ou dinheiro para cuidados de si” (NOVAES, 2008, p. 154), não importando os motivos que os levam às suas escolhas e/ou opções.

Para Marwick (2009) a beleza seria algo natural, não dependeria de cosméticos, maquiagem ou roupas, estes artifícios serviriam para disfarçar e/ou ocultar a aparente feiura daqueles que não tiveram o privilégio de nascer belos. Neste sentido, o referido autor diverge das ideias e defesas de alguns autores (CHAHINE et. al., 2000; NOVAES e VILHENA, 2003; VIGARELLO, 2006; SOUZA, 2004; CASOTTI et. al., 2008, entre outros) que entendem que a beleza poderia ser obtida tanto pela aquisição e utilização de produtos, serviços e técnicas, quanto por práticas de modificação e transformação corporal, a exemplo das cirurgias plásticas e implantes cirúrgicos.

Casotti et al. (2008) expressam que a beleza natural seria aquela “dada por Deus”, intocável, a qual não apresenta sinais de intervenção humana para alcançá-la ou preservá-la, genuína. Neste sentido, seria natural uma beleza forjada a partir das idas e vindas à academia de ginástica, esculpida pelas cirurgias plásticas ou encoberta por uma infinidade de produtos de embelezamento corporal e facial? Seria natural moldar o corpo que teima em fugir do arquétipo de beleza idealizado?

Na atualidade, segundo Casotti et al. (2008) o mais importante para homens e mulheres passou a ser a compreensão de que todos os esforços para se alcançar a beleza desejada devem ser ocultados. As cirurgias plásticas para serem bem sucedidas não podem ser notadas. Os cabelos quando bem cuidados não podem dar pistas quanto ao possível uso de tinturas, alisamentos ou outros procedimentos. A pele, principalmente para as mais jovens, deve receber apenas o bronzamento solar. Até mesmo o batom e outros produtos de maquiagem devem ser utilizados de maneira que pareça que nem sequer foram usados. Assim, o melhor é esconder o esforço para que a beleza pareça “original”.

A intenção não é levar essa problematização para o campo científico estreito a Filosofia, Antropologia ou Sociologia, mas, e, somente, destacar uma situação corriqueira manifestada a partir das realizações e práticas sociais/cotidianas em torno do fenômeno da beleza corporal ou do belo corpo, onde mulheres e homens que recorrem a algumas modificações ou transformações corporais podem ser apreendidos pelo imaginário coletivo de maneira violenta, jocosa ou ignóbil, a exemplo daqueles que fazem cirurgias plásticas e são, frequentemente, estigmatizadas como “plastificados” ou “cara de plástica” (NOVAES, 2000).

Todavia, como afirmam Queiroz e Otta (2000, p. 38)

É impossível, então, ignorar as dificuldades em estabelecer uma rígida e clara separação entre o que se deve à natureza e aquilo que seria próprio à cultura no tocante ao corpo, já que nele esses dois domínios aparecem de tal forma amalgamados que suas dimensões instrumentais, técnicas, raramente se manifestam isoladamente de aspectos expressivos ou simbólicos, assim como os comportamentos inatos trazem sempre a marca do aprendido.

De tal maneira, pode-se assumir como desmedido e equivocado o esforço de tentar dissociar ou estabelecer “uma linha entre o que é natural, universal e constante nos seres humanos, e o que é convencional, local e variável.” (QUEIROZ e OTTA, 2000, p. 38). Todavia, é urgente compreender que na contemporaneidade “é preciso construir a beleza no fio da navalha, num trabalho em que os excessos podem ter efeito contrário ao desejado: no lugar da sedução natural, pode-se encontrar a rejeição ao fabricado.” (CASOTTI et al., 2008, p. 21).

Segundo Casotti et al. (2008, p.19) “os recursos e técnicas acessíveis não apenas às elites, mas também às classes mais baixas, a beleza deixou de ser uma questão de

destino ou hereditariedade para se tornar uma escolha ou um luxo ao alcance de quase todos.”

Contudo, como a representação de beleza para os entrevistados tem ligação estreita com os bons valores e preceitos morais, talvez, e, apenas talvez, a facilidade para ascender ao mundo da beleza deve-se à compreensão de que os esforços pessoais para melhorar o caráter, a índole ou coisa que parecida, pode ser assegurado por todas as pessoas, desde que tenha perseverança e força de vontade para modificar/alterar suas atitudes, suas relações sociais, afetivas e familiares, suas crenças e valores.

Q7 - Como uma pessoa pode se tornar bonita? O que ela precisa fazer?

Mas é difícil né? (...) Porque nem todos têm uma boa educação (...) Depende de como a pessoa foi criada. (Paulo)

Precisa, precisa assim... ser humilde, precisa ser simpático, precisa ser prestativo, isso daí. (Mauro)

A pessoa tem que ter um corpo não muito cuidado, tem que ser 100% bem, a pessoa tem ser muito cuidada, tem que se cuidar mesmo, tem que se cuidar muito (...) Não, não vai conseguir chegar, porque é difícil pra pessoa. Porque a pessoa não vai ter aquele, aquela condição que uma pessoa de classe alta, vamos dizer um rico, um rico né, ela não vai ter a condição que um rico tem, que ele pode ter. Andar de Mercedes né, de limusine, aquela coisa, não, a pessoa vai andar assim do jeito que ela pode. (José)

Pode-se entender a partir deste ponto que a pronunciada possibilidade ou facilidade em ser belo(a) estaria centrada nas qualidades ou elementos já destacados anteriormente, nas falas dos entrevistados, a exemplo dos valores morais, humanos, éticos e afetivos. A exceção mais uma vez ficou a cargo da exposição feita por José ao denotar a relevância da condição socioeconômica para ascender a um corpo bem cuidado e outros bens de consumo.

Torna-se urgente a compreensão da beleza não só como produto de um esforço individual, mas “que remete aos lugares que as pessoas ocuparam e ocupam na

sociedade por diferenciarem-se em situações socioeconômicas, entre outras, e que nesse contexto retorna sobre a forma de se obter uma beleza a qualquer preço.” (SOUZA, 2004, p. 140). Então, ao expressar que “*Não, não vai conseguir chegar, porque é difícil pra pessoa. Porque a pessoa não vai ter aquele, aquela condição que uma pessoa de classe alta, vamos dizer um rico, um rico né(...)*”, José alega a dificuldade encontrada por pessoas de classes socioeconômicas inferiores quando tentam trilhar os caminhos na busca pela beleza.

Ainda, a esse respeito Brasília (2007, p. 41) adverte que

As mulheres de classe média e alta consomem os instrumentos de modelagem do corpo que lhe “garantem” alcançar o corpo ideal de forma mais eficaz e imediata; já para as mulheres da classe pobre, como não têm recursos para este consumo, restam apenas alguns produtos cosméticos acessíveis para seu poder aquisitivo, marcando no corpo a diferença social.

Desta feita, pode-se constatar que homens e mulheres pertencentes às classes populares recorrem a uma infinidade de produtos, serviços e técnicas que

(...) reproduzem criativamente, através de inúmeras práticas corporais, os hábitos das classes dominantes na busca pelo corpo ideal, representados na frequência a academias de ginástica presentes em algumas comunidades/bairros carentes; no consumo de alguns produtos que visam ao emagrecimento e ao aperfeiçoamento corporal; e, até mesmo, na inscrição na fila de hospitais públicos, objetivando a realização de cirurgias estéticas. (NOVAES, 2008, p. 168)

As poucas informações pronunciadas nesta questão por parte dos entrevistados pode significar o desconhecimento sobre o emaranhado de técnicas/serviços/produtos/cirurgias/tratamentos que alimentam o mercado da beleza ou mercado do corpo, possibilitando modificações e alterações corporais na busca pela fabricação de corpos belos ou belos corpos, destacando e marcando uma condição economia privilegiada e um status social, diante da qual a maioria das pessoas “(*... não vai ter a condição que um rico tem, que ele pode ter*)”, como argumentado por José.

Além disso, Lopes e Casotti (2008) ao desenvolverem um estudo analisando os conceitos de beleza para mulheres que passavam pela primeira gestação, questionaram essas mulheres sobre o que poderia ser feito para ficarem bonitas e, em suas respostas, coexistem os aspectos ligados ao comportamento (sentimento, emoção e realizações) e os aspectos ligados à estética (atividades físicas, higiene, uso de produtos e serviços

destinados à beleza). Desta maneira, pode-se perceber uma aproximação entre as falas destes participantes com aquelas captadas durante as entrevistas do presente estudo.

III - A importância da beleza (ou como diria o poeta: “beleza é fundamental”).

Q8 - Onde podemos encontrar pessoas bonitas?

Ah ... na escola, em todos os lugares que frequentamos. (Paulo)

Ah... um exemplo, em bailes que eu vou bastante (...) Vou, não só aqui como com em São Carlos também, no Banana Brasil (...) Inclusive, as meninas que trabalham lá são bonitas. (Mauro).

Olha, em qualquer lugar. Você pode encontrá-las em escola, em shopping, em cinema, praça, em banco, geralmente, em banco, assim na fila de banco. (...) “balada”, é em “balada” que você vai encontrar, pode ter certeza disso, você vai encontrar muita gente bonita que vai, que você vai pegar amizade com as pessoas, pegar... você vai pegar intimidade com as pessoas. (José)

Todos os entrevistados identificaram que a beleza, ou melhor, pessoas bonitas, podem ser encontradas em inúmeros lugares, principalmente, naqueles onde as pessoas se reúnem para dançar, conversar ou paquerar, com as chamadas “Baladas” e/ou “Casas Noturnas”. Isto pode se justificar pelo fato de que nestes espaços sociais as pessoas geralmente utilizam suas melhores roupas, acessórios, calçados, capricham nos penteados, estão perfumadas e maquiadas (no caso das mulheres).

Pode-se notar também que o mesmo participante (Paulo) que não mencionou os espaços (noturnos) sociais como possíveis lugares onde poderiam ser encontradas pessoas bonitas, mostrou-se pensativo e incerto durante as perguntas nas quais fazia-se necessário mencionar espaços de convívio grupal, restringindo-se apenas a expressar que pessoas bonitas poderiam ser encontradas “*na escola, em todos os lugares que frequentamos*”, denotando que essa limitação possivelmente derivaria de uma vida regida por poucos acessos a ambientes/espços coletivos (sejam estes públicos ou

privados). Como não externou por meio da entrevista se frequentava ou não ambientes/lugares como “Baladas” ou “Casas Noturnas”, esta afirmação foi delineada pelo pesquisador apenas hipoteticamente.

O destaque fica por parte de Mauro que diz frequentar com certa regularidade espaços de sociabilidade, entretenimento e lazer na cidade de São Carlos, mencionado inclusive uma “Casa Noturna” muito frequentada e requisitada nos passeios noturnos empreendidos pelos jovens desta cidade. Assim sendo, afirmou que “*em bailes que eu vou bastante (...) Vou, não só aqui como com em São Carlos também, no Banana Brasil.*”

Ao pronunciar que na busca por pessoas bonitas “*Você pode encontrá-las em escola, em shopping, em cinema, praça, em banco, geralmente, em banco, assim na fila de banco.*”, José evidencia uma rotina possivelmente permeada por acessos a diversos locais de socialização, lazer, entretenimento, trabalho e relacionamentos interpessoais.

Q9 - Ser bonito(a) é importante? Por quê?

Porque as pessoas elas gostam mais né. (Paulo)

Um... e agora? Não muito, o mais importante é aquilo que te falei, humildade e tal... A Beleza é importante, mas não tanto quanto o jeito da pessoa ser. (Mauro)

Eu me preocupo porque é né pra sociedade não falar mal né, a sociedade não falar: ‘Aí olha nossa aquele cara olha o corpo dele como tá feio tal’. Eu não. Eu procuro fazer o meu melhor né pras, pras pessoas né, assim, me ver bem, sabe? Me verem né, terem respeito pra mim e eu ser respeitado. Então, a pessoa, eu tento fazer o meu melhor, não pra me mostrar, pra mim ser respeitado nos lugares (...) É importante, é muito importante. (José)

Todas as pessoas com cegueira congênita demonstraram - independentemente da representação de beleza imputada no discurso e fixada no imaginário simbólico - segurança e convicção ao afirmarem que a beleza é importante na e para a vida social.

Parece haver uma mistura de representações, sentidos e significados na fala de um dos entrevistados (Mauro), pois, anteriormente, durante outros questionamentos referiu-se à pessoa bonita como sendo aquela que era simpática e humilde, ou seja, a beleza como sinônimo de simpatia/humildade/cortesia/gentileza; assim sendo, ao destacar nesta questão que a beleza não é tão importante, ao passo que “*o mais importante é aquilo que te falei, humildade e tal*”, ou seja, o jeito (personalidade) da pessoa ser, ele parece admitir que a beleza pudesse, seguramente, ser outras coisas ou agregar outras qualidades e atributos, não se resumindo apenas a uma conduta moral ou comportamento social adequado.

O mesmo não ocorreu com José, já que este apresentou uma compreensão acerca da necessidade de manter um corpo bem condicionado, com aparência estética adequada, aquele tipo de corpo que será olhado, julgado e sentenciado pelo outro, devendo estar sempre alinhado, modelado e/ou cuidado. Convém lembrar que nas falas anteriores este aluno apresentou referências de corpo como sendo um espaço privilegiado para a compreensão da beleza, destacando sua preocupação com seu próprio corpo e mencionando que era atleta e, portanto, tinha um corpo atlético.

Neste sentido, para Novaes e Vilhena (2003) manter um corpo bem treinado, condicionado e belo significaria estar preparado para os julgamentos e expectativas sociais que irão surgir no decorrer das vivências e experiências sociais e culturais, mediadas pelas relações e trocas estabelecidas com seus pares. Os cuidados com a beleza e a estética corporal vinculam-se com a visibilidade e reconhecimento social e corroboram para a construção das identidades individuais e coletivas.

Segundo Casotti et. al., a beleza apresenta-se como um valioso mecanismo de ascensão e reconhecimento social. O corpo belo seria um tipo de capital precioso, aquele que o detém já pode ser considerado um indivíduo prestigiado, reconhecido e possuidor de um status, o que poderá auxiliar na concorrência por um emprego, relacionamento, cargo ou julgamento moral. Portanto, ao falar sobre a importância da beleza e/ou a importância de ser belo, Paulo expõe: *Porque as pessoas elas gostam mais né*. Ainda, na trilha deste pensamento, tem-se na fala de José a confirmação da beleza enquanto veículo de reconhecimento/prestígio social e julgamento moral: *Eu me preocupo porque é né pra sociedade não falar mal né, a sociedade não falar: ‘Aí olha nossa aquele cara olha o corpo dele como tá feio tal’. Eu não. Eu procuro fazer o meu melhor né pras, pras pessoas né, assim, me ver bem, sabe?*

Q11 - Qual a importância da beleza para os relacionamentos humanos?

É... melhora a convivência. (Paulo)

O que importa é aquilo que te falei, simpatia e tal... (Mauro)

A beleza é importante em qualquer coisa que a pessoa faça, ela tem que ter primeiro o corpo muito bem cuidado. (José)

Pode-se fazer um esforço intencional para tentar agrupar as duas primeiras falas numa percepção de que a relevância maior para os relacionamentos humanos/afetivos estaria ligada às atitudes empreendida pelos pares, e, novamente, os elementos que tratam da personalidade das pessoas.

Por outro lado, a última fala encontra ressonância em estudos como o de Novaes (2001), Novaes e Vilhena (2003), Berger (2006; s/d) e outros que trataram de apontar a importância que se atribui à beleza corporal nos relacionamentos sociais e afetivos que se estabelecem rotineiramente, sejam estes entre pais e filhos, namorados, amigos, familiares, colegas de trabalho ou no contato cotidiano com pessoas desconhecidas.

Ao refletir sobre a carga positiva ou negativa que pode ser impressa a uma pessoa a partir da sua aparência estética e corpórea, admitir-se-á que a maneira como a pessoa é representada, neste caso, como feia ou bela, condiciona a maneira como esta irá se posicionar no processo interativo, sem que os envolvidos se deem conta disto. A aparência, cabelos, pele, boca, corpo, roupas, seios e outras configurações da beleza humana, desempenham papel preponderante no modo como as pessoas vão se comportar social e afetivamente, reconhecendo ou desprezando o outro, valorizando ou marginalizando os indivíduos de acordo com seus traços fenotípicos, aproximando-se ou afastando-se (QUEIROZ e OTTA, 2000). Como externado por Mauro, a beleza, ou melhor, a apreensão e/ou percepção desta beleza nos relacionamentos “*melhora a convivência*”.

O tratamento despendido, a voz, o comportamento e as atitudes empreendidas pelas pessoas que fazem parte do convívio grupal destes alunos com cegueira congênita são decisivos para a formulação das representações de beleza que estes fazem de seus

pares. Como apontam Jodelet (2001) e Moscovici (2004) as representações sociais estão sempre em movimento, influenciando práticas sociais e sendo ao mesmo tempo influenciadas por estas práticas (movimento dialético), possibilitando entender que cada sujeito social é produto de suas próprias experiências ao tempo em que modifica sua realidade social. Portanto, ao apresentarem posicionamentos diferentes do seu grupo social de origem, não significa que suas representações sejam de fato divergentes das do referido grupo, uma vez que ambas se complementam e se relacionam dialeticamente.

IV - Padrões de beleza (encontro da beleza com o corpo).

Q10 - Como são as pessoas que não são bonitas? Será que isso atrapalha suas vidas de alguma forma?

Uma pessoa metida, mal vestida, sem educação, que gosta de “tirar os outros” (...). Atrapalha, porque elas vão sendo excluídas da sociedade, elas não tem muitos, vários amigos e isso vai prejudicando. (Paulo)

Metida, arrogante, que “se acha”, sabe? Quer ser melhor do que o outro, sendo que a gente não é nada nesse mundo, mas tem gente que se acha (...) Vixe, atrapalha... não é feliz não (...) Porque não tem muita amizade. Pessoa que “se acha” é difícil a pessoa que quer amizade. (Mauro)

Olha, Por exemplo, não bonita é uma pessoa que deixa a barba crescer até mais ou menos aqui no pescoço, a barba vem até aqui. Por exemplo, homens, homens muito peludos, apesar de que se o cara gosta tudo bem, mas assim o cara tem que se cuidar, né, o cara, a pessoa não pode ser relaxada, né, aqueles dentes amarelados, é a pessoa não pode assim, a pessoa não pode ser assim folgadona (...) A pessoa tem que ser uma pessoa completamente cuidada e assim, unha cortada, por exemplo, a minha esta com base, olha... a minha mãe que passou base pra mim. (José)

Ah sim, sim. Claro que sim, porque a pessoa sendo feia ela vai ter, ela vai ter muito preconceito, o jeito dela andar, assim tudo bem, a roupa que ela veste, né, em todos os lugares que ela, que essa pessoa frequentar ela vai ser um pouco desprezada

né? Ela vai ser jogada num canto, ali e vai ficar ali, ela não vai se enturmar tão fácil, vai ser difícil né, dela fazer amizade, com as pessoas né, assim, a família vai apoiar, mas eu digo assim, fora da casa dela, em sociedade vai ser difícil dela se relacionar é, com outras pessoas. (José)

Se em muitos momentos das entrevistas a beleza encontrou repouso nas qualidades conectadas aos valores, comportamentos e atitudes ligadas à personalidade deles próprios e de outrem; evidentemente, com a condição de “não beleza” não seria diferente, levando-os a assumirem que pessoas feias seriam sinônimos de pessoas metidas/arrogantes/esnobes. Acrescido a isto, constata-se que algumas falas também fazem referência às indumentárias utilizadas pelas pessoas não belas, como a de Paulo, quando externa que uma pessoa feia seria aquela “*mal vestida*”. Segundo José, a beleza de uma pessoa também teria relação com “*a roupa que ela veste*”; retomando-se uma associação feita em momentos anteriores da pesquisa onde a beleza estava ligada às vestes utilizadas. Queiroz e Otta (2000) asseguram assim que o valor e importância atribuída à vestimenta segundo sua função de proteção e conforto, não é maior do que aquela conferida mediante seu valor estético e expressivo.

Isto posto, existe um acordo (não firmado intencionalmente) entre os alunos de que as consequências inevitáveis para esta condição de “não beleza” seria a dificuldade em se relacionar e manter vínculos socioafetivos e amizades, corroborando para a sua exclusão e/ou isolamento social. De acordo com Adams (1977) a sociedade discrimina as pessoas feias, delegando-lhes conotações negativas e que exercem influência decisiva na sua dinâmica social. Portanto, como destaca Paulo, “*Uma pessoa metida, mal vestida, sem educação, que gosta de ‘tirar os outros’*”, pode ser entendida como uma pessoa feia e, desta maneira, “*elas vão sendo excluídas da sociedade, elas não tem muitos, vários amigos e isso vai prejudicando.*”

Apenas um dos entrevistados (José) referiu-se a algumas características físicas ou referenciais estético-corporais que fariam com que algumas pessoas fossem entendidas como feias; porém, estas estariam centradas mais no campo da higiene e da saúde; entendendo-se, assim, que “*não bonita é uma pessoa que deixa a barba crescer até mais ou menos aqui no pescoço, a barba vem até aqui. Por exemplo, homens, homens muito peludos (...) o cara tem q se cuidar, né, o cara, a pessoa não pode ser relaxada, né, aqueles dentes amarelados, é a pessoa não pode assim, a pessoa não pode*

ser assim folgado (..) A pessoa tem que ser uma pessoa completamente cuidada e assim, unha cortada”. Diferenciando-se daquelas características que habitam o imaginário coletivo atual que confere o lugar da feiura para elementos como gordura corporal, deficiências físicas, estatura, raça/etnia e aspectos físico-corporais variados. Para Rousso (2000) desde o Egito antigo as práticas e hábitos ligados à higiene corporal têm sido apreendidos como sinônimos de beleza.

Q12 - Como é para você um corpo ideal/perfeito?

Ai, ah... não muito gordo. Pessoa assim, nem muito gorda, nem muito magra, mais ou menos. (Paulo)

*Então, fica meio difícil, porque eu sou assim... eu, não importa se a pessoa é baixinha, se é meio gordinha, se é cheinha, se é gordinha, se é magra, se é alta (...)
Particularmente, eu prefiro mais a cheinha viu. (Mauro)*

Bom, corpo ideal seria que nem uma pessoa né, magra, mas não magra magra, mas um corpo médio, magra, tem que ser alta né, sarada, tem que ser uma pessoa musculosa, aqueles músculos assim sabe de atleta, assim nesse estilo, porque ai sim é que eles vão falar, que eles vão reparar né, eles vão olhar a sua aparência e vão perceber né a pessoa bonita, bonita tal, ela se cuida pra se tornar uma pessoa muito bonita né, e, um corpo muito bonito. (José)

As palavras “magra” e “gorda” visitaram a fala de todos os entrevistados; porém, a representação de corpo ideal para os alunos com cegueira congênita apresentaram algumas aproximações e distanciamentos. Paulo ao admitir que o modelo de corpo ideal seria do tipo “*nem muito gorda, nem muito magra*” quando comparado ao apresentado por José como sendo “*um corpo médio, magra, tem que ser alta né, sarada, tem que ser uma pessoa musculosa*”, apreende-se que ambos se aproximam das representações de corpos ideais propalados na contemporaneidade e pelo senso comum, as quais segundo Moscovici (2004) servem de estrutura ou núcleo fundante a partir da/do qual se estabelecem as representações sociais.

Pereira (2008), ao discorrer sobre os dados de uma pesquisa cujo objetivo era apreender a importância do corpo como agente que favorece a atração física, identificou que o padrão de beleza corporal almejado pelas mulheres seria, na maioria dos casos, aquele instaurado pelo sucesso da magreza e das esguias *top models*, tornando-se uma obsessão entre esse público. Os homens, ao contrário, quando descrevem como seria a arquitetura de um corpo feminino ideal, expressam sua preferência pelos modelos corporais com excessos e volumes, um corpo nem magro nem gordo. Isto posto, pode-se supor que para ambos os participantes deste estudo, a representação do corpo ideal também se aproximaria desta anunciada por Pereira (2008) na qual os homens relatam sua preferência com relação aos modelos corporais “médios” das mulheres. Isto também pode ser apreendido na fala de José, ao afirmar que um “*corpo ideal seria que nem uma pessoa né, magra, mas não magra magra, mas um corpo médio*”.

De acordo com Souza (2004), Berger (2006) e Novaes e Vilhena (2003) esse modelo de corpo idealizado e naturalizado nas e pelas relações e práticas sociais caminham entre o corpo magro (para as mulheres) e o corpo “sarado” ou musculoso (para os homens), ambos jovens, marginalizando e excluindo aquelas pessoas cujos arquétipos representam um distanciamento destas qualidades e/ou atributos.

Ao pronunciar a frase “*Particularmente, eu prefiro mais a cheinha viu*”, Mauro evidencia sua preferência por corpos ou pessoas (neste caso se referia às mulheres) “gordinhas” e “cheinhas”, secundarizando formas físico-corpóreas como estatura e magreza, não significa necessariamente um desconhecimento dos modelos ou padrões corporais hegemônicos marcados fortemente pela estrutura muscular definida e pela magreza. Mauro, ao relatar que sua preferência estética corporal compreenderia aquela representada por uma mulher “gordinha” e/ou “cheinha”, denota um contraponto do posicionamento deste participante com relação ao que argumentam autores como Novaes (2005, 2008), Novaes e Vilhena (2003), Vigarello (2006), Stuart e Jacobson (1990), Pinheiro (2003) e outros, já que estes afirmam que a gordura seria uma das principais insígnias da feiura na atualidade, promovendo a exclusão social daqueles que a possuem. Todavia, ao afirmar que uma mulher precisa ser “*magra, tem que ser alta né, sarada, tem que ser uma pessoa musculosa, aqueles músculos assim sabe de atleta*”, para então ser considerada detentora de um corpo ideal, José se aproxima das representações e modelos corporais valorizados e reificados na contemporaneidade.

Constata-se ainda que as representações de corpo ideal/perfeito para alguns dos alunos com cegueira congênita assemelham-se às representações sociais que transitam

pela cotidianidade, construídas nas e pelas objetivações sociais, culturais e históricas. Contudo, faz-se necessária a compreensão de que ao contrário do que poderia supor, para os cegos congênitos envolvidos neste estudo os corpos ideais ou perfeitos não seriam necessariamente sinônimos de uma beleza constituída na e pela materialidade destes corpos/perfeitos ou corpos/ideais. A beleza simbolizaria um universo mais amplo, estreita às sensibilidades e emoções humanas que se concretizam apenas na beleza das formas corporais humanas.

Q13 - Existe um padrão ou modelo de beleza dominante na sociedade? Como ele é criado?

Muito difícil (...) Uhm, acho que sim (Paulo)

Eu, particularmente, não assim que eu tenha assim né, não assim é... mas, por exemplo, sabe, mais eu gosto assim, bastante de pessoa morena (...) Apesar que o negro também, tem umas ai que nossa... dá show. (Mauro)

Existe, sim claro (...) Ai eu acho que vem da pessoa, de cada um, acho que vem de cada pessoa né, né se vestir de um jeito, o comportamento da pessoa é diferenciado das outras, ocorrem mudanças? Sim, isso é normal, vem de cada pessoa. (José)

Essa foi uma questão em que o pesquisador encontrou muita dificuldade, tanto para realizar a pergunta (ato de explicar para o entrevistado o que estava sendo perguntado) quanto em entender as respostas que desta derivaram. Pode-se notar que embora para alguns deles a compreensão sobre a existência de um padrão ou modelo de beleza estivesse assegurada, como pode ser observado na fala de Paulo: “*Hum, acho que sim*”; constata-se que os participantes não demonstraram clareza sobre qual seria este padrão ou modelo de beleza e muito menos a forma como este se originaria. Um exemplo desta dificuldade ou desencontro entre o que foi perguntado e o que foi respondido pode ser assimilado a partir da fala de José: *Ai eu acho que vem da pessoa, de cada um, acho que vem de cada pessoa né, né se vestir de um jeito, o comportamento da pessoa é diferenciado das outras (...)*. Estes alunos demonstraram que praticamente

desconhecem a existência de um padrão ou modelo ideal de beleza e a sua construção histórica, social e cultural.

Para Goldenberg (2008) é evidente a presença de uma construção cultural do corpo, onde cada sociedade valoriza e enaltece determinados atributos em detrimentos de outros. Mesmo variando de acordo com um contexto social, cultural e histórico, pode-se aceitar um típico modelo corporal para uma sociedade, como por exemplo, o Brasil, onde as mulheres muito bem sucedidas como atrizes, modelos, cantoras e apresentadoras de televisão acabam sendo as mais imitadas. Ao se constatar que em terras tupiniquins um tipo de padrão nórdico de beleza parece imperar nos veículos midiáticos, pode-se perceber que o padrão estético personificado pela mulher loira ou branca, alta, magra e jovem acaba fixando-se no imaginário coletivo.

Apenas um dos entrevistados (Mauro) fez referência a um modelo/padrão de beleza, externando que “*eu gosto assim, bastante de pessoa morena (...) Apesar que o negro também, tem umas ai que nossa... dá show*”, apresentando, assim, respostas mais sólidas neste ponto da entrevista; afirmando que sua preferência dava-se, então, com relação às pessoas (mulheres) morenas e negras. O que poderia sugerir que este aluno reconhece a existência de um padrão de beleza hegemônico (como o supracitado) e que independentemente disto, tem seus gostos e prioridades de beleza e estética. Contrariando uma valorização histórica exacerbada das brancas/loiras, engendrada por uma sociedade classista e discriminadora que reservou para a beleza negra um canto escuro na história, já que esta beleza representaria o espaço de um corpo violentado, dominado e escravizado. Segundo Souza (2004) a beleza negra teria sido relegada a um plano inferior quando comparada àquela advinda do branco/loiro. No entanto, ao comentar que “*o negro também, tem umas ai que nossa... dá show*”, este aluno anuncia pálidos sinais de um novo tempo para a beleza negra na contemporaneidade.

Neste sentido, cada vez mais a beleza negra tem ganhado espaço e visibilidade na cultura e na mídia brasileira, caminhando, mesmo que a passos lentos, em direção a movimentos como o *black is beautiful*, onde se propõem a valorização da estética do corpo negro/mulato (SCHWARCZ, 2000). Para Goldenberg (2008) outros modelos estéticos e corporais também têm despontado na atualidade, como a beleza miscigenada já admirada em outros tempos e que encontra na atriz Juliana Paes uma das principais representantes, sendo esta a primeira brasileira indicada por uma revista norte-americana como uma das mulheres mais belas do mundo no ano de 2006.

Contudo, segundo Moscovici (2004) não é verdadeira a interpretação de que diante da existência de representações diferentes, quando comparamos grupos sociais distintos, prevaleça o domínio da representação daquele grupo social, entendido como maioria (o qual seria considerado mais forte, dominante, influente ou coisa que o valha) sobre aquele que emerge de uma minoria grupal (entendido como grupo marginal, excluído e/ou dissidente).

Complementarmente, admite-se que exista uma reciprocidade e simultaneidade neste processo, ao ponto em que ambos os grupos dependem das representações elaboradas por cada um. A maioria exerce influência sobre as construções representacionais da minoria, na mesma medida em que a minoria exerce influência sobre a destacada maioria, numa relação dialética em que os grupos emitem e recebem influências simultânea e reciprocamente (MOSCOVICI, 2004).

Q14 - A televisão ajuda a construir esse padrão ou modelo de beleza? De que forma?

É porque é assim, não é todo mundo que é igual. Uns gostam, porque uns gostam do corpo de um jeito e outros gostam de outro. Tem até aqueles famosos que fazem plásticas para mudar não sei o que, tudo o corpo, pra ficar mais bonito (...) Ah, mostrando a cirurgia que as pessoas fazem para mudar. (Paulo)

Olha, eu vou te falar uma verdade pra você, essa mulherada aí eu acho que, sei lá cara, qualquer coisa que vê na tevê quer fazer. Acho que não é por aí (cara de desaprovação), tem que ser o que é. Não, tem que se maquiar? Tem, fica chique. Tem que colocar brinco? Tem, fica chique. Mas agora fazer plástica, colocar silicone, pra que isso? (...) Eu acho que não tem que colocar silicone, não tem que colocar, tem que ser o que é. (...) Só porque a atriz lá colocou? É, vê uma atriz lá com biquininho meio né ... aí quer comprar igual. (Mauro)

Sim, influencia muito. Influencia a televisão sim. Em novelas, por exemplo, mostra muito né a pessoa se exibindo né, tal, mostra as loiras, as morenas, as brancas, as pretas e a televisão mostra, mas eu acho assim, que a mídia força um pouco, a televisão eu acho que ela força também, vamos fazer a pessoa ficar bem bonita pra ela arrasar naquele lugar, pra se mostrar, pra todo mundo olhar. (José)

A partir deste ponto pode-se indagar sobre a relação entre beleza e os padrões estéticos corporais, anunciando-se uma suposta aproximação entre as representações dos padrões de beleza e as representações de corpo ideal/perfeito. Ao expressarem algumas compreensões a respeito das práticas cirúrgicas (como as plásticas e implantes de silicone) realizadas por algumas mulheres partindo-se de uma questão que tratou de indagar sobre a influência da tevê na construção de um modelo de beleza, perceber-se-á uma sensível conexão entre a beleza e o corpo, observável nos discursos de ambos os entrevistados. De acordo com Paulo *“Tem até aqueles famosos que fazem plásticas para mudar não sei o que, tudo o corpo, pra ficar mais bonito (...)”*, ao passo que, *“mostrando a cirurgia que as pessoas fazem para mudar.”*, a televisão estaria colaborando na promoção de atitudes e comportamentos que visam alcançar determinados modelos e/ou padrões de beleza.

Ao expressar que *“essa mulherada aí eu acho que, sei lá cara, qualquer coisa que vê na tevê quer fazer”*, Mauro demonstra compreender a importância e influência da televisão nas práticas, atitudes e comportamentos sociais empreendidos na cotidianidade; além disso, anuncia que: *Mas agora fazer plástica, colocar silicone, pra que isso? (...) Eu acho que não tem que colocar silicone, não tem que colocar, tem que ser o que é. (...) Só porque a atriz lá colocou? É, vê uma atriz lá com biquininho meio né ... aí quer comprar igual.*

Com o avanço do mundo tecnológico e científico, o corpo já não pode mais ser o mesmo, o corpo biológico estaria sucumbindo às cobranças do século XXI e se tornando obsoleto. Neste momento, entra em cena a tecnologia contemporânea criando o espaço e as condições necessárias para a remodelagem física e mental dos novos sujeitos (COUTO, 2003).

Para Kurzweil (2003) o desenvolvimento tecnológico e científico, a evolução dos processos químicos e outras inovações permitem na atualidade reorganizar, reestruturar, reconstruir o corpo humano. Já modificamos a ordem “natural” de nossas vidas, drogas, suplementos, alimentação intravenosa, substituição de quase todas as partes de nossa estrutura física e substitutos artificiais para praticamente todos os componentes dos sistemas corporais, equipamentos para substituir joelhos, braços, pernas, dentes, dedos, artérias, válvulas do coração e até mesmo mecanismos para

substituir alguns sistemas, como o cardíaco, estão sendo projetados. Com o advento da nanotecnologia, o projeto do ser humano na versão 2.0 já está em andamento.

Tanto para a reconstrução de estruturas, órgãos e tecidos com a intencionalidade de melhoramento da saúde, funcionalidade biológica e das condições de vida ou servindo para fins de estética e beleza (o que também exerce influência nas condições de bem-estar físico, psicológico, social e afetivo), as pesquisas, estudos e experimentos na atualidade buscam, cada vez mais, modificar a infraestrutura humana, evidenciando-se que

As intensas transformações pelas quais o corpo está passando e, segundo os prognósticos, ainda passará, apresentam um conjunto de promessas, temores, sonhos e realizações inteiramente novos. Cada vez mais existe menos hiato entre a imaginação e o que pode ser realizado. A utopia tecnológica do corpo perfeito é, simultaneamente, idealizada e construída (COUTO, 2003, p. 177).

Apreende-se a partir dos enunciados que todos os entrevistados identificam a influência da tevê no estabelecimento de algumas práticas e investimentos com o intuito de transformação e/ou modificação corporal e estética, ao mesmo tempo em que fortalecem e legitimam alguns referenciais de comportamento social e padrões de beleza. Denota-se também que alguns deles observaram que a mídia televisiva ajudaria a propagandear práticas e serviços que comumente são utilizadas pelas mulheres na contemporaneidade intencionando-se atender a um modelo de beleza corporal reconhecido e valorizado social e culturalmente, com destaque para as cirurgias plásticas e implantes de silicone. Os artistas e/ou pessoas famosas que estão sempre em condição de destaque neste espaço midiático, foram destacados nas falas dos entrevistados (direta ou indiretamente) como peças fundamentais neste processo de valorização de práticas, produtos e costumes ligados ao universo da beleza.

Ressalta-se assim que os canais de comunicação de massa, especialmente a mídia televisiva, são decisivos nos processos de formação e circulação das representações sociais nas sociedades contemporâneas (SÁ, 1998; JODELET, 2001).

Na teoria das representações sociais a comunicação de massa é um dos principais pilares de sustentação e investigação teórica, dada sua importância e alcance na disseminação de valores, conhecimentos, costumes, conceitos e pensamentos sobre objetos, fenômenos e pessoas, agindo diretamente nas práticas sociais e no mundo no qual se encerra (MOSCOVICI, 2004).

Para Brasília (2007, p. 67) “os meios de comunicação são um dos mais importantes propagadores do padrão de beleza, mostrando o corpo ideal e incentivando as pessoas ao consumo das tecnologias da beleza, além de instaurar comportamentos e valores”.

Marwick (2009, p. 277-278) ao discorrer sobre o papel da televisão no Ocidente, impondo um padrão de beleza comum a todos, independente de qual seja a cultura ou etnia, reconhece

(...) a importância da televisão e, antes dela, do cinema por levarem belos rostos e corpos para o campo visual das massas, cujo contato com a beleza antes era muitíssimo restrito: no entanto, o efeito não foi a imposição de padrões estreitos, e sim familiarizar o grande público com a pluralidade de beleza. Em meio à enorme gama de tipos étnicos, sabemos que rostos considerar bonitos, sendo que as próprias pessoas pertencem a uma diversidade de tipos étnicos: a televisão, sempre procurando atrair um público cada vez maior e, infelizmente, vender produtos muitas vezes de péssima qualidade, reage exibindo as caras que as pessoas querem ver; ela não as impõe.

Desta maneira, a pulverização excessiva de imagens de pessoas bonitas (não pessoas escolhidas aleatoriamente, mas pessoas que refletem uma beleza específica, uma beleza que é suscetível de contemplação) ou de determinados fenótipos e arquétipos de beleza física, acaba naturalizando algumas belezas tanto para homens quanto para mulheres.

Destarte, muitas acabam sendo as suposições quando comparadas às concretudes advindas deste processo de construção ou fabricação das representações sociais que conversam com os modelos ou padrões de beleza corporal, na esteira do que tem sido historicamente pronunciado e apresentado pelos canais midiáticos de comunicação e informação de massa.

Como destaca Vigarello (2006), Faux et. al. (2000), apenas a partir da década de 1950 é que a televisão começa a exercer influência na construção dos gostos, desejos e anseios coletivos estreitos à beleza. Antes do advento da televisão, muitas informações, ideias, comportamentos e práticas sociais eram influenciados pelas transmissões de rádio e pelas telas dos cinemas. Ainda, na urgência dos tempos atuais, a internet passou a ser um dos mais importantes canais de comunicação e informação midiática, e, assim como ressalta Eco (2010), Faux et. al. e outros, este cenário tem sido preponderante para a velocidade, dinâmica e maleabilidade dos modelos estéticos de corpo e beleza, já não existem mais fronteiras ou barreiras limítrofes. Somados a isto temos as revistas,

jornais, outdoors e outras construções simbólicas e imagéticas que corroboram para a construção e transformação das representações sociais acerca da beleza, dos modelos e estética corporal.

Isto posto, ressalta-se que a elaboração desta questão partiu de duas principais premissas, que facilmente podem ser vistas com desconfiança e, ainda, rotuladas como dúvidas na contemporaneidade: a primeira versa sobre a existência inquestionável e presença irrefutável de um modelo ou padrão rígido e/ou estático de beleza; a segunda, parte da compreensão de que apenas a televisão exerceria influência e controle na construção e perpetuação dos pronunciados padrões/modelos. A fala de José pode ser apreendida como um exemplo que reforçaria a ideia do equívoco cometido nesta pergunta, ao se considerar apenas um modelo/padrão de beleza e a televisão como único veículo ou canal midiático que auxiliaria no processo de fixação e naturalização de padrões e/ou modelos de beleza; em sua argumentação, o participante demonstra existir mais de um padrão/modelo de beleza na televisão, referindo-se a importância da mídia como um todo neste processo e não somente a televisão: *Em novelas, por exemplo, mostra muito né a pessoa se exibindo né, tal, mostra as loiras, as morenas, as brancas, as pretas e a televisão mostra, mas eu acho assim, que a mídia força um pouco, a televisão eu acho que ela força também, vamos fazer a pessoa ficar bem bonita pra ela arrasar naquele lugar, pra se mostrar, pra todo mundo olhar.*

Se para Eco (2010) somos provocados na atualidade por um absoluto e irrefreável politeísmo da beleza, Faux et. al. (2000, p.22) adverte que no urgir do novo milênio “a era dos novos meios de comunicação correspondem a uma nova idade da beleza, ao seu ‘melhor dos mundos’”.

Q15 - Existem diferenças entre os padrões de beleza femininos e masculinos? Se sim, quais?

A mulher é mais vaidosa e o homem é mais sossegado. (Paulo)

Só pela humildade dele, pela simpatia, vixe (com relação ao homem). (Mauro)
Corpo da mulher? Ah, o rosto por exemplo. (Mauro)

Olha, uma mulher assim, as mulheres que tem uma sobrancelha bonita, olhos verdes ou castanhos ou azuis (risos) é assim, tem mulher que usa óculos porque não enxerga de perto, mas assim, tem que ser uma mulher é né assim, uma mulher bonita, unhas feitas ou não, ou deixar a unha de qualquer jeito, cabelo comprido ou preso, é cheirosa claro, a pessoa tem que tá perfumada. Uma mulher assim, musculosa, tem mulher que faz academia né? Faz muita academia, faz esteira, abdominal...(José)

Ele tem que ter um pouco mais cuidado pra ele né (...) o corpo bonito né, alguns homens são saradões, eles não são, é, tem homens que se depilam, que não são tão peludos, porque querem, querem se depilar pra ele se sentir mais a vontade. Tem homens que não deixam a barba crescer muito, vê que já tá crescendo, não, que eu vou depilar, eu vou corta aqui. E ele tem que ter dentes muito bem escovados (risos). Você entendeu? E, é assim, o que eu acho do homem e da mulher é dessa forma que eu falei pra você agora. (José)

De acordo com Paulo “*homem é mais sossegado.*” e, ainda, para Mauro o homem seria menos vaidoso ou preocupado com a beleza, destacado mais pela sua personalidade e “*pela humildade dele, pela simpatia (...)*”, diferentemente da mulher que viveria às voltas com a vaidade e a beleza.

Nas exposições feitas por José é possível encontrar ressonância com os modelos de corpos ideais institucionalizados para homens e mulheres na e pela contemporaneidade, particularmente, quando faz referências sobre corpos musculosos, práticas físicas e a existência e funcionalidade das academias de/para ginástica. Destaca-se assim que o atual cenário contemporâneo expresso pela imersão tanto do homem quanto da mulher no universo da beleza e de suas pronunciadas estruturas, feições e buscas, foi sinalizado na fala deste aluno com cegueira.

Partindo do pressuposto de que a beleza poderia ser “entendida” através do tato e ao deslocarem-se as reflexões para as sensações táteis advindas do contato com o corpo, entramos em um espaço pouco explorado no universo das pessoas com cegueira, já que os estudos que abordam essas temáticas configuram-se, na maior parte das vezes, em pesquisas que tratam da sexualidade e da deficiência visual; e, não necessariamente acerca da beleza físico-corporal e estética e sua relação com o cego.

Neste sentido, as contribuições de José, ao externar que a beleza feminina seria representada por “(...) *mulheres que tem uma sobrancelha bonita, olhos verdes ou castanhos ou azuis (...) uma mulher bonita, unhas feitas ou não, ou deixar a unha de qualquer jeito, cabelo comprido ou preso (...) Uma mulher assim, musculosa*” e que a beleza masculina tratar-se-ia, por exemplo, de um “(...) *corpo bonito né, alguns homens são saradões, eles não são, é, tem homens que se depilam, que não são tão peludos*”, favorecem a compreensão de que a beleza corporal pode e deve ser apreendida e absorvida pelas pessoas com cegueira, principalmente, por meio da exploração tátil, permitindo que estas pessoas possam construir, elaborar e ampliar suas representações de beleza corporal, tanto com relação ao seu próprio sexo, quanto com relação ao sexo oposto.

Moura e Pedro (2006) investigaram as percepções sobre a sexualidade de adolescentes com deficiência visual e constataram que estes mesmo não captando as transformações corporais ocorridas na adolescência através da visão, notam o crescimento e desenvolvimento de estruturas que antes não possuíam como os seios para as meninas ou a barba para os meninos.

Importante notar que este processo de autoconhecimento é imprescindível aos sujeitos, independentemente das suas condições, estados ou vidas. Ao perceberem-se como corpos sociais, corpos-sujeitos, que se modificam e se relacionam com seus semelhantes, o sujeito entende que sua existência passa pela materialização e apresentação do seu Eu na e pela figura do corpo. Ao destacar que “*Tem homens que não deixam a barba crescer muito, vê que já tá crescendo, não, que eu vou depilar, eu vou corta aqui*”, José sinaliza a importância de se voltar para os cuidados com o corpo que está em constante transformação, transformação que aqui é expressa pelo crescimento da barba.

Ao buscar significados e simbolizações para esse corpo, o sujeito no contato com o outro, descobre que o seu corpo não é apenas aquilo que é tocado e sentido por ele mesmo, mas, também, aquilo que é representado e julgado pelo social, cultural e o histórico no qual se encerra. Embora não possam ver as reações que seus corpos provocam nas outras pessoas, os cegos podem ser informados destas sensações de outras formas, como por exemplo, pelo discurso de outrem.

Destacando o comentário de uma das participantes cegas que integraram seu estudo, quando esta diz que: “eu vi que o meu corpo começou a se desenvolver mais, quando eu vi que os guris se importavam mais com isso, com a bunda, peito, coxa.”

Moura e Pedro (2006, p. 222) enunciam como a interpretação do corpo e das suas formas dar-se-ia também a partir do olhar do outro, que vigia e fiscaliza aquele que é percebido ou olhado.

V - O toque e a linguagem na representação da beleza.

Q16 – Então a parte que você mais gosta é a mão? Você gostaria de poder tocar nas mãos das pessoas que você conhece? Por exemplo, dessas meninas que você falou que eram bonitas?

Eu já senti as mãos delas (risos). (Paulo)

Q17 – E você costuma perguntar para outras pessoas sobre como uma pessoa é ou não?

Um exemplo, assim quando eu acabo de conhecer eu não pergunto, dá vergonha e é meio chato, aí eu pergunto para alguém que tá comigo como essa pessoa é. (Mauro)

É. Ai depois de algum tempo, que eu tava assim, com bastante amizade, ai eu pergunto para aquela pessoa mesmo como ela é. Pra mim ver se é o mesmo que o outro falou. (Mauro)

Isso, eu pergunto como ela é, é... se ela é magra ou se ela é gorda, é baixa, é alta, ela tem cabelo, se ela é loira ou morena, cabelo comprido ou curto e ... porque assim a gente consegue definir, é, a imagem assim de cada uma, de cada pessoa que passa a gente consegue saber, é, definir a pessoa. E também... me falam que ela (mulher) é baixa, é baixinha, ela as vezes ela usa salto, as vezes não, ela usa tênis. (José)

A partir destas falas tem-se a compreensão de que a linguagem para as pessoas com cegueira se apresenta como uma ferramenta valiosa nos processos de interpretação, significação e representação dos corpos de outrem, possibilitando, inclusive, captar a

estética e a beleza destes corpos, bem como suas respectivas estruturas e segmentos corporais. Informações, detalhes e minúcias que dificilmente poderiam ser acessados de outra forma, mediante a limitação visual e a vigilância imputada ao toque nestas situações.

Assim como o artista cego Evgen Bavcar exterioriza a beleza e a estética de pessoas, paisagens e objetos por meio de seus trabalhos de fotografia, feitos, dentre outras formas, a partir das descrições e detalhamentos emitidos por pessoas videntes que observam aquilo que será fotografado (CORREIA, 2007); as pessoas com cegueira, participantes deste estudo, recorrem às descrições e detalhamentos emitidos por pessoas videntes (que podem falar sobre o corpo de uma pessoa qualquer ou sobre seus próprios corpos) sempre que querem apreender, absorver e assimilar as características e particularidades de um corpo que lhe é diferente/novo/incomum/atraente.

Q18 - Você sente curiosidade em conhecer as pessoas, o corpo delas?

Olha, eu tenho vergonha pra caramba, entendeu? Porque eu tenho muita vergonha, muito assim, receio de eu querer sei lá, tocar na pessoa, a pessoa não entender o meu lado, entendeu? E levar para a ignorância. (Mauro)

Todas as questões inseridas nesta categoria trataram de destacar a importância do tato e da linguagem no universo das pessoas com cegueira congênita, assim como assinalado por autores como Amiralian (1997) Ormelezzi (2000), Batista (2005), Moura e Pedro (2006) dentre outros.

Para Ormelezzi (2000) a linguagem funciona como um sistema simbólico ligado a um determinado grupo social e que permite ao cego organizar conceitos, experiências e todo o mundo ao seu redor. Isto justificaria possivelmente a necessidade despertada por alguns entrevistados em solicitar para que as pessoas próximas (conhecidas) descrevessem as características corporais e estéticas das pessoas que achavam interessantes ou que despertassem a sua curiosidade; e, ainda, em alguns casos, pedir-se-ia inclusive para que algumas delas se “autodescrevessem”, como nas palavras de Mauro: “É. Ai depois de algum tempo, que eu tava assim, com bastante amizade, ai eu pergunto para aquela pessoa mesmo como ela é.”

Numa das entrevistas que realizou com cegos congênitos adultos Ormelezzi (2000) identificou que para uma das entrevistadas essa descrição das coisas ou fenômenos torna-se um problema quando as pessoas querem impor o referencial delas e desacreditam na capacidade do cego de fazê-lo.

Segundo Batista (2005) uma das principais diferenças entre a percepção visual e a tátil no seu processamento é que na visão pode-se ter a ideia do todo, de uma só vez, enquanto por meio do tato esse processamento é mais lento, fracionado, caminhando das partes para o todo, particularmente, nos casos onde o objeto a ser tocado é de tamanho tal que não pode ser capturado de uma única vez. Para Laplane e Batista (2003) existem ocasiões onde o tato não é possível, como objetos/coisas de grandes proporções (prédios, rios, aviões etc.), que estejam fora do alcance tátil (lua, estrela, sol) e situações em que seja proibido ou pouco convencional o seu uso, como animais selvagens e o corpo do outro ou partes dele, como destacado por Mauro: *receio de eu querer sei lá, tocar na pessoa, a pessoa não entender o meu lado.*

O tato e sua ação no mundo configuram uma percepção ativa, difere da visão que afasta o sujeito do objeto/mundo que é visto, o tato aproxima, confere materialidade às coisas, assegura a não dissociação entre a imagem e o seu substrato material (CORREIA, 2007).

Isto posto, pode-se imaginar a dificuldade em apreender formas e estruturas corporais a partir de um referencial corporal que é estranho, que pertence ao outro. Dificuldade esta apontada por Mauro, ao expor que tem vergonha de tocar o corpo do outro e que tem medo da pessoa tocada se sentir ofendida. Lebedeff (1994) também analisa que conhecer o corpo do sexo oposto é sempre uma dificuldade para a pessoa cega, principalmente numa cultura onde o toque é sempre proibido.

Com relação às infinitas possibilidades de entrar em contato com a beleza física, materializada no universo visual e tátil do corpo, seja ela oriunda do despertar e do se relacionar com o próprio corpo ou com o corpo que é do outro, o filme “*Ray*”²⁰ nos convida a embarcar numa atmosfera permeada por possibilidades e riquezas deste universo dos sentidos. No filme biográfico é possível observar em algumas cenas quando o ator (que interpreta um músico cego) ao ser apresentado a uma mulher, segura a região do seu antebraço com firmeza e com uma destreza tátil espantosa consegue antever sua (possível) beleza corporal, dando-lhe pistas de como seria aquela

²⁰ É um filme norte-americano de 2004 baseado na vida do famoso cantor de R&B e soul music Ray Charles. Ele foi dirigido por Taylor Hackford e estrelado por Jamie Foxx.

mulher/corpo/forma física e a partir daí envolver-se amorosa e afetivamente com ela ou não; ao utilizar essa estratégia, o cantor/homem/cego escolhia as mulheres com quem queria se relacionar, optando sempre por aquelas que achava serem mais bonitas. No filme a sua representação de beleza corporal feminina através da percepção tátil é sempre condizente com a percepção e representação visual de beleza feminina apresentada por alguns atores (homens) que participam de algumas dessas cenas (na qual Ray identifica a beleza pelo tato).

Porém, como adverte Vantorini (2007), a pessoa com cegueira não pode suprir a função visual a partir do tato e vice-versa, portanto, a percepção da beleza tátil pode ser muito diferente daquela beleza visual. Neste sentido, algo que pode ser apreendido como belo pela visão, poderá, ao menos hipoteticamente, ser feio diante de uma exploração e reconhecimento tátil, a exemplo de uma escultura/estátua de mármore colocada em um jardim, bela aos olhos, contudo, a poeira acumulada, lodo, corrosão, frieza do material e sua aspereza podem torná-la feia ao tato.

As pessoas com cegueira constroem seus conceitos e apreendem os valores culturais e sociais do seu tempo por meio de códigos e construções de sentido partilhados no cotidiano de suas relações com o mundo, com o outro, com os objetos e consigo mesmos, apropriando-se do conhecimento e do universo simbólico de maneira que “a atenção à vida dá-se em cada passo, não podendo ser um autômato, inebriado pela excessiva visualidade, pelo excesso de estímulos visuais dos palcos da sociedade contemporânea” (CORREIA, 2007, p.80).

Embora esteja mais do que disseminado e por algumas vezes de modo equivocado e desarticulado, o entendimento de que para os cegos a utilização do tato para perceber os objetos e o universo que o circunda é preponderante e exigindo deste canal sensitivo uma potencialidade diferente daquela empregada pelo vidente, não podemos aceitar que esse mecanismo seja colocado como estrutura de substituição e/ou compensação, uma vez que tem suas próprias peculiaridades e características.

Neste sentido, admite-se que “o tato constitui-se em percurso valioso no ensino de alunos cegos. Entretanto, não pode ser visto como substituto da visão, nem pensado de forma independente dos processos cognitivos envolvidos na apropriação dos conhecimentos”. (BATISTA, 2005, p.13).

Ormelezzi (2000) oferece pontuais reflexões no que tange ao aprendizado das pessoas com cegueira quando argumenta que embora estejamos num mundo que valoriza o universo visual, a totalidade do desenvolvimento humano se dá na utilização

dos sentidos, afetos, percepções, relações sociais, vivências corporais, representações mentais, espaço/tempo, consciência de si, construção do “eu” e outras.

Admitir-se-á que as pessoas com cegueira devem ser compreendidas não como sujeitos que aprendem em menor quantidade, de uma forma deficiente, de uma maneira “mais-ou-menos”, similar ou coisas do tipo, mas sim como pessoas que aprendem, relacionam-se com o mundo e com o outro e se desenvolvem de uma maneira diferente, particular.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece evidente que a beleza contemporânea ao ser invadida pelas mais sofisticadas técnicas, equipamentos e tecnologias do mundo globalizado, rompeu com os limites existentes entre os desejos/vontades e as concretudes e realizações materiais. O corpo, já pode ser outro, pode ser melhorado, revigorado e rejuvenecido, ao sabor das expectativas e cobranças sociais e cotidianas.

Uma beleza única e anacrônica ou multifacetada e temporal? A questão é tão ou mais inquietante do que aparenta ser. O provável é que não se possa estabelecer critérios rígidos e cristalizados para a beleza humana. Dizer que os conceitos de beleza diferenciam de acordo com o período histórico e a cultura é tão vago quanto assegurar que exista apenas um modelo imutável e cristalizado de beleza.

O que é certo é que a beleza precisa ser notada para ser caracterizada como tal, a beleza deve provocar os sentidos, proporcionar prazer no contato que promove com o outro, instigar o desejo e a esperança de tê-la e/ou retê-la, a beleza conversa com aquilo que é fascinante, provoca, encanta e atrai. Ser belo é ser admirado, aprisionado pela estética singular, não é outra coisa senão aquilo que é agradável, terno e alvo de cobiça.

Ao admitir que as pessoas com cegueira não se beneficiem do mundo visual, não são tocadas pelas produções imagéticas, compreende-se que a construção de conhecimentos e a retenção das informações e de toda a produção humana dar-se-á de maneira singular, enredada por uma complexidade de fatores. Isto não significa que todas as pessoas com cegueira aprendem, sentem, descobrem, interagem de maneira equivalente ou em uma igualdade de sentidos e experiências; já que podem apresentar

percepções, comportamentos, atitudes e julgamentos tão diferentes entre si, quanto o são quando comparadas com aquelas pessoas que gozam de eficiência visual.

Ao pensar nas representações sociais sobre beleza cunhadas por pessoas com cegueira, a intenção não é forçar uma aproximação entre as ideias, pensamentos e concepções que configurem uma identidade coletiva, mas, apreender e analisar suas práticas sociais e culturais, seus relacionamentos com os objetos, pessoas e o mundo ao redor, e, por fim, mas não menos importante, suas relações socioafetivas, no palco daquela beleza materializada nos e pelos corpos.

Os conceitos, ideias, sentidos e demais constructos sobre a beleza que configuram o campo simbólico e as construções subjetivas das pessoas com cegueira, estão intimamente ligados a uma infinidade de elementos que descrevem o perfil moral e o comportamento social e afetivo das pessoas, mas não se restringem aos mesmos.

O ponto nodal seria a maneira generalizante e sublimada com que a beleza é apreendida, internalizada e reconhecida nas práticas cotidianas pelas pessoas com cegueira. Bondade, gentileza, amigabilidade, serenidade, respeito, cortesia e ternura ao invés de representarem atributos e/ou qualidades inerentes ao ser humano historicamente civilizado, para as pessoas com cegueira este bojo de virtuosismos morais, sociais e éticos materializam-se na beleza, ou seja, a beleza seria sinônimo de todo este conjunto de atributos/qualidades.

Para muitos videntes a pessoa só pode ser considerada bonita se antes possuir uma invejável “beleza interior”, como se a beleza física exigisse um complemento moral e/ou abstrato. Contudo, para as pessoas que participaram deste estudo, esta condição torna-se majoritária/preponderante e, em alguns momentos, os discursos caminharam no sentido de anunciar que esta “beleza interior” seria a representação da “verdadeira beleza”.

Desta feita, ao serem indagados sobre a sua própria condição de beleza, os participantes foram unânimes em admitir que eram bonitos, eram pessoas que poderiam ser consideradas bonitas, não só pelas apreensões que faziam de si próprios, mas, também, pelo que julgavam que os outros achavam deles. No entanto, a grande prerrogativa para avaliarem alguém como bonito ou se autoavaliarem como tal, seria apresentar um exemplar comportamento moral e ético, adequadas condutas e atitudes sociais e afetivas, práticas cotidianas prenas de valores humanos como gentileza, solidariedade, carisma, simpatia, cortesia e honestidade.

Neste sentido, ao se descreverem como pessoas bonitas quase não fizeram referências as suas condições corporais e/ou anatômicas, suas características fenóticas, cabelos, pele ou estatura, sugerindo que para eles esses elementos teriam menor importância diante de virtudes e qualidades ligadas ao caráter e a personalidade, as roupas utilizadas e a voz.

A voz, entendida aqui na sua amplitude, envolvendo tons, pausas, ritmo, graves e agudos, musicalidade e harmonia, despertaria nas pessoas com cegueira sensações, desejos, sentidos e prazeres que vão muito além da sua funcionalidade interpretativa, decodificadora e comunicacional inerentes à linguagem. A voz não só permite reconhecer as pessoas e suas intenções diante das objetivações e práticas cotidianas, mas possibilitaria também atribuir valor, prestígio e beleza às pessoas. A associação entre uma voz agradável e a beleza atribuída a esta pessoa está explicitada nas falas de todos os participantes deste estudo.

Talvez os videntes também façam essas aproximações entre beleza e voz, mas como a percepção e o contato visual são mais rápidos e englobam uma infinidade de possibilidades interpretativas e associativas ao mesmo tempo, a importância atribuída à voz seja menor e/ou diferente.

A voz que se reconhece e se valoriza, permitindo atribuir ou não beleza a uma pessoa, é sempre percebida por meio da voz que é emitida pelo outro. Isto se justifica pelo fato de que são ínfimas as oportunidades em que somos confrontados com a nossa própria voz (tendo como exceção os momentos em que gravarmos nossa fala, canto ou conversa), dificultando qualquer tipo de avaliação, comparação ou ideia sobre qual seria o prazer, vivacidade, perfeição e beleza transmitida por ela. Isso explicaria, ao menos em partes, porque as pessoas com cegueira qualificam como bela uma pessoa a partir da voz, mas quando se autoavaliam como pessoas belas não fazem nenhuma referência a sua própria voz.

Diferentemente de quando os videntes se deparam com a beleza corporal e facial de outras pessoas, avaliando-as e classificando-as como bonitas a partir de vários referenciais, experiências e vivências visuais diárias. Ao chegar em suas casas ou adentrar em qualquer espaço, mesmo estando na rua, bar ou em uma esquina, o espelho permitirá que as qualidades e características corporais admiradas e reconhecidas no outro também possam ser percebidas/admiradas ou não em si próprios.

A roupa foi outro grande foco nas representações sociais de beleza apresentadas pelas pessoas com cegueira. O poder e a influência do vestuário e, particularmente,

aquele estreito à moda e aos modismos e tendências culturais, sociais e históricas, já são de conhecimento da coletividade e datam desde os primórdios das civilizações antigas, a exemplo do Egito onde as indumentárias marcavam a posição e o prestígio social, econômico e político dos faraós.

O interessante é pensar que muitas vezes a privação visual e a impossibilidade de explorar as roupas dos outros pelo toque ou de apreender suas formas, contornos e cores por meio de descrições de outrem, poderiam diminuir a importância das indumentárias na realidade cotidiana das pessoas com cegueira. Porém, as descrições e relatos emitidos pelos participantes parecem desacreditar esta hipótese.

Todavia, pelo fato das pessoas com cegueira não poderem usufruir das informações visuais emitidas pelas roupas e, portanto, não serem provocadas, despertadas ou tocadas pelo impacto destas imagens, pode-se supor que grande parte do valor atribuído à vestimenta por parte das pessoas com cegueira, seja no momento em que compõem seu próprio visual e estilo ou frente à importância que conferem à pessoa que se veste bem/corretamente, deve-se ao fato de perceberem que na realidade social e/ou cotidiana, a roupa confere *status*, reconhecimento, valorização e prestígio.

Mas seria um equívoco persistir na ideia de que uma roupa não poderia causar prazer, atração ou impacto na vida das pessoas com cegueira de maneira concreta, pois basta pensarmos na relação que se possa estabelecer com uma roupa cheirosa, limpa, nova, sofisticada, bem costurada, confeccionada com tecidos de qualidade, delineada e moldada com precisão e texturas diversas, para afirmar que as roupas são valorizadas e relacionadas com a beleza a partir das realizações e vivências objetivas e concretas destas pessoas e não apenas como uma simples constatação de que as roupas são valorizadas e prestigiadas na e pela contemporaneidade.

No que tange à representação social da beleza para as pessoas com cegueira, pode-se identificar uma dissociação entre a beleza e o corpo, de modo que o recente (mas não tão recente assim) fenômeno de culto ao corpo, que coloca as pessoas diante de uma cobrança inesgotável para que tenham um corpo escultural, vigoroso, jovem, “malhado”, tonificado, higienizado e simétrico, para só então serem consideradas e valorizadas por sua beleza, parece não permear as intuições, sentidos, ideias, comportamentos e perspectivas das pessoas com cegueira.

Os modelos ou padrões corporais idealizados, admirados e reificados na contemporaneidade parecem ser apreendidos e assimilados nas representações das pessoas com cegueira, mas embora reconheçam essa dimensão social, cultural e

simbólica do corpo, não a associam com a personificação e/ou materialização da beleza humana, exclusivamente. Como já referido diversas vezes neste estudo, o fato de, ao menos aparentemente, as pessoas com cegueira apresentarem representações e conceituações generalizantes para a beleza permitem que esta seja lançada a outros horizontes e não fiquem restritas aos modelos corporais hegemônicos.

Obviamente, se fossem questionados sobre a percepção que possuem de seus próprios corpos e/ou de sua beleza ou “não beleza” corporal, as pessoas com cegueira talvez construíssem aproximações ou distanciamentos dos modelos e padrões corporais que coabitam na atualidade. Talvez os participantes fossem mais pontuais e enfáticos quanto ao que pensam sobre seus corpos, os corpos dos outros e os modelos/padrões físicos e corporais dominantes.

Outra situação decorrente das peculiaridades e/ou singularidades das representações sociais de beleza das pessoas com cegueira quando aproximadas daquelas que comumente habitam o imaginário social das pessoas videntes, deve-se à compreensão de que algumas pessoas que frequentemente sofrem com os preconceitos e estigmas e acabam sendo, muitas vezes, marginalizadas e excluídas do convívio social, não foram referidas como pessoas feias pelas pessoas com cegueira. As pessoas feias eram aquelas que “se acham”, metidas, esnobes, fedidas, sujas e que usam roupas feias e/ou se vestem mal. Mas todos os participantes externaram que as pessoas na condição de feiura eram, muitas vezes, excluídas, marginalizadas e maltratadas no convívio social e/ou relações interpessoais estabelecidas no dia-a-dia.

As expressões do tipo “padrão de beleza” ou “modelo de beleza” soaram de maneira vazia e sem sentido, parecendo não se conectar com as realidades e saberes das pessoas com cegueira. Embora estes termos não sejam assim tão desconhecidos do público em geral e habitem as representações e conhecimentos do senso comum, para os participantes deste estudo são expressões desconhecidas e/ou não familiares. Desta maneira, pode-se supor também que talvez o predomínio e valorização de um padrão de “beleza europeizada” ou de “beleza nórdica” (pessoa branca/loira, alta, olhos claros, cabelos lisos e estrutura corporal invejável), principalmente, no concernente aos modelos corporais e estéticos que ocupam os veículos midiáticos de comunicação e informação de massa em nosso país, não seja percebido ou não exerça tanta influência sobre a vida e a rotina das pessoas com cegueira.

Contudo, pode-se evidenciar que a expressão “corpo ideal” foi facilmente compreendida pelos participantes, os quais sinalizaram que o tipo físico e/ou físico-

corpóreo que representaria um perfil ideal seria aquele representado por um corpo nem muito magro, nem muito gordo, um tipo “médio”. Este cenário poderia sugerir, mais uma vez, a já pronunciada dissociação parcial ente beleza e corpo, modelo/padrão de beleza e modelo/padrão de corpo, fenômenos aparentemente distintos, mas, ao mesmo tempo complementares.

A dificuldade das pessoas com cegueira de conhecer o corpo do outro - seja ele um indivíduo do mesmo sexo ou do sexo oposto – e a partir deste contato, exploração e conhecimento reconhecer a si próprio, desvelando as diferenças, distanciamentos, proximidades e similaridades do seu corpo com aquele que lhe é externo/estranho, traduz uma das principais barreiras a serem transpostas no contexto da representação social da beleza. Os videntes podem assimilar e captar um universo de imagens, formas, estruturas e belezas corporais por meio da visão e de um mundo cada vez mais influenciado, representado e contaminado pelas informações e criações imagéticas.

O toque nem sempre é permitido, outras vezes não é possível alcançar o objeto a ser tocado ou então não há tempo ou situação adequada para que se promova o toque e tantas outras situações que dificultam a construção, simbolização e internalização das inúmeras belezas que florescem no e pelo corpo humano.

Deve-se lembrar também que aquilo que pode ser apreendido como beleza por uma coletividade que usufrui da sensação e estímulo visual, pode não se materializar como beleza durante a exploração tátil realizada pela pessoa com cegueira. Embora essa situação possa ser compreendida direta e objetivamente a partir de exemplos nos quais um objeto considerado belo é tocado pela pessoa com cegueira, que por sua vez não interpreta aquele objeto como belo por causa da sua textura, porosidade, má conservação, temperatura ou sujeira; esta realidade também pode ser transferida para as ocasiões onde a pessoa cega toca apenas algumas partes do corpo de outra pessoa ou toca partes corporais que não lhe permitem captar as dimensões, características e elementos que levaram essa pessoa a ser considerada bela pela coletividade vidente.

Diante do exposto, a linguagem aparece como importante aliado na construção de símbolos, significados e representações de beleza para as pessoas com cegueira. A linguagem pode funcionar tanto como complemento quanto ponto nuclear/principal na construção das representações sociais destas pessoas, permitindo assim que possam acessar informações, características, particularidades e especificidades de objetos, pessoas e do mundo ao seu redor.

O fato de estas representações passarem a ser consubstanciadas pelas informações lançadas por um emissor, ou seja, construídas a partir de um detalhamento ou exposição que está sendo feita por alguém de fora, não significa que as representações serão deste emissor; pois, a pessoa com cegueira não recebe essas informações de maneira passiva e irrefletida, pelo contrário, essas informações alimentam seu campo do pensamento/ideia e o seu universo cognitivo/intelectual, permitindo a elaboração de representações cada vez mais sofisticadas e detalhadas.

A identificação e reconhecimento de procedimentos de modificação e/ou transformação corporal, a exemplo dos implantes de silicone e das cirurgias plásticas, visando ascender a um corpo bonito e valorizado, estiveram presentes nas falas emitidas pelos participantes. Além disso, ao relatarem a aproximação destas práticas com a realidade vivida por atores/atrizes/artistas de televisão, e, posteriormente, a influência que estas atitudes exerceriam no cotidiano das pessoas, denota-se que as pessoas com cegueira compreendem, ao menos minimamente, a participação dos veículos midiáticos, particularmente, a televisão, nas escolhas e atitudes empreendidas pela sociedade.

Por fim, admitir-se-á que a representação de beleza cunhada por pessoas com cegueira apresenta um emaranhado de sensibilidades, valores, significados, experiências, práticas, conceitos e percepções que a torna singular com relação a este grupo. Sem a pretensão de traçar paralelos, diferenças e limites entre as representações de videntes e de pessoas com cegueira, entende-se que a dinâmica dos processos de formação e construção das representações de beleza para as últimas, envolvem elementos, sentidos e forças talvez pouco exploradas objetivamente na realidade dos videntes, que estão subordinados, majoritariamente, às forças e impactos causados pelas imagens.

O tom agradável e amistoso da voz, o cheiro bom que cresce com a presença de alguém, o conforto e a segurança de uma amizade sincera, o carinho e atenção com a qual uma pessoa lhe trata, o espírito de coletividade e cooperação, a descrição oral feita por um emissor sobre aquela pessoa que lhe agrada, as roupas adequadas/bonitas, o corpo não tão gordo e nem tão magro, asseado e higienizado, eis aqui algumas belezas da beleza.

REFERÊNCIAS

ABC. MED. BR, 2008. **Cirurgia bariátrica**. O que é isso? Disponível em: < <http://www.abc.med.br/p/obesidade/22720/cirurgia+bariatrica+o+que+e+isso.htm> >. Acesso em: 19 jan. 2012.

ABRIC, J-C. A abordagem estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A.S.P. & OLIVEIRA, D.C. de. (Orgs). **Estudos interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998, p. 27-38.

ADAMS, G.R. **Physical Attractiveness Research**: toward a Developmental Social Psychology of Beauty. *Human development*, 1977, pp. 217-239.

ALMEIDA, Vânia. **Cuidando do corpo**: efeitos dos anabolizantes, 04 de março de 2009. Disponível em: < <http://www.cuidandodocorpo.com/2009/03/anabolizantes-levam-morte.html> >. Acesso em: 27 de maio de 2011.

AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre crocodilo e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, Julio R. Groppa (org). **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998, pp. 11-30.

AMARAL, Silvia Cristina Franco. **Material de Apoio**: Eixos Temáticos para o Ensino Médio: Mídias, Lazer e Trabalho. Curso de Especialização Redefor. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders DSM-IV**. Washington DC: APA, 2002.

AMIRALIAN, Maria Lucia Toledo Moraes. **Compreendendo o cego através do procedimento de desenhos – estórias**: uma abordagem psicanalítica da influencia da cegueira na organização da personalidade. Tese de Doutorado – I.P.U.S.P. São Paulo, 1992.

_____. **Compreendendo o cego**: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BALLONE, G.J. **Vigorexia**. In: PsiqWeb, atualizado em 2004. Disponível em: < <http://gballone.sites.uol.com.br/alimentar/vigorexia.html> >. Acesso em 10 de julho de 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero de France. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Daniela Dias. **Estudo da Imagem Corporal da Mulher: corpo (ir)real x corpo ideal**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2001, 169f.

BATISTA, Cecília Guarnieri. Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 21, n. 1, abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722005000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 de julho de 2011.

BERGER, Mirela. **Corpo e identidade feminina**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2006, 312f.

_____. **O culto ao corpo**. Disponível em: <http://www.minosoft.com.br/mirela/download/o_culto_ao_corpo.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2011.

BERTHERAT, Thérèse; BERNSTEIN, Carol. **O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si**. Trad. Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 14ª edição, 1991.

BICAS, Harley Edson do Amaral. **Atualização continuada: acuidade visual. Medidas e notações**. *Arquivos Brasileiros de Oftalmologia*, São Paulo, 2002, vol. 65, n. 3, pp. 375-384.

BODY SYSTEMS DO BRASIL. Disponível em: < <http://www.bodysystems.com.br> >. Acesso em: 08 de julho de 2011.

BOTTO, A. S. **Anorexia**, 05 de maio de 2009. Disponível em: < http://www.psiq.ue.br/content/index.php?option=com_content&view=article&id=165:anorexia&catid=63:disturbioalimentares&Itemid=93 >. Acesso em: 06 de junho de 2011.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD): síntese de indicadores 2009**. Rio de Janeiro, RJ, 2010. 288 p.

BRASÍLIO, Liza Aparecida. **Um olhar sócio-histórico sobre a beleza:** das amarras à alteridade. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista – Julio de Mesquita Filho, UNESP/Car, Araraquara, 2007, 136f.

BOUZÓN, Patrícia. Cabelos e construção de identidade: incursão antropológica em um salão de beleza carioca. In: CASOTTI, Letícia; SUAREZ, Maribel; CAMPOS, Roberta Dias. **O tempo da beleza:** consumo e comportamento feminino, novos olhares. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008, pp. 228 – 251.

CAMARGO, Denise de; BULGACOV, Yara Lúcia Mazziotti. **A perspectiva estética e expressiva na escola:** articulando conceitos da psicologia sócio-histórica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 2008, jul./set., v. 13, n. 3, pp. 467-475.

CANASSA, Rosângela Donizete. **A caixa de Pandora:** as deusas e o feminino no cinema. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. São Paulo, 2007, 141f.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual.** Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

CARVALHO, K. M. M., GASPARETTO, M. E. R. F., VENTURINI, N. H. B., & JOSÉ, N. K. **Visão subnormal:** orientações ao professor de ensino regular. Campinas, SP: Editorada Unicamp, 1992.

CASOTTI, Letícia; SUAREZ, Maribel; CAMPOS, Roberta Dias. Beleza no cotidiano. In: _____. **O tempo da beleza:** consumo e comportamento feminino, novos olhares. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008, pp. 14 – 119.

CASTELO, Cláudia. **O que é a Pop Art?** 22 de fevereiro de 2002. Disponível em: < <http://dossiers.publico.clix.pt/noticia.aspx?idCanal=293&id=67319> >. Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

CASTRO, Danilo D. Monteiro de. **Visão Subnormal.** Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1994.

CHAHINE, Nathalie; LANNELONGUE, Marie-Pierre. MOHRT, Françoise. As décadas. In: FAUX, Doroty Schefer et.al. **Beleza do século.** São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000, p.79-224.

CIRURGIA PLÁSTICA. **Pesquisa Datafolha sobre a Cirurgia Plástica no Brasil.** Disponível em: < <http://www.info-cirurgiaplastica.com/2009/06/pesquisa-datafolha-sobre-cirurgia.html> >. Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

CORREIA, Luiz Gustavo Pereira de Souza. **“A pupila dos cegos é seu corpo inteiro”**: compreendendo as sensibilidades de indivíduos cegos através das tessituras narrativas. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007, 219f.

COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos modificados: o saudável e o doente na cibercultura.** In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, pp. 172-186.

DE MARCO, Ademir. **Tema 3: Saúde - intervenções da Educação Física Escolar.** In: Disciplina Organismo Humano, Movimento e Saúde. Curso de Pós-Graduação. SÃO PAULO (Estado): RedeFor; Campinas: Unicamp, 2011.

DOMINGUES FILHO, L. A. **Obesidade & Atividade física.** Jundiaí: Fontoura, 2000.

DUVEEN, Gerard. O poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Trad. Do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 7-28.

ECO, Umberto. **História da feiúra.** Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **História da beleza.** Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ESTEVÃO, Adriana e BAGRICHEVSKY, Marcos. **Cultura da “Corpolatria” e Body-Building: notas para a reflexão.** *Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes*, São Paulo, ano 3, n.3, 2004, pp.13-25.

FAUX, Doroty Schefer et.al. **Beleza do século.** São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.

FILHO, Aurivar Fernandes. **Breve histórico da beleza masculina.** *Revista Modapalavra E-periodico*, Florianópolis, ano 3, n.6, jul-dez, 2010, pp. 59-79.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004, pp. 169-186.

GOLDENBERG, Mirian. Nem toda brasileira é bunda: corpo e envelhecimento na cultura contemporânea. In: CASOTTI, Leticia; SUAREZ, Maribel; CAMPOS, Roberta Dias. **O tempo da beleza: consumo e comportamento feminino, novos olhares**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008, pp. 124 – 143.

GRIZE, Jean-Blaise. Lógica Natural e representações sociais. In: JODELET, Denise. **As representações sociais**. Trad. Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 105- 122.

JANNUZZI, Gilberta S. de Martino. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. **As representações sociais**. Trad. Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17- 44.

JOFFE, Hélène. “Eu não”, “o meu grupo não”: representações sociais transculturais da Aids. In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs). **Textos em representações sociais**. 8ª ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2003, p. 297-322.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs). **Textos em representações sociais**. 8 ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2003, p. 63-85.

JUNIOR, Jorge Leite. **O que é um monstro?** 10 de outubro de 2007. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico. Disponível em: < <http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=29&id=340> >. Acesso em: 12 de setembro de 2011.

KURZWEIL, Ray. **Ser humano 2.0**, 20 de março de 2003. Tradução de Victor Aiello Tsu. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 20/03 (domingo). [Texto original no endereço <http://www.kurzweilai.net>]. Disponível em: < <http://www.neuropedagogia.com/versaohumana2.html> >. Acesso em: 28 de janeiro de 2012.

LAPLANE, A. L. F.; BATISTA, Cecília Guarnieri. Um estudo das concepções de professores de ensino fundamental e médio sobre a aquisição de conceitos, aprendizagem e deficiência visual [Resumo]. Em: Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (Org.). *Anais do I Congresso Brasileiro de Educação Especial, IX Ciclo de Estudos sobre Deficiência Mental*. São Carlos: UFSCar, 2003, pp. 14-15.

LOPES, Marcela; CASOTTI, Leticia. Será que volta ao normal? Um estudo sobre a beleza, maternidade e consumo. In: CASOTTI, Letícia; SUAREZ, Maribel; CAMPOS, Roberta Dias. **O tempo da beleza: consumo e comportamento feminino, novos olhares**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008, pp. 176 – 199.

LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. **Aprendendo com o toque: reflexões e sugestões para uma educação sexual adaptada ao portador de deficiência visual**. *Rev. Bras. Educação Especial*, Marília, vol. 2, n. 1, 1994, pp. 31-7.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher** – permanência e revolução do feminino. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACEDO, Rivair. **A face das filhas de Eva** - os cuidados com a aparência num manual de beleza do século XIII". In: *Revista História*. Universidade Estadual Paulista - UNESP, vol. 17-18, 1998-1999, p. 293-314.

MALYSSE, S. (1997). **A la recherche du corps idéal: culte féminin du corps dans la one balnéaire de Rio de Janeiro**. *Cahiers du Brésil Contemporain*. Paris. n. 31, pp.157-174.

MARCON, S. O. **Transtornos Alimentares (Artigo Exclusivo): Saiba mais sobre a Anorexia e Bulimia Nervosa**, 16 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.sissaude.com.br/sis/inicial.php?case=2&idnot=2590>>. Acesso em: 11 de julho de 2011.

MARWICK, Arthur. **Uma história da beleza humana**. Tradução de Luiz A. de Araújo. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

MEDINA, João Paulo. **O brasileiro e seu corpo**. 3ª edição. Campinas: Papirus, 1991.

MENEZES, Fernando. **Dia do Homem: cinco erros de beleza que detonam a imagem masculina**, 16 de julho de 2011. Disponível em: <<http://msn.minhavidacom.br/conteudo/13324-Dia-do-Homem-cinco-erros-de-beleza->

que-detonam-a-imagem-masculina.htm?ordem=1#gal>. Acesso em: 15 de julho de 2011.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Trad. Do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MOURA, Giovana Raquel de; PEDRO, Eva Néri Rubim. Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 de julho de 2011.

NOVAES, Joana V. **Perdidas no espelho?** Sobre o culto ao corpo na sociedade de consumo. Dissertação (Mestrado). PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2001.

_____. **Ser feia, ser mulher, ser excluída**, 2005. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf>>. Acesso em: 05 de julho de 2011.

_____. Vale quanto pesa... sobre mulheres, beleza e feiúra. In: CASOTTI, Letícia; SUAREZ, Maribel; CAMPOS, Roberta Dias. **O tempo da beleza**: consumo e comportamento feminino, novos olhares. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008, pp. 144 – 175.

NOVAES, Joana V. e VILHENA, Junia de. **De Cinderela a moura torta**: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. *Interações*, São Paulo, v.8, n. 15, p. 9-36, jan./jun. 2003.

OLIVIER, G.G.F.de. **Imagens da beleza**: o dilema de Páris. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 1999, 392f.

OMOTE, Sadao. Deficiência: da diferença ao desvio. In: MANZINI, Eduardo José; BRANCATTI, Paulo Roberto. (Orgs). **Educação Especial e estigma**: corporeidade, sexualidade e expressão artística. CAPES – UNESP/Marília. Publicações, 1999.

_____. **Estigma no tempo da inclusão**. *Rev.Bras. Educ. Espec.*, Marília, set.-dez., 2004, v.10, n.3, p.287-308.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1993.

ORMELEZZI, E. M. **Os caminhos da aquisição do conhecimento e a cegueira:** do universo do corpo ao universo simbólico. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2000, 273f.

PEREIRA, Raquel Franzini; LAJOLO, Franco Maria; HIRSCHBRUCH, Marcia Daskal. **Consumo de suplementos por alunos de academias de ginástica em São Paulo.** Revista de Nutrição, Campinas, 2003, jul./set., pp. 265-272.

PEREIRA, Cláudia. A beleza das modelos e o capital – corpo. In: CASOTTI, Letícia; SUAREZ, Maribel; CAMPOS, Roberta Dias. **O tempo da beleza:** consumo e comportamento feminino, novos olhares. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008, pp. 200 – 227.

PEREIRA, João Baptista Borges. A linguagem do corpo na sociedade brasileira: do ético ao estético. In: QUEIROZ, Renato da Silva (Org.) **O corpo do brasileiro:** estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora Senac, 2ª edição, 2000, pp. 67-94.

PICCOLO, Gustavo Martins; DENARI, Fátima Elisabeth. **Da beleza à arte:** meus caminhos de crítica ao preconceito. *Revista de Ciências da Educação*, São Paulo, 2009, ano XI, n. 20, 1º semestre, pp. 301-321.

PINHEIRO, Andréa Poyastro. **Insatisfação com o corpo, auto-estima e preocupações com o peso em escolares de 8 a 11 anos de Porto Alegre.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003, 137f.

PINZON, Vanessa *et al* . **Peculiaridades do tratamento da anorexia e da bulimia nervosa na adolescência:** a experiência do PROTAD. *Rev. Psiquiatr. Clín.*, São Paulo, v. 31, n. 4, pp. 167-169, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832004000400007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 julho de 2011.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte:** *piercing*, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005, 177p.

PIRES, Maria Idalina da Cruz. **As principais mudanças culturais no pós-guerra:** os jovens dos anos 1960-70, 20 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://f5dahistoria.wordpress.com/2010/08/20/as-principais-mudancas-culturais-no-pos-guerra-os-jovens-dos-anos-1960-70>>. Acesso em: 04 de junho de 2011.

QUEIROZ, Renato da Silva; OTTA, Emma. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: QUEIROZ, Renato da Silva

(Org.) **O corpo do brasileiro**: estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora Senac, 2ª edição, 2000, pp. 13-66.

RANGEL, Mary. Das dimensões da representação do “bom professor” às dimensões do processo de ensino-aprendizagem. In: TEVES, Nilda e RANGEL, Mary (Orgs). **Representação social e educação**: temas e enfoques contemporâneos de pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1999. p. 47-77.

REILY, Lucia. **Músicos cegos ou cegos músicos**: representações de compensação sensorial na história da arte. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 28, n. 75, ago. 2008 . Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n75/v28n75a07.pdf> >. Acesso em: 16 de julho de 2011.

ROCHA, M. E. F. **Visão subnormal**: um enfoque educacional. Revista do Instituto Benjamin Constant, IBC, Rio de Janeiro, 2000.

RONCOLETTA, Mariana Rachel. **Calçados sensuais para mulheres excepcionais**: uma reflexão sobre design de calçados para mulheres portadoras de restrições físicas. Dissertação (Mestrado em Design). Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2009, 133f.

ROUSSO, Fabienne. A beleza através da história. In: FAUX, Doroty Schefer et.al. **Beleza do século**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000, p.25-78.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SAMPIERI, R.H.; COLLADO, C.H.; LUCIO,P.B. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SÃO PAULO, Secretaria da Educação. **Proposta curricular do estado de São Paulo**. São Paulo, 2008.

SCHWARCZ, Lilia K. No país das cores e nomes. In: QUEIROZ, Renato da Silva (Org.) **O corpo do brasileiro**: estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora Senac, 2ª edição, 2000, pp. 95-130.

SILVA, Liege Monique Filgueiras da; PORPINO, Karenine de Oliveira. **Os sentidos da beleza**: discutindo as aparências do corpo na Educação Física. Revista Digital - Buenos Aires, ano 15, nº 143, abril de 2010. Disponível em: <

<http://www.efdeportes.com/efd143/aparencias-do-corpo-na-educacao-fisica.htm> >. Acesso em 09 de janeiro de 2012.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; NEVES, Fernanda Wanzeller. **Corpo e mercado:** a eficiência do sistema *body system* de ginástica. In: I SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA & POLÍTICA – UFPR - 2009. “Sociedade e Política em tempos de incerteza”. Grupo de Trabalho 1: Gênero, Corpo, Sexualidade e Saúde. Curitiba: UFPR, 2009, pp. 2-11. Disponível em: <
<http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT1/EixoIV/corpo-e-mercado-VivianeTeixeiraSilveira.pdf> >. Acesso em 08 de julho de 2011.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física:** raízes européias e Brasil. Campinas: Ed. Autores Associados, 1994.

SOUZA, Aureci de Fátima da Costa. **O percurso dos sentidos sobre a beleza através dos séculos:** uma análise discursiva. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos e Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2004, 224f.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs). **Textos em representações sociais.** 8 Ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2003, p. 117-145.

STUART, Richard; JACOBSON, Barbara. **Peso, sexo & casamento:** como tirar esse peso da cabeça – e do coração. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. São Paulo: Saraiva. 2ª edição, 1990.

TEVES, Nilda. A representação do próprio corpo na ressocialização de jovens de rua. In: TEVES, Nilda e RANGEL, Mary (Orgs). **Representação social e educação:** temas e enfoques contemporâneos de pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1999. p. 11-45.

VENTORINI, Sílvia Elena. **A experiência como fator determinante na representação espacial do deficiente visual.** Dissertação (Mestrado). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007, 225f.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza.** Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VILELAS, José. **Investigação:** o processo de construção do conhecimento. Lisboa: Edições Sílabo, 2009.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Em: SILVA, T.T.da; HALL, S. e WOODWARD, K. (orgs). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, 2ª edição, cap.1, pp. 7-72.

ZARA, André. **Quando ser bonita atrapalha a carreira**, 11 de julho de 2011. Disponível em: < http://economia.estadao.com.br/noticias/sua-carreira,quando-ser-bonita-atrapalha-a-carreira,not_75419,0.htm >. Acesso em: 12 de julho de 2011.

Lista de Filmes:

1. **Ray** (DVD) – 2004 – Universal, EUA, colorido. Duração: 153 min. Direção: Taylor Hackford.

APÊNDICES

APÊNDICE A
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADO VOLTADO ÀS PESSOAS
COM CEGUEIRA.

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADO VOLTADO ÀS
PESSOAS COM CEGUEIRA.**

- 1- Você conhece pessoas bonitas?
- 2- Como você sabe que elas são bonitas?
- 3- O que é ser bonito(a)?
- 4- Quais seriam as qualidades (atributos) de uma pessoa bonita?
- 5- Você se considera uma pessoa bonita? Por quê?
- 6- Todos(as) podem ser bonitos(as)?
- 7- Como uma pessoa pode se tornar bonita? O que ela precisa fazer?
- 8- Onde podemos encontrar pessoas bonitas?
- 9- Ser bonito(a) é importante? Por quê?
- 10- Como são as pessoas que não são bonitas? Será que isso atrapalha suas vidas de alguma forma?
- 11- Qual a importância da beleza para os relacionamentos humanos?
- 12- Como é para você um corpo ideal/perfeito?
- 13- Existe um padrão ou modelo de beleza dominante na sociedade? Como ele é criado?
- 14- A televisão ajuda a construir esse padrão ou modelo de beleza? De que forma?
- 15- Existem diferenças entre os padrões de beleza femininos e masculinos? Se sim, quais?